



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS CHAPECÓ

CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

FRANCO APOLO RUIVER

**ESTRATÉGIAS PARA O FOMENTO DO COOPERATIVISMO ESTUDANTIL: UMA
PROPOSTA DE PLANO DE AÇÃO COM BASE NO MAPEAMENTO DE
EXPERIÊNCIAS E NA CONSULTA A ESTUDANTES DA UFFS CAMPUS CHAPECÓ**

CHAPECÓ

2018

FRANCO APOLO RUYER

**ESTRATÉGIAS PARA O FOMENTO DO COOPERATIVISMO ESTUDANTIL:
UMA PROPOSTA DE PLANO DE AÇÃO COM BASE NO MAPEAMENTO DE
EXPERIÊNCIAS E NA CONSULTA A ESTUDANTES DA UFFS CAMPUS CHAPECÓ**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção de
grau de Bacharel em Administração da
Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Darlan Christiano Kroth

**CHAPECÓ
2018**

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Ruver, Franco Apolo
Estratégias para o fomento do cooperativismo
estudantil: uma proposta de plano de ação com base no
mapeamento de experiências e na consulta a estudantes da
UFFS campus Chapecó/ Franco Apolo Ruver. -- 2018.
101 f.:il.

Orientador: Darlan Christiano Kroth.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Administração, Chapecó, SC, 2018.

1. Cooperativismo. 2. Cooperativismo Estudantil. 3.
Mapeamento de Experiências. 4. Constituição de
cooperativas. 5. Plano de Ação. I. Kroth, Darlan
Christiano, orient. II. Universidade Federal da
Fronteira Sul. III. Título.

FRANCO APOLO RUVER

**ESTRATÉGIAS PARA O FOMENTO DO COOPERATIVISMO ESTUDANTIL: UMA
PROPOSTA DE PLANO DE AÇÃO COM BASE NO MAPEAMENTO DE
EXPERIÊNCIAS E NA CONSULTA A ESTUDANTES DA UFFS CAMPUS
CHAPECÓ**

Trabalho de Conclusão do Curso de Administração apresentado como requisito para a obtenção de grau de Bacharelado em Administração da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS.

Orientador (a) Prof.(a): DARLAN CHRISTIANO KROTH – UFFS

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca na data de:
26 de Julho de 2018.



DARLAN CHRISTIANO KROTH – Doutor



TOMÉ COLETTI – Mestre



TATIANE SALETE MATTEI – Mestre

Dedico este trabalho primeiramente a minha namorada Renata, por todo o apoio e compreensão durante a minha jornada.

A minha família que sempre me deu apoio e recursos para seguir o meu caminho, mesmo que passando por momentos delicados, sempre se mostraram a disposição para ajudar.

Ao Curso de Administração da Universidade Federal da Fronteira Sul, por todo aprendizado e experiência adquiridos nesta instituição, que deu todo o suporte necessário para a minha formação acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Prof. Dr. Darlan, por servir de direcionador ao meu estudo, a sua parceria, paciência e esforço para a construção deste trabalho e por todo o apoio e dedicação empenhados junto a mim.

A todos os meus professores de graduação, ensino médio e ensino fundamental, este trabalho só foi possível graças a uma construção longa e gradativa, da qual, cada um, teve uma imensurável colaboração. A todos, meus mais sinceros agradecimentos.

Aos servidores da UFFS, sempre que necessário estiveram de prontidão para auxiliar e prestar o seu serviço com dedicação e presteza.

À Sem Fronteiras Consultoria Júnior, Empresa Júnior do curso de Administração, por colaborar para a realização de meu estágio, e por todos os momentos da qual fez-se necessário à vossa colaboração. Ao Centro Acadêmico de Administração, da qual sou fundador e incentivador, por todo o conhecimento e desenvolvimento pessoal adquirido.

A empresa São Carlos Tur que prestou serviços de transporte em todo o período da graduação, em especial ao “Zé” motorista, que sempre soube conduzir com muita responsabilidade o veículo que transportava e continua transportando vários jovens sonhadores, que vivem em cidades distantes de Chapecó.

Aos Amigos do Robetão, Alan Huppes, Giovani Nissola, Ivan Wilpert e Junior Montagna, também aos colegas Leondir Polli, Bruno Guedes, Geisi Maestri e Aline Pereira, meus amigos de graduação e de vida, por todo o apoio e amizade construídos ao longo do tempo. Também a todos os colegas da qual tivemos alguma conexão, aos que incentivaram e aos que criticaram, a todos meus profundos agradecimentos.

Aos entrevistados, que com grande atenção e disposição, estiveram de prontidão para participar das entrevistas realizadas. A todos os respondentes da pesquisa, que, mesmo de forma voluntária, se dispuseram a contribuir com informações valiosas para que a mesma fosse possível.

A todos que de alguma forma contribuíram para conclusão deste trabalho e da graduação, minha mais sincera e profunda gratidão!

Resumo

O cooperativismo passou a assumir, ao longo das últimas décadas, uma importância cada vez mais considerável. Os seus princípios, bem como o seu propósito de existir, fazem das cooperativas organizações diferenciadas, com foco na ação coletiva e ajuda mútua. Construir um empreendimento cooperativista capaz de gerar retornos financeiros e socioculturais a seus associados, exige um longo processo de planejamento e de construção coletiva, possibilitando assim que seus associados e sociedade em geral, tenham a sua disposição, uma alternativa sustentável. Neste sentido, buscou-se propor estratégias para fomentar o comportamento cooperativista entre os estudantes da UFFS campus Chapecó para a constituição de uma cooperativa de estudantes. Para que tal objetivo fosse alcançado, realizaram-se entrevistas com representantes de seis cooperativas estudantis dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Outra forma de atingir o objetivo do estudo, foi através da realização de uma pesquisa com os estudantes, com vistas a compreender o seu perfil, a sua percepção quanto ao cooperativismo e também a sua predisposição ao cooperativismo. O estudo é de natureza qualitativa e quantitativa, classificada quanto aos fins como descritiva e quanto aos meios, como estudo de campo. A coleta de dados foi realizada em dois momentos, o primeiro, através de uma entrevista semiestruturada, por meio de uma amostragem por conveniência, e em segundo momento, realizou-se a coleta de dados junto aos estudantes da UFFS campus Chapecó, através de um questionário fechado. Como resultados da pesquisa, observa-se, inicialmente, que as experiências cooperativistas na área estudantil apresentam grande importância para a manutenção e a promoção da educação. Em análise aos dados coletados junto aos estudantes da UFFS, percebe-se que o conhecimento sobre o cooperativismo é bastante superficial, contudo, a percepção dos estudantes a respeito do cooperativismo, a sua propensão ao consumo e predisposição a associação são bastante positivos. Para a viabilização e consolidação de uma cooperativa de estudantes na UFFS campus Chapecó, tornam-se necessárias a tomada de algumas medidas propostas em um plano de ações, como por exemplo, gerar conhecimento sobre cooperativismo na universidade, definir o ramo de atuação da cooperativa, suas principais atividades e benefícios aos associados e o processo de constituição da cooperativa.

Palavras-chave: Cooperativismo; Cooperativismo Estudantil; Mapeamento de Experiências; Constituição de cooperativas; Plano de Ação.

ABSTRACT

The cooperativism became increasingly important along the last decades. Its principles, as well as its existential purpose, turn the co-ops into unique organizations, focusing on the collective action and mutual help. Founding a co-operative capable of producing financial and sociocultural returns to its members requires a long planning and collective building, that enables the members and overall society to have a sustainable alternative. Therefore, it was sought to define strategies to foster the cooperative behavior among the students of UFFS campus Chapeco for the constitution of a student co-op. So, interviews were conducted with representants of six student co-ops in the states of Santa Catarina and Rio Grande do Sul. Also, it was conducted a survey with the students, intending to understand their profiles, and their perception and predisposition towards cooperativism. The research is of qualitative and quantitative nature, with descriptive goals and field study methods. There were two stages of data collection, the first through an semi structured interview, through convenience sampling, and the second through the collection of data from the students of UFFS campus Chapeco through a closed survey. As results, the first findings are that the student co-op experiences are important for keeping and promoting the education. The analysis of student data at UFFS shown that the cooperativism knowledge is still superficial, but the perception, consuming propensity and membership predisposition are highly positive. To make viable the consolidation of a student co-op at UFFS campus Chapeco, necessary measures were proposed in an action plan, like disseminating knowledge about cooperativism at the university, defining its business line, its main activities and benefits to the members, and its constitution process.

Keywords: Cooperativism. Student co-ops. Experiences mapping. Co-ops constitution. Action plan.

Lista de Figuras

Figura 1 - Diferenciação entre cooperativas e outros tipos de empreendimentos	22
Figura 2 - Estrutura básica de uma Cooperativa.....	28
Figura 3 - Processo de coleta de dados	36
Figura 4 - Processo de construção do plano de ação	40

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Características do perfil do estudante.....	65
Gráfico 2 - Nível de conhecimento sobre o cooperativismo	66
Gráfico 3 - Percepção sobre cooperativismo na sociedade atual.....	66
Gráfico 4 - Conhecimento sobre os princípios cooperativistas	67
Gráfico 5 - Conhecimento sobre princípios por curso.....	68
Gráfico 6 - Conhecimento sobre a estrutura societária.....	68
Gráfico 7 - Conhecimento sobre sobras da cooperativa	69
Gráfico 8 - Nível de conhecimento sobre autogestão.....	70
Gráfico 9 - Percepção da rede de relacionamentos sobre o cooperativismo	70
Gráfico 10 - Interesse dos estudantes em se associar a uma cooperativa.....	71
Gráfico 11 - Expectativa de retribuição da cooperativa aos associados	72
Gráfico 12 - Interesse em participar de eventos da cooperativa	73
Gráfico 13 - Interesse em fazer parte da diretoria	73
Gráfico 14 - Tempo disponível para participar da cooperativa	74
Gráfico 15 - Recurso financeiro disponível para integralizar na cooperativa	75
Gráfico 16 – Propensão ou consumo de produtos e serviços de uma cooperativa	75
Gráfico 17 - Possíveis atividades de atuação de uma cooperativa estudantil.....	76

Lista de Quadros

Quadro 1 - Cooperativa x Empresa Mercantil.....	22
Quadro 2 - Princípios cooperativistas na visão da ICA e da OCB	24
Quadro 3 - Ferramenta 5W2H	39
Quadro 4 - Cooperativas entrevistadas	41
Quadro 5 - Resumo das principais características das cooperativas.....	61
Quadro 6 - Estratégias de ação para constituir e consolidar uma cooperativa estudantil	83

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1.	OBJETIVOS	16
1.1.1.	Objetivo geral.....	16
1.1.2.	Objetivos específicos.....	17
1.2.	JUSTIFICATIVA	17
2	REFERENCIAL TEÓRICO	19
2.1.	ECONOMIA SOLIDÁRIA	19
2.2.	COOPERATIVISMO.....	20
2.2.1.	O que é o cooperativismo?	20
2.2.2.	Aspectos primordiais ao surgimento de cooperativas	30
2.3.	GESTÃO DE COOPERATIVAS	31
2.3.1.	Autogestão	32
3	METODOLOGIA	34
3.1.	TIPO DE ESTUDO	34
3.2.	UNIVERSO E AMOSTRA	35
3.3.	COLETA DE DADOS.....	36
3.4.	ANÁLISE DOS DADOS.....	38
3.5.	FERRAMENTA 5W2H E A CONSTRUÇÃO DO PLANO DE AÇÃO	38
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	40
4.1.	MAPEAMENTO DE EXPERIÊNCIAS COM COOPERATIVAS ESTUDANTIS	40
4.1.1.	Entrevista com a Cooperativa 1	41
4.1.2.	Entrevista com a Cooperativa 2	45
4.1.3.	Entrevista com a Cooperativa 3	48
4.1.4.	Entrevista com a Cooperativa 4	49
4.1.5.	Entrevista com a Cooperativa 5	51
4.1.6.	Entrevista com a Cooperativa 6	53
4.2.	RESULTADOS DA PESQUISA COM ESTUDANTES DA UFFS	63

4.2.1.	Perfil do estudante da UFFS.....	63
4.2.2.	Percepção e conhecimento dos estudantes sobre o cooperativismo	64
4.2.3.	Pré-disposição a cooperação na UFFS.....	71
4.3.	ESTRATÉGIAS DE AÇÃO PARA A CONSTITUIÇÃO DE UMA COOPERATIVA NA UFFS.....	81
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
	REFERÊNCIAS	89
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	92
	APÊNDICE B – FORMULÁRIOS ENVIADO AOS ESTUDANTES	93

1 INTRODUÇÃO

O cooperativismo é um movimento que vem ganhando força pelo mundo todo, desde 1844, ano em que se fundou a primeira cooperativa em Rochdale na Inglaterra, o mundo vem percebendo a importância das cooperativas para o desenvolvimento socioeconômico cultural. A cada dia que se passa, novas cooperativas vão surgindo, fazendo com que se atinja os objetivos de uma determinada sociedade ou grupo de pessoas.

Em seu principal conceito, o desenvolvimento sustentável, como define Schneider (2015) é o equilíbrio entre os fatores ambientais, as questões inerentes ao desenvolvimento econômico e o direito ao bem-estar das gerações futuras, portanto, envolve a harmonia entre os fatores econômico, social e ambiental. É neste aspecto que se pode dizer que as cooperativas exercem um grande papel para o desenvolvimento sustentável, principalmente no que se refere ao socioeconômico, pois, conforme dados publicados pela SESCOOP/RS (2017), baseada em dados do ano de 2016, mostra que as cooperativas beneficiam direta ou indiretamente 51,6 milhões de pessoas no Brasil, considerando as famílias dos 12,9 milhões de cooperados. A importância das cooperativas se mostra também com relação aos empregos gerados por essas instituições, já que, as cooperativas brasileiras empregam cerca de 372 mil pessoas.

A geração de oportunidades de trabalho, é um dos fatores primordiais para a diminuição da desigualdade social e a melhoria do bem-estar populacional. A diminuição da desigualdade social proporciona uma rede de benefícios, como, o aumento da renda per capita da população, o PIB do país, estados e municípios, a redução da pobreza, fome, melhoria das condições habitacionais, educacionais e de saúde da população. Esses fatores possibilitam a melhoria das condições de vida da população, gerando bem-estar social. O cooperativismo contribui com a inclusão econômica e a conquista por benefícios sociais, em países que possuem graves problemas sociais e econômicos como o Brasil e seus vizinhos latinos, da qual, esses países apresentam políticas públicas para o incentivo ao cooperativismo como uma maneira de incluir economicamente a parcela mais pobre da população, buscando construir um movimento social, político e econômico, permitindo mais acesso a riqueza (NETO, 2012).

Parte-se do pressuposto de que uma empresa privada se trata de uma sociedade de capital e uma cooperativa uma sociedade de pessoas, sendo que os objetivos da primeira são voltados a expansão econômica dos sócios e da segunda a satisfação das necessidades dos associados. O capital social de uma empresa privada é integralizado por seus sócios, com as cooperativas o mesmo acontece, o diferencial é que para que uma cooperativa seja constituída, é necessário de no mínimo vinte pessoas para a formação do conselho de Administração. Uma cooperativa

nasce de uma necessidade conjunta, na qual existe a vontade de viabilizar um empreendimento capaz de gerar retornos econômicos e sociais para os seus cooperados. Geralmente uma pessoa ou um pequeno grupo de pessoas não consegue viabilizar um determinado empreendimento, mas com a união e a cooperação de várias pessoas o empreendimento se viabiliza. Essa união, conseqüentemente, faz com que se reduzam os custos com investimentos, pois rateiam-se custos, fazendo com que, todos colham os frutos em conjunto, sem ter grande dispêndio de capital. Existem situações em que cooperativas surgem para favorecer comunidades inteiras, em cerca de 564 municípios brasileiros, as cooperativas de crédito são as únicas instituições financeiras locais, 807 municípios brasileiros são atendidos por cooperativas de eletrificação e 38% dos brasileiros são atendidos em cooperativas de saúde (SESCOOP/RS, 2017).

Ao redor de todo o planeta, cerca de 100 países possuem organizações cooperativas, com um montante de 2,6 milhões de cooperativas, empregando assim, 250 milhões de pessoas, desta forma, apenas o sistema cooperativista mundial congrega algo em torno de 1 bilhão de pessoas, ou seja, de cada 7 pessoas, 1 faz parte de uma cooperativa. Não se pode deixar de notar ainda, que se juntasse as 300 maiores cooperativas do mundo na forma de um país, seria a 9ª economia mundial (OCB, 2017).

O crescimento do cooperativismo pelo mundo vem possibilitando o surgimento de novas oportunidades de negócios, negócios estes que não visam lucro para seus acionistas, mas sim, a divisão dos resultados entre os cooperados. Para uma melhor compreensão da diferença entre o cooperativismo e uma empresa convencional, Crúzio (2005) cita que, em uma empresa, a divisão de lucros se dá pela quantidade de capital próprio investido, ou seja, quanto mais a pessoa investe na empresa, mais ela tem controle sobre as operações da empresa. Já uma cooperativa baseia-se no princípio “um homem, um voto”, na qual cada associado exerce o mesmo poder de influência dentro da organização, independentemente do seu investimento na cooperativa.

O estado de Santa Catarina é considerado o estado brasileiro mais cooperativista do Brasil, com um total de 264 cooperativas conveniadas ao Sindicato e Organização das Cooperativas do Estado de Santa Catarina (OCESC, 2017), sendo um ambiente propício para a difusão da educação cooperativista e o surgimento de novas organizações cooperativas.

Cooperativas formadas por estudantes possuem os mais diversos objetivos, que podem vir a ser de produção, comercialização ou qualquer aplicação às necessidades sentidas pelos cooperados. Assim como destaca Andrioli (2007, p.43), “o cooperativismo pode oferecer elementos importantes para a educação, se considerarmos a cooperação como base da sociabilidade”. É neste aspecto que se pode dizer que o cooperativismo e a educação são

práticas sociais, e surgem como produtos sociais, decorrentes das necessidades humanas (ANDRIOLI, 2007). A relação principal existente entre educação e cooperação é o fato de ambas atenderem demandas sociais, principalmente geradas pela necessidade de relacionamento e construção cultural do ser humano.

As cooperativas com base nos princípios da economia solidária são um grande mecanismo de viabilizar empreendimentos solidários, com vistas a atender públicos desfavorecidos, pois permite a união de pessoas, recursos e redes sociais que propiciam os elementos para a geração e sustentabilidade de emprego e renda (AZAMBUJA, 2009). Nesta seara se enquadram as cooperativas de estudantes, pois, visam, através do trabalho colaborativo a melhoria das condições de educação.

Uma organização cooperativista formada, principalmente por estudantes, deve abrir espaços para a vivência da cooperação, ao invés do estímulo a competição (ANDRIOLI, 2007). Em sua obra, Andrioli (2007) conclui que as cooperativas escolares não visam lucros, são mais organizadas e são mais superficiais, o que favorece o princípio da autogestão, na qual os próprios cooperados fazem a gestão da cooperativa. Ainda conforme Andrioli (2007), um dos grandes desafios e fatores limitadores desse tipo de cooperativa é a baixa participação e envolvimento dos alunos/cooperados quanto as questões da cooperativa.

Com relação as oportunidades de desenvolvimento proporcionadas pelas cooperativas, e as oportunidades analisadas, busca-se com este estudo, responder: **Quais as estratégias a serem desenvolvidas para fomentar o comportamento cooperativista entre os estudantes da UFFS campus Chapecó para a constituição de uma cooperativa de estudantes?**

1.1. OBJETIVOS

Assim como destaca Vergara (2013, p.18), “Se o problema é uma questão a investigar, o objetivo é um resultado a alcançar”, neste sentido, o objetivo principal ou geral, busca a resposta para o problema de pesquisa, já os objetivos específicos ou intermediários, são aqueles que dependem do alcance do objetivo final. Estes formam um caminho pelo qual deve-se percorrer para responder o problema de pesquisa.

1.1.1. Objetivo geral

Propor estratégias para fomentar o comportamento cooperativista para a constituição de uma cooperativa de estudantes na UFFS campus Chapecó/SC.

1.1.2. Objetivos específicos

- a) Mapear experiências em cooperativas estudantis;
- b) Analisar o perfil dos acadêmicos, suas percepções quanto ao cooperativismo e a sua predisposição à cooperação;
- c) Propor estratégias que contribuam com a formação de uma cooperativa de estudantes na UFFS campus de Chapecó.

1.2. JUSTIFICATIVA

O cooperativismo vem se destacando por sua capacidade de desenvolver economias e sociedades, fato este proporcionado pelos seus princípios. A solidariedade é uma das premissas básicas para a existência de cooperativas, por meio da ajuda e esforços mútuos, pessoas e organizações unem forças para se tornarem mais fortes, sobrevivendo às intempéries do mercado e do dia a dia.

Assim como destaca Oliveira (2011), o fato de existirem muitas dificuldades em se manter uma organização em um contexto competitivo empresarial, o cooperativismo proporciona o agrupamento de indivíduos que buscam maneiras de ter suas atividades mais bem desenvolvidas e assim, melhor operacionalizadas. Dessa forma, surge a união de pessoas em prol do fortalecimento mútuo, visando resultados comuns e compartilhados.

Um dos fatores motivadores para a escolha do tema, provém da experiência pessoal, e do crescimento profissional, proporcionado pelo cooperativismo. O cooperativismo sempre esteve acompanhando a formação das cidades da região Oeste de Santa Catarina, desde os tempos em que se iniciaram as colônias de terras brasileiras por antepassados europeus, o espírito de solidariedade e ajuda mútua eram características muito presentes nas formações comunitárias, afirmação esta, comprovada por Andrioli (2007), destacando que naquela época, o mutirão era uma forma mais fácil de resolver os problemas, dessa forma, com o trabalho coletivo e a união de esforços proporcionados pelos mutirões, fazia com que se erguessem, clubes, igrejas, escolas, hospitais, galpões, casas, estradas. Os mutirões auxiliavam na colheita, no preparo da terra e na semeadura. Assim, as famílias se uniam e faziam uma espécie de troca de serviços, na qual, uma família ajudava a outra, foi essa reciprocidade que possibilitou o desenvolvimento das comunidades e assim, o crescimento das cidades.

Com o passar do tempo, familiares tornaram-se fundadores de cooperativas e assim, deixando um legado de cooperação para as gerações atuais, que, até hoje, preservam as raízes

cooperativistas. Esta bagagem de conhecimento tácito e teórico, motivou a escolha do tema, trazendo aspectos particulares para a definição do problema de pesquisa.

Outro fator considerado para a realização do presente estudo é o fato da UFFS ser uma instituição de ensino superior que possui como um de seus pilares a cooperação. Ao longo do tempo, vem-se discutindo a criação de uma cooperativa de estudantes na universidade, contudo, a baixa colaboração faz com que as iniciativas não tenham sucesso. Este estudo visa aproximar as demandas dos acadêmicos, com os motivos que os levam a não participar de uma cooperativa, dessa forma, apresentando alternativas e estratégias para a criação de uma cooperativa de estudantes.

O curso de Administração do campus Chapecó da UFFS, possui como ênfase a gestão de pequenos empreendimentos e cooperativismo, buscando formar profissionais dotados de capacidade analítica e empreendedora, comprometidos com os processos de cooperação, voltados ao desenvolvimento econômico regional integrado e sustentável (UFFS, 2017). O curso possui disciplinas específicas para a compreensão do fenômeno cooperativista, bem como a gestão de organizações cooperativas. Uma cooperativa de estudantes contribuiria de forma muito positiva, para com o curso de Administração, servindo como um laboratório, bem como também, para os estudantes dos demais cursos da instituição, que buscassem novos conhecimentos.

O referido trabalho contribui com o desenvolvimento de competências e habilidades imprescindíveis para um profissional em Administração, em especial, para a gestão de empreendimentos cooperativistas. O estudo poderá servir de base para a constituição de cooperativas, auxiliando no desenvolvimento e na promoção de atitudes cooperativistas, como a criação de uma rede de cooperação, pautada na solidariedade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico, como o próprio nome já adianta, busca o embasamento para a futura interpretação dos dados, por meio de uma revisão das discussões e autores que estão colaborando com a pesquisa acerca do tema estudado. A pesquisa que circundou o tema, mostrou uma escassez de pesquisas na área do cooperativismo estudantil, explorando-se assim, aspectos generalizados do cooperativismo, inerentes a uma cooperativa de estudantes. Dessa forma, buscar-se-á contextualizar o conceito de cooperativa, seu funcionamento e suas peculiaridades.

2.1. ECONOMIA SOLIDÁRIA

O cooperativismo pode ser considerado um movimento que atua junto das camadas sociais menos favorecidas, por meio de iniciativas de economia solidária. Dessa forma, a economia solidária caracteriza-se por ser um esforço para a constituição de alternativas de produção e distribuição sob a lógica do capital. Assim, busca-se a centralidade humana, sob a ótica das necessidades de quem produz e não dos interesses do capital (MARÉCHAL, 2000, apud FRANTZ, 2012, P.26).

A economia solidária assume o papel de solidariedade aos indivíduos que em meio a sociedade são desfavorecidos, agindo de melhor maneira na integração social. Para Singer (2003, p.116), economia solidária conceitua-se por organizações de produtores, consumidores e poupadores, que se destacam por duas especialidades: “(a) estimulam a solidariedade entre os membros mediante a prática da autogestão e (b) praticam solidariedade para com a população trabalhadora em geral, com ênfase na ajuda aos mais desfavorecidos”. Neste modelo de economia não existem empregados e nem patrões, os membros do empreendimento são ao mesmo tempo trabalhadores e proprietários.

Neste sentido, organizações cooperativas são consideradas instituições que fazem parte da economia solidária, formando assim, a uma nova economia, que se reinventa a partir da desconstrução do capitalismo. Na seção seguinte discute-se o cooperativismo, sua história e suas características.

2.2. COOPERATIVISMO

Com o intuito de deixar o entendimento sobre cooperativismo mais claro, nesta seção se discutirá o conceito de cooperativa, suas características, princípios, ramos e sua estrutura organizacional.

2.2.1. O que é o cooperativismo?

Para a compreensão do movimento cooperativista, necessita-se, primeiramente, conhecer os conceitos de cooperativa, para não haver desalinhamento entre diferentes conceitos de organizações sociais.

2.2.1.1. Conceito de cooperativa

A palavra cooperativismo tem seu surgimento do latim, e possui como essência um movimento social, trata-se de um termo composto pela proposição “cum” e “operari”, a primeira significa “com, em companhia de, juntamente com” a segunda, expressada pelo verbo “trabalhar”, dessa forma, a essência do termo cooperativismo é trabalho em conjunto, e relações sociais de trabalho (FRANTZ, 2012, P. 14).

De acordo com Gawlack e Ratzke (2007), durante o X Congresso Brasileiro de Cooperativismo, definiu-se cooperativa como “uma organização de pessoas unidas pela cooperação e ajuda mútua, gerida de forma democrática e participativa, com objetivos econômicos e sociais comuns a todos, cujos aspectos legais e doutrinários são distintos de outras sociedades”.

O conceito jurídico de cooperativa, faz com que se tenha uma boa visão sobre do que se trata uma organização cooperativista, mas diversos autores buscam abordar os conceitos sob a sua ótica. Abrantes (2004) destaca que do ponto de vista jurídico e legal, o cooperativismo está ligado à associação de pessoas e meios de produção, devendo existir relações econômicas e financeiras, respeitando a legislação brasileira.

Para embasar a discussão a respeito do conceito de cooperativa, a Lei nº 5.764 de 1971, conhecida como a lei das cooperativas, institui que, conforme o Art. 3º desta constituição, “Celebram contrato de sociedade cooperativa as pessoas que reciprocamente se obrigam a contribuir com bens ou serviços para o exercício de uma atividade econômica, de proveito comum, sem objetivo de lucro”. Também em seu Art. 4º, “As cooperativas são sociedades de

pessoas, com forma e natureza jurídica próprias, de natureza civil, não sujeitas a falência, constituídas para prestar serviços aos associados”.

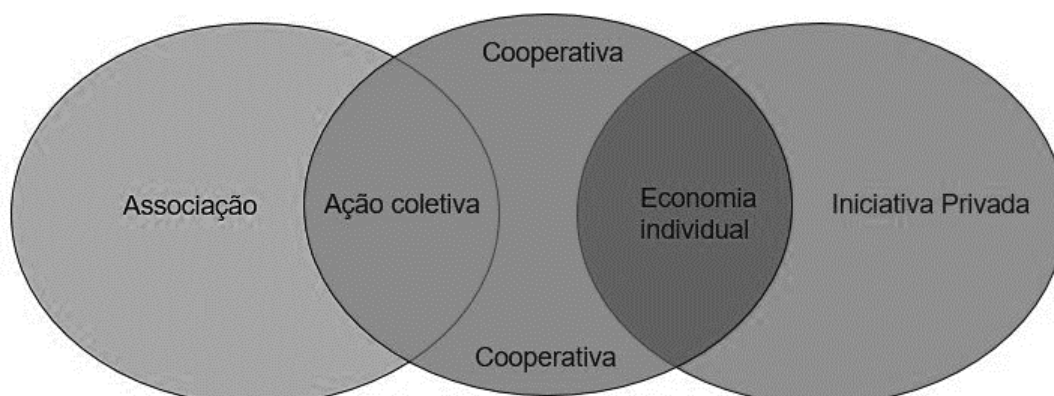
Em suma, uma cooperativa é um ente jurídico, composto por pessoas dispostas a contribuir com bens e/ou serviços, para satisfazer alguma necessidade de proveito comum sem gerar lucro, e sim, sobras, que devem ser distribuídas igualmente entre os cooperados. Uma cooperativa não entra em processo de falência, mas pode ser dissolvida pela decisão de sua assembleia geral. Haverá um melhor entendimento sobre o funcionamento das cooperativas nos tópicos posteriores.

O cooperativismo moderno, como destacado por Frantz (2012), ultrapassa as barreiras das necessidades humanas, e visa defender os interesses e o trabalho de seus associados, estimulando-os assim, a cooperação. Neste sentido, o cooperativismo possui forte apelo para a economia, como exemplo disso, pode-se ter o aumento do poder de barganha para com os fornecedores, na qual, se passa a ter um preço diferenciado para insumos diversos, através da quantidade adquirida, dessa forma, reduzindo os custos na aquisição, gerando economia aos cooperados.

2.2.1.2. Características das cooperativas

Como forma de diferenciar uma cooperativa de uma associação e de uma empresa privada, partimos do pressuposto de que a cooperativa é um modelo híbrido entre uma associação e uma empresa. Dessa forma, a cooperativa é uma associação de pessoas e não de capitais com um objetivo de fortalecer o elo econômico dos associados. Neste sentido, a cooperativa funciona como uma empresa comum, mas com objetivo de complementar a administração das economias individuais, sempre com uma visão de coletividade, o coletivo em prol do individual (FRANTZ, 2012).

Figura 1 - Diferenciação entre cooperativas e outros tipos de empreendimentos



Fonte: Elaborado pelo autor, 2017.

Conforme observado na Figura 1, a cooperativa agrega elementos provindos de diferentes setores a economia, uma espécie de modelo híbrido, composto por uma característica de coletividade e uma preocupação com o escopo econômico do associado. Esse sistema permite que os cooperados sejam ao mesmo tempo sócios, investidores e gestores do negócio, pois as decisões são tomadas em conjunto, através do órgão máximo, a assembleia geral, na qual se discutirá nas seções subsequentes. O Quadro 1 traz um comparativo entre o modelo cooperativista e o tradicional.

Quadro 1 - Cooperativa x Empresa Mercantil.

EMPREENHIMENTO COOPERATIVO	EMPRESA MERCANTIL
Objetivo: prestação de serviços	Objetivo: lucro
Sociedade de pessoas	Sociedade de Capital
O retorno dos resultados é proporcional ao valor das operações	O dividendo é proporcional ao valor total das ações
É uma sociedade simples, regida por uma legislação específica	Sociedade de capital – ações
Número de associados limitado à capacidade de prestação de serviços, podendo, no entanto, ser ilimitado	Número limitado de sócios
Controle democrático, reconhecimento das manifestações da maioria – cada pessoa um voto	Cada ação – um voto
Assembleia – “quórum” baseado no número de associados	Assembleia – “quórum” baseado no capital
Não é permitida a transferência de quotas-parte a terceiros	É permitida a transferência e a venda de ações a terceiros

Fonte: Adaptado de Gawlak (2007, p. 53).

As cooperativas como já visto, são organizações que possuem algumas características próprias, desta forma, Crúzio (2005, p. 17) busca sintetizar algumas de suas características:

- Permitir o livre acesso de pessoas, atendendo os objetivos do grupo;
- O capital social é constituído de quotas partes, em que, cada associado adquire um número mínimo de quotas partes e a soma de todas as quotas constitui o capital social;
- O associado pode se desligar a qualquer momento, desde que não haja pendências com a cooperativa;
- Quotas partes são intransferíveis a terceiros ou estranhos a cooperativa;
- As quotas tornam-se bens da família do associado, caso o mesmo venha a falecer;
- Cada associado tem direito a um voto nas reuniões da Assembleia Geral dos Sócios, independente das condições econômicas, políticas e sociais de cada um.
- Uma cooperativa distribui sobras líquidas de acordo com a movimentação do associado, salvo a decisão da Assembleia Geral;
- Constituem um Fundo de Reserva para cobrir possíveis perdas;
- Constituem um Fundo de Assistência Técnica, Educacional e Social para educação dos associados e de suas famílias.

Como se pode perceber neste levantamento, uma cooperativa visa ao máximo a igualdade entre os sócios, através do princípio “um homem, um voto”, e também uma preocupação importante, e que se destaca das demais organizações, é a segurança da aplicação dos associados, na qual, a cooperativa constitui fundos, investindo boa parte das sobras líquidas em reservas para investimentos na expansão da cooperativa, reservas para contingências (possíveis perdas) e na educação cooperativista.

2.2.1.3. Princípios do cooperativismo

Algumas das características do cooperativismo vistas na seção anterior, vão de acordo com os princípios cooperativistas, Frantz (2012) ressalta que os princípios orientam as práticas, estas são normas de ação, então, os princípios do cooperativismo não passam de requisitos básicos que uma cooperativa deve atender para ser efetivamente uma cooperativa.

A International Co-operative Alliance (ICA)¹, é uma associação internacional estabelecida em 1895 para proporcionar o avanço do modelo cooperativista pelo mundo. Os membros da ICA são federações de cooperativas a nível nacional, cooperativas individuais ou órgãos governamentais ligados ao cooperativismo. A ICA que opera em um escritório global em Bruxelas, na Bélgica (INTERNATIONAL CO-OPERATIVE ALLIANCE, 2017), redefiniu em 1995, conforme Crúzio (2005), os sete princípios básicos do cooperativismo, dispostos no Quadro 2.

Quadro 2 - Princípios cooperativistas na visão da ICA e da OCB

<i>International Co-Operative Alliance</i>	Organização das Cooperativas Brasileiras
Voluntary and Open Membership	Adesão voluntária e livre
Democratic Member Control	Gestão democrática
Member Economic Participation	Participação econômica dos membros
Autonomy and Independence	Autonomia e independência
Education, Training and Information	Educação, Formação e Informação
Co-operation among Co-operatives	Intercooperação
Concern for Community	Interesse pela comunidade

Fonte: Adaptado de International Co-operative alliance (2017) e Organização das Cooperativas Brasileiras (2017).

O primeiro princípio, a Adesão voluntária e livre diz respeito a entrada e saída dos associados, as cooperativas são abertas a quem quer participar, mas os seus objetivos econômicos devem estar alinhados com os da cooperativa e deve estar disposto a assumir obrigações como membro (OCB, 2017). Frantz (2012) destaca que as pessoas devem ter as mesmas condições e não devem haver nenhum tipo de discriminação.

A gestão democrática trata de como a cooperativa é gerida, neste caso pode-se dizer que as cooperativas são organizações democráticas, pois são controladas por seus próprios membros, participando da tomada de decisões (OCB, 2017). Crúzio (2005) ainda destaca que os sócios têm igualdade na votação, partindo do princípio de que cada sócio corresponde a um voto.

Conforme OCB (2017), o princípio da participação econômica dos membros leva em consideração que os associados de uma cooperativa devem contribuir de forma equitativa para a formação do capital social da organização. Certa parte do capital dos membros é um bem comum da cooperativa, na qual os associados podem receber, em caso de sobras uma remuneração limitada ao capital que estes, haviam investido (CRÚZIO, 2017). Uma cooperativa não possui lucro líquido, como é chamado na linguagem empresarial convencional,

¹ Aliança Cooperativista Nacional (ACI), tradução do inglês.

mas sim, sobras, estas sobras possuem destinos diversos, como, proporcionar o crescimento e o desenvolvimento da cooperativa, formar reservas, beneficiar os associados com seus retornos ou qualquer destinação que for decidida pela assembleia geral da cooperativa.

A autonomia e independência, refere-se ao fato de que cooperativas são organizações autônomas e são controladas pelos seus membros, essa condição da autogestão deve ser algo imutável (OCB, 2017). Crúzio (2005) destaca que em caso de acordos operacionais entre as cooperativas com empresas privadas ou parcerias governamentais, deve-se garantir de que o controle da cooperativa continue sendo de maneira democrática, sempre mantendo sua autonomia.

As cooperativas também são responsáveis pela educação, formação cooperativista e informação de todas as suas partes interessadas, podendo ser, cooperados, dirigentes, administradores, bem como seus colaboradores e também clientes, buscando sempre o desenvolvimento de sua equipe e assim dos negócios (CRÚZIO, 2017). A OCB (2017) ainda trabalha com a perspectiva de que esse desenvolvimento dos negócios pode contribuir com o desenvolvimento dos lugares onde as cooperativas estão inseridas, buscando sempre transmitir a natureza e as vantagens do cooperativismo.

A intercooperação se refere ao trabalho em conjunto, quando duas ou mais cooperativas trabalham com um único objetivo. A cooperação entre cooperativas, como também é chamada a intercooperação, refere ao fortalecimento do sistema cooperativista por meio de parcerias comerciais ou não, servindo de forma mais eficaz os seus cooperados (OCB, 2017). Ainda, essas parcerias podem funcionar através de estruturas locais, nacionais, regionais e, até, internacionais (CRÚZIO, 2017).

O último princípio, interesse pela comunidade, conforme OCB (2017) refere-se à contribuição da cooperativa para com o desenvolvimento sustentável das comunidades, sempre por meio de políticas aprovadas pela assembleia geral extraordinária (CRÚZIO, 2017). É inerente destacar o papel importantíssimo das cooperativas para com o desenvolvimento das cidades mundo a fora, em muitos casos, grande parte da economia de alguns municípios giram em torno de uma cooperativa, que acaba exigindo um papel muito maior que apenas de uma empresa, e passa a assumir o papel de promotora de desenvolvimento social, econômico e ambiental, os três pilares do desenvolvimento sustentável. Uma cooperativa que cresce sem uma perspectiva de desenvolvimento sustentável não está obedecendo os seus princípios.

2.2.1.4. Ramos do cooperativismo

As cooperativas são organizações que podem ser constituídas em qualquer segmento de atividade econômica, sendo ela, voltada à produção, serviços, comercialização, ou ainda as três atividades coordenadas. Mas, as cooperativas subdividem-se em vários ramos, dentro da esfera produtiva, de serviços ou varejo.

Conforme a revista *Expressão do Cooperativismo Gaúcho* (2017), as cooperativas dividem-se em: Agropecuário; Crédito; Saúde; Infraestrutura; Transporte; Trabalho; Educacional; Produção; Consumo; Habitacional; Turismo e Lazer; Mineral e Especial. A seguir, busca-se tornar claro o conceito sobre cada ramo.

No que tange o ramo agropecuário, as cooperativas operam em diversas atividades produtivas, tendo uma gama de serviços disponíveis aos produtores rurais, sendo estes, amparados com assistência técnica, social e educacional, até fornecer insumos, receber, armazenar, industrializar e comercializar a produção (*EXPRESSÃO DO COOPERATIVISMO GAÚCHO*, 2017). Essas cooperativas são formadas por produtores rurais, que possuem os meios de produção, sendo que atuam sobre todo o processo produtivo, até a comercialização dos produtos (*GAWLAK*, 2007). Conforme dados do IBGE, 48% do que é produzido no campo, passa de certa forma em alguma cooperativa (*OCB*, 2017), destacando a importância das cooperativas no contexto socioeconômico brasileiro.

O ramo de crédito visa promover a poupança e financiar as demandas de seus associados, (*GAWLAK*, 2007). Conforme os dados da revista *Expressão do Cooperativismo Gaúcho* (2017), em 564 municípios brasileiros, as cooperativas de crédito são as únicas instituições bancárias, em todo o país, somam 976 agências.

As primeiras cooperativas de saúde nasceram no Brasil, servem de referência para o mundo todo, são formadas por cooperativas de médicos, dentistas, psicólogos ou mesmo outros profissionais da saúde, mas também podem ser constituídas pelos próprios usuários (*OCB*, 2017).

No que concerne ao ramo de infraestrutura, *Gawlak* (2005) observa que é composto por cooperativas que possuem a finalidade de atender o seu próprio capital social, como é o exemplo das cooperativas de eletrificação rural. As cooperativas de transporte possuem como finalidade a valorização do profissional e melhoria da remuneração dos pequenos transportadores. Neste setor, existem duas modalidades, o transporte coletivo de passageiros e o transporte de cargas, a nível de país, existem 1.205 cooperativas de transporte. Observa-se que 428 milhões de

toneladas de cargas são transportados por cooperativas em todo o país ao ano (EXPRESSÃO DO COOPERATIVISMO GAÚCHO, 2017).

Nesta perspectiva, uma cooperativa de trabalho, reúne trabalhadores de qualquer categoria profissional (GAWLAK, 2005). Na concepção da OCB (2017), estas cooperativas são formadas por trabalhadores laborais, ou qualquer outro trabalhador, buscando sempre organizar atividades de proveito comum, autonomia e autogestão, visando obter melhor qualificação, renda situação socioeconômica e condições de trabalho.

Ao que diz respeito às cooperativas educacionais, OCB (2017) destaca que estas, buscam por uma educação de qualidade formando cidadãos éticos e cooperativos, com um modelo de trabalho empreendedor para os professores, principais associados deste tipo de cooperativa. Além dos professores, essas cooperativas reúnem alunos, pais e entusiastas da educação.

O ramo da produção, conforme Gawlak (2005), é composto por cooperativas que detêm os meios de produção, como máquinas e equipamentos, estas, produzem de um ou mais tipos de bens e mercadorias. As cooperativas de consumo, de acordo com OCB (2017), buscam a compra de artigos de consumo para os associados, estas, podem ser fechadas, ou seja, apenas associam-se pessoas ligadas a um ramo de atuação, ou podem ser abertas, em que, qualquer pessoa pode fazer parte. A primeira cooperativa do mundo foi uma cooperativa de consumo.

A respeito das cooperativas habitacionais, apresentam-se como uma alternativa econômica, por meio destas é possível adquirir terrenos, construção, manutenção e administração de habitações a preço de custo, através de seu autofinanciamento, uma espécie de poupança conjunta (EXPRESSÃO DO COOPERATIVISMO GAÚCHO, 2017). Como se sabe, o Brasil é um país com sérios problemas de moradia, as iniciativas cooperativistas podem auxiliar o desenvolvimento social e econômico dos cooperados, uma vez que possibilita um maior número de pessoas terem acesso a residência própria (OCB, 2017).

A qualidade de vida é um dos focos do cooperativismo, através do ramo de turismo e lazer. Neste ramo, cooperativas prestam serviços de entretenimento para os associados, como por exemplo, a realização de viagens, eventos artísticos e esportivos (OCB, 2017). Com relação às cooperativas do ramo mineral, os segmentos mais comuns são os da extração, beneficiamento e organização da produção. Sua atuação é voltada a gestão do negócio, com objetivo de organizar a atividade e legalizar as áreas exploradas (EXPRESSÃO DO COOPERATIVISMO GAÚCHO, 2017). Dentre suas atividades, OCB (2017) destaca que seu objetivo é pesquisar, extrair, lavar, industrializar, comercializar, importar e exportar produtos minerais.

Por fim, as cooperativas especiais surgem com a prerrogativa de que pessoas que precisam ser tuteladas, tenham uma oportunidade de trabalho e renda (OCB, 2017). Neste ramo, as cooperativas são administradas por outro grupo de associados da comunidade que fazem um trabalho voluntário na gestão da cooperativa.

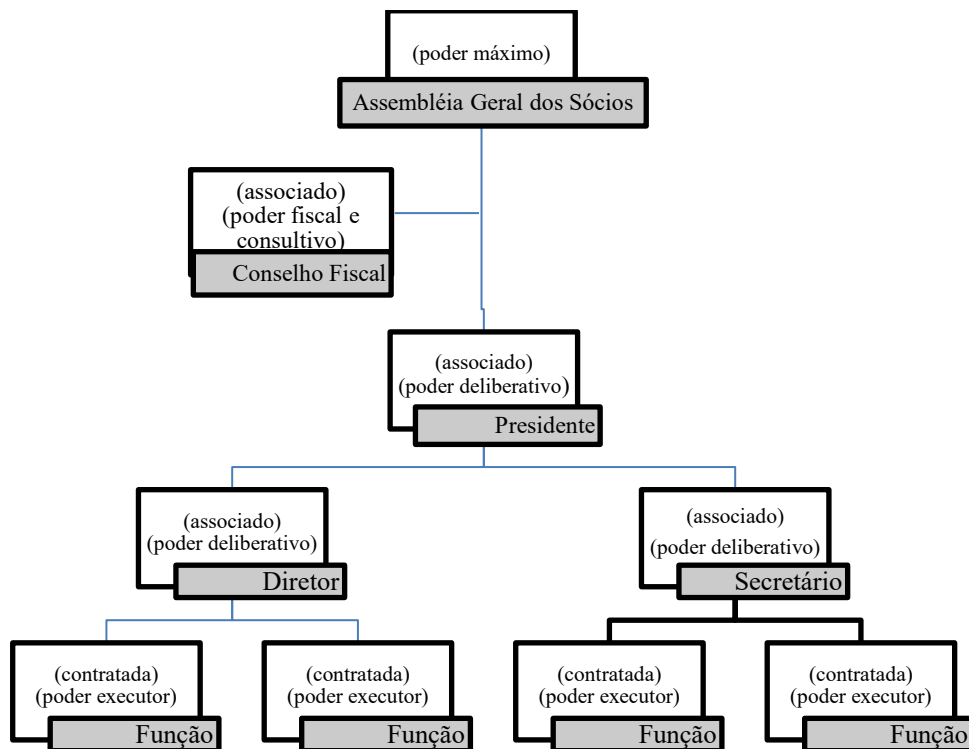
Uma cooperativa estudantil pode se enquadrar no ramo educacional pois visa a melhoria das condições de ensino, pesquisa e extensão dos estudantes, contudo, a mesma pode também, produzir e/ou comercializar produtos e serviços, caracterizando-se por uma cooperativa de produção, de consumo, trabalho, dentre outras que possam vir a ser constituídas por estudantes.

2.2.1.5. Estrutura organizacional de cooperativas

As organizações cooperativas, como já visto anteriormente, possuem características muito particulares e que se diferem bastante das organizações privadas. Uma dessas peculiaridades está na sua estrutura organizacional, na qual, conforme Oliveira (2011, p.156) "é o delineamento interativo das responsabilidades, autoridades, comunicações e decisões dos executivos e profissionais em cada unidade organizacional, com suas funções e a relação de cada parte para com as demais e a cooperativa inteira."

A estrutura básica de uma cooperativa se apresenta da seguinte forma:

Figura 2 - Estrutura básica de uma Cooperativa



Fonte: Adaptado de Crúzio (2005).

Dessa forma, a representação da estrutura básica de uma cooperativa permite a visualização dos órgãos administrativos, bem como quem se submete a quem, representando o tamanho da cooperativa em termos organizacionais (CRÚZIO, 2005).

Como primeiro nível de poder, podendo ser comparado a diretoria em uma empresa convencional, a Assembleia Geral dos Sócios é considerada o órgão supremo da cooperativa, configura-se por ser a reunião de todos os associados para, em conjunto, tomar as decisões pertinentes ao andamento da cooperativa (GAWLACK, 2007). A Assembleia Geral é dividida em Assembleia Geral Ordinária e Assembleia Geral Extraordinária, na qual, a primeira é realizada uma vez por ano, nos três primeiros meses após o exercício fiscal anterior, os assuntos abordados são principalmente a prestação de contas dos órgãos administrativos, o destino de sobras, eleição de novos membros do Conselho de Administração e Conselho Fiscal, valores de honorários, cédulas de presença, ou ainda, planos de expansão, investimento e financiamentos. A Assembleia Geral Extraordinária é realizada quando houver necessidade, tantas vezes quantas forem necessárias, e poderão englobar a reforma estatutária, a dissolução da sociedade, casos de fusão, incorporação ou desmembramentos da cooperativa, investimentos e financiamentos, caso necessário a eleição de uma nova diretoria e conselheiros, capitalizações entre outros (GAWLACK, 2007).

O Conselho Fiscal, como destacado por Gawlack (2007, p. 49) “É o órgão fiscalizador e controlador, que deve fiscalizar, assídua e minuciosamente, as operações, ações e serviços da cooperativa e comunicar à Diretoria possíveis irregularidades”. Esse conselho é constituído por três membros efetivos e três suplentes, eleitos em assembleia geral para o mandato de um ano, devendo renovar obrigatoriamente 2/3 dos seus componentes. Cada associado tem direito de ser candidato ao Conselho Fiscal e ser votado, ele deverá ter conhecimentos sobre planejamento, administração, contabilidade, análise de demonstrações contábeis, entre outros. Os conselheiros examinam mensalmente os balancetes e no final do ano apresentam aos demais associados o parecer quanto a veracidade do balanço, submetendo-o a aprovação da assembleia geral (GAWLACK, 2007).

Uma cooperativa é administrada basicamente por um Conselho de Administração, representado pelos presidente e vice-presidente, diretor, secretário e membros vogais², é

² Com relação aos membros vogais, os mesmos são eleitos em assembleia, sua função principal é reunir-se com a diretoria para tomar decisões (GAWLACK, 2007).

constituído por associados eleitos em assembleia geral e com mandatos de até quatro anos, devendo ser renovado no mínimo 1/3 do conselho a cada nova eleição.

2.2.2. Aspectos primordiais ao surgimento de cooperativas

A evolução humana só foi possível, devido ao acontecimento de três fatores primordiais, de acordo com Nowak (2006 apud LAGO; SILVA, 2011, p. 30) a seleção natural, as mutações e a cooperação natural, sendo um dos aspectos mais notáveis da evolução, partindo das dificuldades em gerar cooperação em um mundo competitivo. Pennisi (2005 apud LAGO; SILVA, 2011, p. 31) corrobora a afirmação anterior através das pesquisas de Darwin, na qual constata que tanto as pessoas quanto as formigas formam grupos sociais, em que, a maioria desses indivíduos trabalha pelo bem em comum, parecendo ir contra a proposta de que a aptidão individual seria indispensável para a sobrevivência.

A cooperação é um processo complexo, na visão de Lehmann e Keller (2006 apud LAGO; SILVA, 2011, p. 32), a cooperação só pode evoluir sob a existência de benefício direto ao exercer a cooperação, e/ou interações constantes através do conhecimento prévio do sócio, e/ou sob interações de parentesco entre os indivíduos. Neste contexto, as “manifestações de auxílio mútuo surgem, geralmente, em períodos sociais mais adversos ao atendimento das necessidades coletivas” (ARAÚJO, 1982 apud LAGO; SILVA, 2011, p. 34).

A cooperação se demonstra de diversas formas, é o que apresentam Khamis; Kamel e Salichs (2007 apud LAGO; SILVA, 2011, p. 35), primeiro a cooperação se apresenta como *Stimergy*, um termo da biologia que descreve a influência no comportamento por meio de um efeito do comportamento prévio de um ambiente, como é o caso dos feromônios³. A cooperação se apresenta também como comunicação, coordenação, na qual se trata da interdependência entre entidades cooperativas para atingir metas. Outra forma é através do altruísmo, baseado na solidariedade; reciprocidade como dependência mútua; condicionalidade, na busca de ganhos mútuos e outros padrões como racionalidade, intencionalidade, intelectualidade e reatividade.

Um empreendimento solidário como é o caso das cooperativas, proporcionam a experiência do resgate do humano a vida social, resgatando do seu mundo particular. Neste sentido, Frantz (2012, p. 26) destaca que ao relacionar o ser humano com os outros, através dos laços “sociais da amizade, da emoção, da razão, da associação, da cooperação, construindo espaços coletivos”, desperta-se o sentimento da responsabilidade social e a solidariedade,

³ São substâncias químicas produzidas por um ser, que possuem finalidade de atrair outro para uma ação.

aspectos primordiais ao desenvolvimento do ser humano, do seu ambiente de convívio e das organizações cooperativistas. É neste aspecto que Frantz (2012, p. 26) destaca a geração de um ecossistema de cooperação, quando necessariamente, “os seres humanos se humanizam pelo reconhecimento solidário e cooperativo do outro”.

É importante destacar que o cooperativismo é regido por seus valores universais, referem ao que a cooperativa preza para com os seus associados e também ao comportamento que deve ser preservado. Conforme Gawlak (2007, p.29), os valores do cooperativismo são: “ajuda mútua, liberdade, responsabilidade, democracia, igualdade, equidade e solidariedade”.

2.3. GESTÃO DE COOPERATIVAS

O detalhamento da estrutura e das bases que regem o cooperativismo permite conhecer o que é e pelo que preza uma cooperativa, conhecer o surgimento do cooperativismo é fundamental para estabelecer uma conexão entre os princípios cooperativistas e a sua consolidação como meio de desenvolvimento para as sociedades que a praticam. Busca-se ao longo deste tópico apresentar, um modelo de gestão para cooperativas, bem como algumas dificuldades encontradas na gestão de uma cooperativa estudantil.

Cooperativas são organizações autogestionadas, isso quer dizer que são seus próprios membros quem fazem a sua gestão, divididas em mandatos que permitem reeleições. Mas como é possível obter resultados em uma organização, sendo que sua gestão sofre alterações constantemente? Uma das respostas está no Modelo de Gestão aplicado na cooperativa. Oliveira (2015, p.42) conceitua modelo de gestão como o “Processo estruturado, interativo e consolidado de desenvolver e operacionalizar as atividades de planejamento, organização, direção e avaliação dos resultados, visando ao crescimento e ao desenvolvimento da cooperativa”. Busca-se assim, com um modelo bem estruturado, minimizar erros e aprimorar o processo de tomada de decisão.

O modelo de gestão das cooperativas proposto por Oliveira (2015) compõe-se de sete instrumentos administrativos, sendo eles estratégicos (planejamento, qualidade e marketing total); estruturais (estrutura organizacional e informações gerenciais); tecnológicos (produtos e serviços, processos e conhecimentos); componentes diretivos (liderança, comunicação, supervisão, coordenação, decisão e ação); os comportamentais (capacitação, desempenho, potencial, comportamento e comprometimento); avaliação (indicadores, acompanhamento, controle e aprimoramento); e por fim, os componentes de mudanças (resistências, postura para resultados e trabalhos em equipe). Oliveira salienta que esses componentes são os mais comuns

e atualizados, porém finanças, logística e produção são componentes administrativos de importância que devem ser levados em consideração.

O modelo de gestão composto pela estrutura organizacional da cooperativa, de acordo com Reisdorfer (2014, p.51) tem como objetivo “permitir que os associados possam apresentar seus problemas e necessidades”. Por meio de análises os executivos e associados podem definir ou redefinir os objetivos e metas da cooperativa para que os serviços por ela prestados tragam valor aos associados, e também, tem a mesma função para os recursos nela alocados, com o propósito de eficiência nas suas relações sociais e mercadológicas.

Dessa forma, destaca-se a complexidade e a necessidade de um modelo de gestão altamente eficiente nas cooperativas, tomando por base que a gestão de uma cooperativa se assemelha ao de uma empresa privada em alguns aspectos operacionais, devendo contemplar também, todos os aspectos inerentes aos princípios cooperativistas e também ao próprio princípio de autogestão. Neste sentido, torna-se necessário a análise do seguinte fator: o cooperativismo adota uma importância social imensa, mas as cooperativas necessitam ser igualmente eficientes sob a ótica do ponto de vista econômico, “quanto maior for a eficiência econômica da cooperativa, tanto maior será também, seu alcance social e de desenvolvimento” (NETO, 2012, P. 2012).

Nessa linha de pensamento, Neto (2012) ainda destaca que “não há lugar no sistema produtivo para organizações incompetentes, que aplicam mal os recursos produtivos da sociedade, lesam o meio ambiente e não geram resultado e bem-estar”. O autor ainda cita que as organizações cooperativas não devem limitar-se apenas a ação social, desprezando a sua planta produtiva, e que, o caso de sua ruptura por desleixo, implica em custos sociais elevados a seu quadro social.

2.3.1. Autogestão

A autogestão, além de ser uma das características mais predominantes das organizações cooperativistas e de economia solidária, é também uma das formas de se diferenciar organizações cooperativistas de empresas privadas praticantes da heterogestão. Neste sentido, a autogestão é uma iniciativa na qual seus participantes detêm a posse coletiva dos meios de produção inerentes a atividade da cooperativa, e por isso são igualmente responsáveis pelo gerenciamento do empreendimento pelo princípio de que um membro é igual a um voto (AZAMBUJA, 2009).

É neste contexto que Azambuja (2009, p. 12) salienta as principais características de uma organização autogestionária:

“posse coletiva dos meios pelos quais os indivíduos exercem a atividade econômica (produção, poupança, serviços, etc.); gestão democrática e igualitária do empreendimento através do princípio ‘um membro igual a um voto’ e, sendo, assim, o órgão máximo de decisões é a assembléia geral; divisão dos ganhos e perdas financeiras da empresa de forma igualitária ou por critérios acordados pelo coletivo, e recusa ao assalariamento permanente”.

A autogestão é em si, a soma de práticas e saberes orientados por princípios e valores⁴, que visam o desenvolvimento humano, estabelecendo condições e práticas capazes de transformar a consciência e o comportamento dos seus praticantes (AZAMBUJA, 2009).

2.3.1.1. Desafios da Autogestão

A autogestão é um dos princípios cooperativistas que mais sofre pela distorção do propósito cooperativista, muitos são os casos em que cooperativas são obrigadas a se liquidar, pois, alguns integrantes de algum conselho da cooperativa, se valeram dos benefícios do seu cargo para tirar proveito indevido. No caso estudado por Crúzio (1999) o mesmo denuncia a existência de interesses particulares de determinados sócios e que conflitavam com os interesses da cooperativa, como por exemplo, um membro do Conselho de Administração, arrendador de terras para outros sócios da cooperativa e ocupante de um cargo no poder público. Em alguns casos, a cooperativa passou a beneficiar apenas alguns tipos de cultivo, excluindo pequenos produtores locais, obrigando-os a trabalharem nas grandes propriedades dos dirigentes da cooperativa, caso tivessem alguma condição, tornavam-se arrendatários. Casos como este, estão totalmente em desacordo com a proposta do cooperativismo e fazem com que, haja uma enorme rejeição de algumas pessoas para com as cooperativas, quando ocorrem casos em que as cooperativas deixam de fazer o seu papel, cooperados e pessoas da sociedade passam a não acreditar mais nos ideais cooperativistas.

Em seus estudos, Cançado (2004, p.96) expõe alguns problemas relacionados a autogestão em uma cooperativa da Bahia, “Os cooperados elegem um Conselho de Administração e esperam que este grupo os ‘conduza’, que ‘tome as decisões’ e ‘organize o trabalho’, pois os seus membros ‘foram eleitos para isso’”. Tais afirmações do autor relatam o que parece ser um dos maiores problemas das cooperativas, a autogestão na verdade passa a ser uma “heterogestão”, em que algumas pessoas se elegem, são reeleitas, e permanecem nos cargos por muitos anos, fazendo com que tomem as decisões, muitas vezes sem o consentimento dos cooperados.

⁴ Solidariedade, igualdade, cooperação, autonomia, participação, democracia, viabilidade econômica, etc.

Esse fenômeno acaba causando um problema de apatia por parte dos cooperados, o desestímulo a participar dos conselhos, a falta de consulta e a distância dos membros dos conselhos dos cooperados, faz com que a cooperativa não passe de uma empresa normal, pois a mesma não está exercendo o seu papel. Por se tratar de uma organização autogerida, o cooperado deveria fazer parte, participar das reuniões e votações, mas o que acontece é que os cooperados acabam se afastando de suas cooperativas por se sentirem conduzidos e não condutores do processo.

Andrioli (2007) conduziu pesquisas sobre um programa, já iniciado em 1993, que visa a educação cooperativista nas escolas da região da Fronteira Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, como iniciativa de cooperativas e associações que visavam a difusão da educação cooperativista. Um dos pontos abordados por sua pesquisa, são as críticas dos alunos e professores que participam do Programa de Cooperativismo nas Escolas (PCE), sobre o atual modelo de gestão das cooperativas tradicionais e destacam, como principais problemas encontrados pela estrutura das cooperativas tradicionais e escolares, a falta de participação e engajamento dos cooperados, sendo este, um dos motivos os quais levaram a criação do PCE em 1993.

3 METODOLOGIA

Nesta seção, busca-se relatar o processo metodológico adotado no presente trabalho. No tocante a metodologia, Appolinário (2011), relata que o objetivo é explicar e detalhar as decisões e opções metodológicas adotadas pelo autor nas diversas partes e etapas do seu trabalho. Marconi e Lakatos (2010, p. 65) complementam dizendo que “o método é o conjunto das atividades sistêmicas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo”.

3.1. TIPO DE ESTUDO

Para se obter os resultados necessários para atingir o problema de pesquisa proposto, tornou-se necessário o levantamento de dados, coletando os mesmos junto da população selecionada, analisar estes dados, torná-los em informações úteis para assim, buscar um equilíbrio entre possibilidades e a real situação encontrada.

Quanto a sua abordagem, o estudo caracteriza-se por ser qualitativa, a mesma trata-se da interpretação de fenômenos e a atribuição de significados, também não requer o emprego de métodos estatísticos (TEIXEIRA, ZAMBERLAN E RASIA, 2009). Para Souza, Fialho e Otani

(2007), na pesquisa qualitativa, o pesquisador tende a analisar os dados coletados de forma indutiva, o processo e os significados são os focos da abordagem. Para o presente trabalho utilizou-se também um método de levantamento de dados primários bastante conhecido e largamente utilizado em pesquisas qualitativas, trata-se da entrevista semiestruturada. Conforme Vergara (2013) esse método possui maior profundidade, o entrevistador anota vários pontos a serem explorados, em muitos casos, a entrevista é gravada caso o entrevistado permitir, o que possibilita a sua transcrição e uma maior confiabilidade nos dados.

Quanto aos seus objetivos, esta pesquisa se apresenta como descritiva, conforme destacado por Souza, Fialho e Otani (2007, p. 38), “trata-se da descrição do fato ou do fenômeno através de levantamentos ou observação”. Vergara (2013) define ainda que a pesquisa descritiva expõe determinadas características de uma população ou de um fenômeno, podendo estabelecer correlações para assim, definir a natureza.

Outra característica determinante no processo de coleta dos dados, quanto aos procedimentos técnicos de coleta de dados, percebe-se que esta, foi uma pesquisa ou estudo de campo, já que foi feita junto ao objetivo do estudo (SOUZA, FIALHO E OTANI, 2013). Vergara (2013) ainda complementa que a pesquisa de campo além de ocorrer no ambiente onde ocorre o fato, também pode ocorrer em locais que possuem elementos para explicar determinado fenômeno.

A utilização de conceitos e experiências anteriores ao presente estudo, possibilitam a compreensão do ambiente e dos fatores motivadores da pesquisa. Conforme destaca Vergara (2013), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida baseada em material já publicado, ou seja, disponível ao público geral. No presente trabalho buscou-se a realização da pesquisa bibliográfica, principalmente para a realização da fundamentação teórica através da consulta em livros, revistas, artigos científicos, sites de órgãos reguladores e públicos, entre outros.

Utilizou-se ainda um questionário online para conhecer características da população estudada, através da representação gráfica em níveis percentuais.

3.2. UNIVERSO E AMOSTRA

Para o alcance dos objetivos da pesquisa, realizou-se uma série de seis entrevistas com cooperativas estudantis dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Neste aspecto, utilizou-se de um método de amostragem não probabilística, denominada como amostragem intencional por conveniência. De acordo com Marconi e Lakatos (2011) na amostragem intencional, o pesquisador busca a opinião de um determinado elemento da população, não sendo representativo a ela, neste caso, não se dirigindo ao público em geral, mas sim por sua

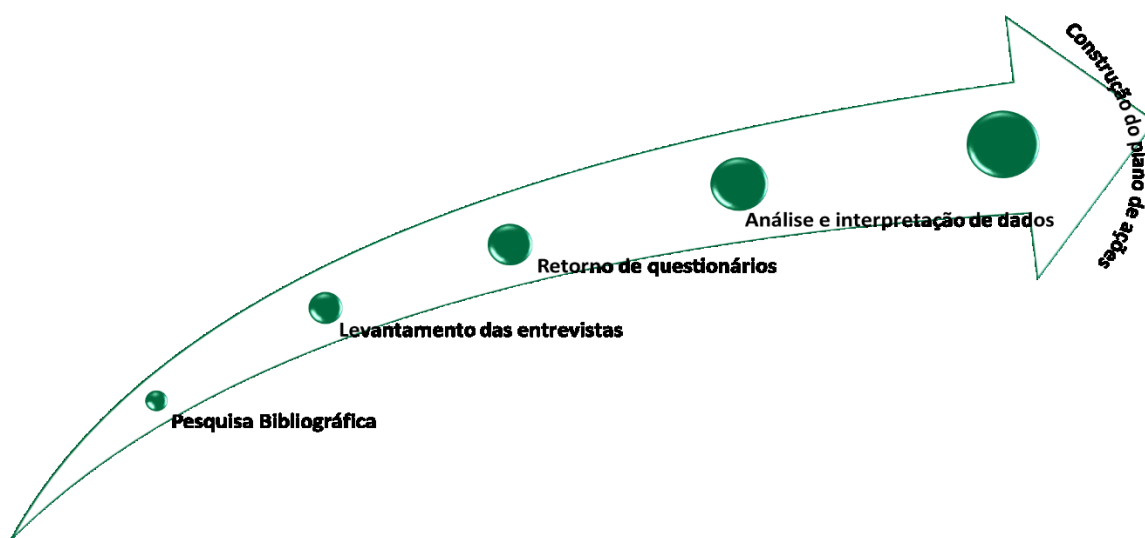
função desempenhada, como o seu cargo, prestígio social, por exercerem as funções de líderes de opinião, entre outros.

Quanto ao questionário difundido aos estudantes por e-mail e também pelas redes sociais, obteve-se 269 questionários, veiculados durante um período de 30 dias. Amostra essa que corresponde a aproximadamente 10% da população presente na universidade.

3.3. COLETA DE DADOS

Após todo o trabalho de coleta de dados secundários, realizou-se a coleta dos dados primários da pesquisa, ou seja, os dados que se extraiu da população estudada. Para atingir o primeiro objetivo desta pesquisa, foi necessário estabelecer contato com presidentes, professores orientadores ou gerentes de cooperativas estudantis. O primeiro método utilizado foi a entrevista semiestruturada, da qual, entrevistou-se dirigentes de cooperativas estudantis, para, assim, poder estabelecer correlações e comparações que possibilitem dar um direcionamento para a constituição de uma cooperativa de estudantes na UFFS campus Chapecó.

Figura 3 - Processo de coleta de dados



Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

A coleta de dados se deu de forma bastante flexível, na qual, optou-se por contato com os sujeitos através de ligações telefônicas, e-mail ou chats nas redes sociais. Neste caso, deu-se liberdade de escolha para o entrevistado, quanto ao meio de coleta dessas entrevistas, na qual a

mesma se deu por ligação telefônica (3 cooperativas), roteiro de entrevista enviado por rede social (2 cooperativas), conversa por e-mail (1 cooperativa). As entrevistas, seguiram um roteiro de entrevistas disponibilizado no Apêndice A.

A razão para a escolha dos entrevistados se deve pela conveniência, através do acesso facilitado a essas cooperativas. As cooperativas do estado de Santa Catarina se referem a cooperativas escola, que atuam junto aos Centros de Educação Profissionais (CEDUP) de Santa Catarina, ambos os CEDUPS estudados se configuram como Colégio Agrícola, sendo uma instituição que oferece ensino médio e ensino profissionalizante em período integral, com formação técnica na área agrícola.

Os entrevistados foram renomeados para melhor entendimento, compreensão e apresentação dos resultados. Entrevistado 1 se refere ao atual vice-presidente da Cooperativa 1, o Entrevistado 2 se trata do professor orientador da Cooperativa 2, o Entrevistado 3 se refere também ao professor orientador da Cooperativa 3. Ambos os entrevistados pertencem a região Oeste de Santa Catarina. O Entrevistado 4 refere-se ao presidente da Cooperativa 4, o Entrevistado 5 diz respeito ao presidente Cooperativa 5 e por último, o Entrevistado 6 se trata do gerente da Cooperativa 6, ambos pertencem ao estado do Rio Grande do Sul.

Foi realizada consulta aos estudantes da UFFS, para compreender as suas necessidades e as suas percepções quanto a temas relacionados ao cooperativismo. Como o público alvo está presente na universidade da qual o estudo foi realizado, teve-se aí, alguns fatores facilitadores para a obtenção dos dados. O nível de imersão tecnológica do público alvo é elevado, facilitando a obtenção dos dados. Do tema despertar a curiosidade da comunidade acadêmica da UFFS, por se tratar de uma região com um histórico de cooperativismo bastante evidente e das possibilidades apresentadas por uma cooperativa, já em discussão no meio acadêmico.

Nesta perspectiva, buscou-se por meio de um questionário obter os dados necessários para identificar o perfil dos estudantes, a sua percepção e conhecimento sobre o cooperativismo e a sua predisposição para cooperar. O questionário veiculado durante os dias 23 de abril de 2018 a 23 de maio de 2018, caracteriza-se por ser do tipo fechado, na qual, de acordo com Severino (2007), as questões devem ser objetivas, buscando respostas igualmente objetivas, neste caso, as respostas são escolhidas através das opções predefinidas pelo pesquisador. O questionário também contou com uma questão aberta que possibilitou aos alunos expressarem suas opiniões a respeito do cooperativismo.

Como o público alvo possui fácil disposição a meios eletrônicos, buscou-se difundir o questionário por e-mail e redes sociais, sendo estruturado através da ferramenta Google

Formulário, esta, permite criar um questionário, difundi-lo e analisar dados de forma ágil e bastante simples, eliminando o processo de tabulação de dados.

3.4. ANÁLISE DOS DADOS

A primeira etapa da pesquisa, trata-se de uma pesquisa qualitativa, da qual, possui as suas ferramentas de coleta de dados. Neste caso, optou-se pela análise de conteúdo, sendo uma técnica que busca objetividade, sistematização e inferência. Dessa forma, a análise de conteúdo “inicia pela leitura das falas, realizada por meio das transcrições de entrevistas, depoimentos e documentos” (MINAYO, 2007 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 85).

Apesar da ferramenta de coleta de dados, o Google Formulários já apresentar um sistema de análise de dados bastante satisfatória, necessitou-se para análises mais detalhadas a respeito de perfil e percepções, a utilização da ferramenta Microsoft Excel, possibilitando criar gráficos mais adequados para determinadas situações.

3.5. FERRAMENTA 5W2H E A CONSTRUÇÃO DO PLANO DE AÇÃO

Para que se possa constituir e consolidar uma cooperativa estudantil, propõem-se neste trabalho, criar um plano de ações que servirá como norteador das decisões a serem tomadas, com base nas experiências cooperativistas já estabelecidas e na pesquisa realizada com os estudantes. Para isso, apresenta-se no Quadro 3 um modelo de plano de ações chamado 5W2H, contemplando os norteadores estratégicos necessários para a criação de uma cooperativa estudantil, no atual contexto vivido pelos estudantes.

Neste sentido, para que se possa compreender do que tratam as estratégias a serem propostas, Oliveira (2011) destaca que a estratégia nada mais é do que o caminho mais adequado para se alcançar os objetivos e metas já impostos. A estratégia revela os programas de ação que a cooperativa deve implementar e as suas prioridades no momento de direcionar seus esforços (URDAN; URDAN, 2010). Dessa forma, a utilização de estratégias se fazem extremamente necessárias para construção coletiva da cooperativa, além de proporcionar maior engajamento e direcionamento aos interessados em criar uma cooperativa estudantil na UFFS campus Chapecó.

A ferramenta utilizada para o direcionamento das estratégias a serem tomadas, o controle de operações e a delegação de tarefas, é a ferramenta chamada 5W2H, o Quadro 3 apresenta o funcionamento da mesma. De modo geral, sua utilização se mostra bastante simples,

mas é fundamental para organizar o processo de constituição da cooperativa e servir como direcionador das ações a serem tomadas.

Quadro 3 - Ferramenta 5W2H

PLANO DE AÇÃO						
5W					2H	
<i>WHAT</i>	<i>WHO</i>	<i>WHERE</i>	<i>WHEN</i>	<i>WHY</i>	<i>HOW</i>	<i>HOW MUCH</i>
O QUE?	QUEM?	ONDE?	QUANDO?	POR QUÊ?	COMO?	QUANTO CUSTA?
Que ação será executada?	Quem está envolvido na ação?	Onde será executada a ação?	Quando a ação será executada?	Por que a ação será executada?	Como será executada a ação?	Quanto custa para executar a ação?

Fonte: Adaptado de Meira (2003, apud SILVA et al., 2013, p. 03).

Torna-se necessário acompanhar cada etapa do plano, dessa forma, o feedback e controle é o momento em que se acompanha os resultados e monitora-se os acontecimentos da ação, sejam eles internos ou externos (KOTLER; KELLER, 2006). Caso a cooperativa ou o grupo não tenha atingido os resultados esperados, será necessário repensar, reprogramar as estratégias de forma que sejam possíveis de alcançar (LAS CASAS, 2012).

Como se pôde perceber, a ferramenta a ser utilizada possui um conceito bastante simples, de fato, as estratégias definidas no plano de ações costumam ter uma dificuldade muito maior na sua execução. A ferramenta serve como um norteador para as decisões a serem tomadas por um possível grupo fundador de uma cooperativa de estudantes, podendo o mesmo ser revisto e adaptado às necessidades, desde que, os apontamentos realizados não sejam desconsiderados, pois provém de experiências anteriores e da consulta aos estudantes do campus.

O plano de ações foi construído com base nas experiências pessoais do autor, nas entrevistas com as cooperativas estudantis e na pesquisa com os acadêmicos da UFFS campus Chapecó. Neste sentido a Figura 4 representa os pilares para a construção do plano de ações.

Figura 4 - Processo de construção do plano de ação



4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com vistas a atingir os objetivos do presente estudo, apresenta-se os resultados obtidos junto às experiências de algumas cooperativas estudantis em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, os questionários aplicados aos alunos e a formulação do plano de ações.

4.1. MAPEAMENTO DE EXPERIÊNCIAS COM COOPERATIVAS ESTUDANTIS

Foram realizadas entrevistas com seis cooperativas estudantis, três delas em Santa Catarina e três no Rio Grande do Sul, o Quadro 4 resume as cooperativas estudadas, bem como a natureza da instituição na qual estão inseridas.

Quadro 4 - Cooperativas entrevistadas

Cooperativa	Cidade/UF	Natureza da Instituição
Cooperativa 1	Água Doce/SC	Educação profissional de nível médio – Colégio Agrícola
Cooperativa 2	Campo Erê/SC	Educação profissional de nível médio – Colégio Agrícola
Cooperativa 3	São Miguel do Oeste/SC	Educação profissional de nível médio – Colégio Agrícola
Cooperativa 4	Santa Maria/RS	Educação Profissional e Tecnológica de nível médio
Cooperativa 5	Nova Petrópolis/RS	Educação Técnica de nível médio
Cooperativa 6	Santa Maria/RS	Comercial – Nível Superior

Fonte: Elaborado pelo autor, (2018).

Percebe-se que 5 das 6 instituições possuem ligação com a educação profissionalizante de nível médio, a exceção é a Cooperativa 6, que nasceu de uma iniciativa de estudantes de nível superior, contudo, a mesma não está mais vinculada à Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), instituição na qual foi alicerçada.

Através das entrevistas realizadas com as instituições selecionadas, foi possível compreender como é o funcionamento de uma cooperativa estudantil, bem como os diversos aspectos que impactam na sua gestão.

4.1.1. Entrevista com a Cooperativa 1

A Cooperativa 1 é uma cooperativa escola, ou seja, uma cooperativa que gerencia um Centro de Ensino Profissionalizante (CEDUP) na modalidade Colégio Agrícola, possuindo uma gama de cursos profissionalizantes na área agrícola. A Cooperativa 1 nasceu por meio de uma iniciativa do governo do Estado de Santa Catarina, visando a viabilidade e sustentabilidade dos colégios agrícolas, antes sustentados pelo estado (ENTREVISTADO 1). Os altos custos de manutenção desse modelo de CEDUP o tornavam inviáveis para o governo, deixando assim apenas duas possibilidades, ou o modelo se torna autossustentável, ou corre o risco de ser fechado. Como destaca o Entrevistado 1, o governo “incentivou a criação da cooperativa, que não tem somente aqui no nosso colégio, mas como em todos os outros CEDUPS do estado”.

Buscando-se compreender um pouco mais sobre as dificuldades enfrentadas pela Cooperativa 1, o Entrevistado 1 destaca que,

os custos de produção em uma fazenda são altos né, a Cooperativa 1 tem essa dificuldade justamente por causa desses custos de produção, custo de insumos, essas coisas, e quanto a organização, na verdade as cooperativas escola elas são ilegais, certo, elas não são legais, mas isso eu acho que seria o de menos, eu acho que dificuldades assim, não teriam grandes dificuldades, acho que mais na questão financeira e por causa dos custos de produção, por quê gira bastante dinheiro, certo.

Pode-se perceber na fala do entrevistado, que as maiores dificuldades da cooperativa estão atreladas à capacidade de gerir os custos de produção, que são elevados, e também em fazer a gestão dos recursos da cooperativa. Em observância a esta preocupação, procurou-se aspectos relacionados a autogestão da cooperativa e o envolvimento dos estudantes com as questões da cooperativa. Pôde-se observar que, conforme o Entrevistado 1, “a diretoria da cooperativa é formada única e exclusivamente por alunos, por que as cooperativas, são inteiramente compostas de alunos”. Esses alunos participam das decisões que o colégio vai tomar, inclusive a respeito de alguns investimentos que o colégio pensa em fazer, os alunos participam das decisões.

Com relação a participação efetiva dos alunos no processo de gestão da cooperativa, o Entrevistado 1 destaca que “quando eles percebem que algo pode ser melhorado, se eles não chegam a entrar em contato direto com o diretor da instituição, eles vêm, entram em contato com nós da cooperativa, dão a sugestão e nós levamos até o diretor pra ver”. Quanto a participação dos alunos nas assembleias, destaca-se que a participação destes poderia ser melhor, poderiam haver mais questionamentos, tendo em vista que algo possa não ficar muito claro aos alunos. Neste sentido o Entrevistado 1 também salienta que o percentual de alunos que participam da assembleia é de quase 100%, mas a interação não é muito expressiva.

Tendo em vista o processo de transição da gestão da cooperativa, o Entrevistado 1 salienta que o pleito de uma gestão tem a duração de um ano. Questionou-se quanto as eleições ocorrerem por meio de disputa entre chapas ou escolha em assembleia, o entrevistado explica que os alunos precisam ser maiores de idade ou emancipados para participar da gestão da cooperativa, como é uma escola de ensino médio, existem poucos alunos acima de 18 anos, fazendo com que alguns venham a se emancipar para poder participar, levando geralmente a existência de chapa única nas eleições. Neste sentido, buscou-se compreender a renovação das

diretorias, na qual o Entrevistado 1 destaca que, “no estatuto está escrito que um terço da cooperativa precisa ser renovado por ano, então nós renovamos esse um terço”.

Verificou-se que a cooperativa possui apoio externo ao seu quadro social para fazer a gestão, pois como destacado anteriormente, a cooperativa possui um movimento financeiro expressivo, dessa forma, o Entrevistado 1 destaca que,

a maioria da gestão é feita dentro do colégio, com a funcionária capacitada para fazer a administração, próprio diretor, o assessor de direção, e também com uma contabilidade aqui do município de Água Doce que é contratada pra dar esse auxílio, fazer a contabilidade da cooperativa.

Apesar de parecer incoerente com a proposta de autogestão, o entrevistado ainda deixa claro que o fato da cooperativa ser composta pelos alunos, muitos não possuem experiência na área gerencial, podendo prejudicar a cooperativa e a escola em caso do mau gerenciamento desses recursos. O Entrevistado 1 deixa claro que o CEDUP não cobra mensalidade dos alunos por tratar-se de uma instituição pública, mas a cooperativa cobra uma mensalidade, com vistas a manter os alojamentos, materiais de campo, insumos, estrutura, e a verba do estado para a instituição de ensino, é suficiente apenas para custear os salários dos professores e funcionários da escola. Neste caso, os alunos não pagam o ensino, mas sim as despesas com alojamento e estrutura que são mantidos pela cooperativa.

Quanto ao tempo de associação máximo, o entrevistado expõe que é o período que o cooperado permanece no colégio, sendo em média 3 anos. No que expressa o perfil dos associados, o mesmo destaca que somente os alunos matriculados no CEDUP podem ser cooperados, não permitindo a associação por parte de professores ou funcionários do colégio.

Para compreender ainda mais a cobrança das taxas, o Entrevistado 1 explica que o pagamento de mensalidades é dividido em diferentes regimes,

os internos que almoçam, tomam café, jantam e dormem no colégio, tem direito a estadia, pagam R\$ 350,00 por mês, os semi-internos, que somente almoçam no colégio, pagam R\$ 200,00 por mês, e os externos que somente estudam aqui, sem direito a almoço, café e janta, só o estudo, eles pagam R\$ 80,00 por mês.

Volta-se a salientar que os R\$ 80,00 cobrados aos alunos externos, não são para pagar o estudo em si, mas para o aluno ter direito a desfrutar dos diversos bens e serviços que a cooperativa disponibiliza durante a sua presença nos períodos de aula e também de atividades práticas que demandam do uso de bens e serviços da cooperativa.

Como se pode perceber, a cooperativa possui receitas provenientes de uma mensalidade paga pelos alunos, mas a cooperativa também possui entradas de caixa provenientes da venda da produção excedente das atividades práticas dos alunos. Ao ser questionado a respeito da gestão dos recursos financeiros, o entrevistado explica que, “o dinheiro na verdade é de responsabilidade de funcionários do CEDUP”, mostrando-se uma prática incoerente, já que funcionários públicos estão gerenciando recursos da cooperativa, visto que não são associados. Contudo, a própria cooperativa se mostra uma organização ilegal do ponto de vista da sua atuação⁵, pois se trata de um órgão privado, atuando sob um órgão público.

Neste sentido, questionou-se a respeito da prestação de contas da cooperativa aos seus associados. Entrevistado 1 salienta que existe uma pré assembleia apenas com a diretoria da cooperativa, discutindo-se a prestação de contas do ano anterior, só assim, posteriormente é realizada uma assembleia geral ordinária com o objetivo de prestação de contas. Como já mencionado, os alunos são os associados, entretanto, as assembleias atraem também a participação de professores, a diretoria do colégio e também o contador que faz a prestação de contas referente aos movimentos financeiros do período.

A participação dos estudantes na gestão da cooperativa está mais atrelada ao fato de levar sugestões de melhorias, “poderiam ter mais sugestões melhoria, creio que aqui o pessoal um tanto quanto tímido sabe, quanto a essa questão” (ENTREVISTADO 1). O fato da cooperativa produzir receitas, e ter despesas, faz com que a mesma tenha prejuízos ou sobras, dessa forma, indagou-se a respeito do destino das sobras da cooperativa.

“O dinheiro que sobra no final do ano vai para o fundo de garantia né, por quê como o colégio é uma propriedade agrícola, há um risco enorme, por exemplo, acontecer uma quebra na safra, então o colégio guarda dinheiro da sobra como prevenção, ele não é dividido entre os associados, é mais como uma forma de prevenção mesmo, por que nunca se sabe né, o preço dos insumos, essas coisas, se der uma quebra na safra do milho por exemplo, o colégio precisa ter, a cooperativa precisa ter recursos pra não quebrar” (ENTREVISTADO 1).

De fato, conhecer a gestão de uma cooperativa estudantil, requer muito mais do que uma simples entrevista, mas, pôde-se observar aspectos inerentes ao funcionamento de uma cooperativa estudantil. A seguir, discute-se a gestão de outras cooperativas estudantis.

⁵ E não do ponto de vista da sua constituição jurídica.

4.1.2. Entrevista com a Cooperativa 2

Ao abordar a questão do surgimento da Cooperativa 2, o Entrevistado 2 destacou questões não abordadas pelo Entrevistado 1, podendo compreender o surgimento dessas instituições cooperativas de um outro ângulo.

“Hoje em Santa Catarina são cinco CEDUPS, então a princípio, quando iniciou os CEDUPS no estado, não existiam as cooperativas, os CEDUPS eram mantidos pelo estado, né, a partir do momento que o estado começou a reduzir os investimentos na educação, os próprios professores, juntamente com os CEDUPS ali, viram essa oportunidade de fazer um movimento para estar abrindo ou fundando dentro dos CEDUPS as cooperativas. O estado considera hoje a cooperativa dentro dos CEDUPS como algo ilegal, por que [...] é um órgão privado dentro de um órgão público, só que o estado não tem coragem de fechar porque hoje os CEDUPS vivem em cima da cooperativa, a cooperativa é a base da manutenção do CEDUP, se o estado fechar a cooperativa o CEDUP fecha” (ENTREVISTADO 2).

O Entrevistado 2 ainda destaca que “os CEDUPS hoje são mantidos pelas cooperativas, o governo do estado investe muito pouco, quase nada, ajuda com sementes, adubos, pagamento de funcionários e professores”. Por se tratar de um Colégio Agrícola, com regimes de internato, os custos da instituição são elevados, e como destacado pelo entrevistado, o governo do estado não investe o suficiente para manter toda a estrutura necessária, dessa forma, a cooperativa fica responsável por manter o internato (alimentação dos estudantes, limpeza, lavagem das roupas), material pedagógico e a manutenção dos setores, sendo que toda a parte estrutural da fazenda do colégio, é mantida pela cooperativa.

Quanto á aspectos relacionados a gestão da cooperativa, o Entrevistado 2 aponta que o pleito de uma diretoria, tem duração de dois anos, previsto pelo estatuto, e que dessa forma, apenas alunos do primeiro e segundo ano possam fazer parte da diretoria, caso um aluno do terceiro ano queira fazer parte da diretoria da cooperativa, o mesmo só pode fazer parte do conselho fiscal ou conselho administrativo, tendo que deixar o cargo assim que for fazer o estágio. Neste sentido, as eleições do conselho fiscal e conselho administrativo da diretoria são feitos anualmente devido a recomposição de representantes que acabam saído da diretoria por algum motivo. O Entrevistado 2 ressalta ainda que “quando se faz uma chapa é renovado cem por cento, é muito difícil um aluno ficar na chapa”, tendo em vista que uma diretoria é eleita por dois anos, e o tempo de permanência dos alunos na instituição é de cerca de três anos.

Ainda relacionado ao processo de gestão da cooperativa, o Entrevistado 2 destaca que existem na cooperativa,

alunos de primeiro e segundo ano, alguns alunos as vezes, apesar de eles terem aulas de cooperativismo, eles entram dentro da cooperativa sem ter uma noção do que é realmente, isso nós não podemos esconder, então o que é feito, por isso que tem o professor orientador, que durante o tempo da gestão desse grupo dessa diretoria, o professor e orientador vai, trabalha com eles e vai chamando e explicando os passos dentro da cooperativa. Existe então na nossa escola, toda a terça feira é feita uma reunião com os professores da área técnica e esses professores da área técnica tomam decisões a respeito das necessidades da escola e essas necessidades são repassadas ao professor orientador, e o professor orientador chama a diretoria pra estar tomando as decisões da compra ou não desses materiais necessários, nunca foi negado nada por que a gente sabe que isso é necessário pro andamento da escola, então a cooperativa está sempre á disposição dos professores, esse também faz parte do sucesso, um professor orientador que orienta, que fala o que tem que ser feito.

O Entrevistado 2 ainda explica que ocorrem reuniões diárias em que os membros da diretoria fazem a parte burocrática da cooperativa, aprendendo o funcionamento da mesma.

Com relação a entrada de novos associados, o estatuto da cooperativa não prevê a associação de professores ou funcionários da escola, o quadro social da cooperativa é formado apenas por alunos devidamente matriculados no CEDUP. A partir do momento em que o aluno se matricula no colégio, automaticamente passa a ser cooperado, integralizando uma cota-capital de R\$ 10,00, não sendo uma obrigatoriedade, mas todos pagam. Essa cota capital é usada para manter a estrutura da cooperativa e passa a ser devolvido quando o aluno deixa de ser associado.

Assim que um aluno se forma no colégio, o mesmo é automaticamente desligado da cooperativa, mas também, conforme ressalta o Entrevistado 2, “qualquer um dentro da cooperativa pode pedir o afastamento da cooperativa, só que ele tem que nos avisar por escrito pelo menos 30 dias antes”. Caso o aluno opte por não fazer mais parte da cooperativa, deve pagar a ajuda de custos referente ao mês do pedido de afastamento, concluído o processo, passa a ser um aluno externo, não desfrutando das mesmas condições dos alunos cooperados, que seria a disponibilização do almoço.

Para compreender melhor o pagamento de uma taxa mensal, o aluno “vai pagar por mês para a cooperativa, o valor referente a ajuda de custo da maneira que e ele está matriculado dentro da escola, então se ele é um semi-interno ele vai pagar um valor, e se ele é um aluno interno ele vai pagar outro valor”, o Entrevistado 2 ainda enfatiza que se trata de uma ajuda de custo para a manutenção da escola e também a manutenção dos setores que compõe a escola. Os setores a qual o entrevistado se refere, seria a cozinha, a lavanderia, os alojamentos, a manutenção das atividades de bovinocultura leiteira, avicultura de corte e postura, a

ovinocultura, piscicultura, olericultura e também a parte de agricultura voltada a produção de cereais.

Quanto a valores praticados pela cooperativa, conforme já adiantado, são cobrados de acordo com a modalidade na qual os alunos estão matriculados, sendo assim, os pais dos alunos colaboram com “os alunos internos com R\$ 300,00, os alunos semi-internos com R\$ 125,00, onde que o aluno tem também um seguro obrigatório que é pago no início do ano”.

Com relação a prestação de contas, o Entrevistado 2 ressalta que é realizada uma prestação de contas mensal do que é vendido pela cooperativa, por tanto as receitas geradas no mês, bem como os custos das operações da cooperativa. Os dados são repassados ao contador que elabora os demonstrativos, realizando assim, a prestação de contas em Assembleia Geral Ordinária anual. Como prevê o estatuto da cooperativa, o edital da assembleia é distribuído no interior do colégio com até dez dias de antecedência. As assembleias possuem três chamadas, na qual, a primeira exige a presença de 80% dos associados, a segunda chamada, realizada uma hora após a primeira, exige a presença de 50% mais um cooperados, e a terceira chamada exige a presença da diretoria mais um cooperado para a aprovação de qualquer tipo de situação. O entrevistado destaca ainda que normalmente na primeira chamada consegue-se praticamente 100% dos associados, e a votação é feita por aclamação.

No tocante a participação dos estudantes na cooperativa, o Entrevistado 2 destaca que por se tratarem de adolescentes, os interesses dos mesmos nem sempre vão ao encontro da cooperativa, isso se expressa principalmente pela participação dos associados nas assembleias, tanto ordinárias quanto extraordinárias, na qual existem momentos, em que, mesmo existindo uma convocação, é preciso ir ao encontro de grupos de alunos que estão em outras atividades. Conforme destacado ainda pelo entrevistado, apesar de haver uma situação de falta de interesse por parte de alguns alunos, os mesmos acompanham o andamento da cooperativa através das ações que são realizadas pela cooperativa. Uma das formas dos cooperados estarem participando efetivamente da cooperativa é através das ideias e sugestões que costumam ser repassadas para a diretoria, na qual essas ideias costumam ser bem aproveitadas e registradas em ata para sua legitimação.

As sobras da cooperativa costumam ser investidas no andamento dos setores do colégio, estando assim, previsto a sua distribuição no estatuto da entidade, e em caso de prejuízo, os associados devem arcar com o mesmo. O Entrevistado 2 ainda salienta que “as sobras são investidas dentro da escola na compra de equipamentos, compra de sementes, melhorias, [...] compra dos animais, renovação do plantel, então essas sobras são investidas nessas situações, pra o andamento da escola”, na qual, não se realiza a distribuição em espécie para os associados.

4.1.3. Entrevista com a Cooperativa 3

A última das cooperativas catarinenses abordadas no estudo foi a Cooperativa 3. Com vistas a conhecer o surgimento da cooperativa, o Entrevistado 3 destacou que a mesma veio a ser constituída por uma necessidade do CEDUP, de constituir uma forma de ajuda de custo e que pudesse ser gerenciada por pessoas próximas ao colégio. Quanto a esta questão, o entrevistado ainda ressalta que se pensou em formar uma diretoria de pais, mas por motivo da escola não atender apenas estudantes do município de São Miguel do Oeste, a única forma foi por meio da formação a cooperativa de estudantes.

Com relação às maiores dificuldades enfrentadas pela cooperativa, o Entrevistado 3 destacou que foi a formalização ou adaptação do estatuto da cooperativa para as documentações legais exigidas pela OCESC para o seu processo de formalização, e, principalmente os responsáveis pelo gerenciamento dos trâmites legais para a constituição da cooperativa.

Do ponto de vista da transição e do processo eleitoral da cooperativa, o Entrevistado 3 relata que

de acordo com o estatuto a eleição e posse da diretoria deveria ocorrer de 2 em 2 anos, mas nem sempre é possível, pois quando o aluno termina o curso ou sai da escola, não tendo matrícula na unidade escolar, o cargo vaga e a necessidade de recompor e cargo vago é o que consta no estatuto da mesma.

Conforme destacado pelo entrevistado, percebe-se a importância de um processo de eleição bastante criterioso, da qual, alunos que estão se encaminhando para o período de conclusão do ensino médio/técnico, em alguns casos devem evitar ocupar cargos de direção da cooperativa, pois os mesmos acabarão deixando uma lacuna na diretoria, e que deve ser preenchida, inclusive com a formalização em assembleias.

A autogestão é um dos princípios fundamentais do cooperativismo, com a abordagem do tema, o Entrevistado 3 relata que “a cooperativa na realidade é gerenciada pelos estudantes com coordenação da gestão escolar, a última decisão na realidade é sempre da gestão escolar, pois a finalidade da cooperativa é a manutenção da escola”. Apesar da cooperativa contar com a própria gestão dos alunos, o entrevistado transparece que existe um corpo escolar formado por “não estudantes”, que auxilia, ou que toma as decisões inerentes à cooperativa.

Frente ao exposto pelo Entrevistado 3, a cooperativa não necessita tomar medidas para atrair os novos cooperados, pois “quando o aluno realiza a matrícula escolar, ele obrigatoriamente, tem que ser sócio da cooperativa, para contribuir com a taxa de ajuda de custo

alimentação fornecida pela cooperativa dos estudantes”. Segundo o entrevistado, as cobranças das taxas são fundamentais para a manutenção da cooperativa, e conseqüentemente do CEDUP.

A Cooperativa 3 permite que apenas estudantes do CEDUP local sejam associados, mas a cooperativa possui a orientação e a supervisão da gestão escolar. Outro aspecto inerente a gestão da cooperativa, é o fato de que, assim que o estudante deixa de ser aluno do CEDUP, o mesmo é desligado também do quadro social da cooperativa. Quando o estudante realiza a sua matrícula no colégio, o mesmo também é matriculado na cooperativa, contribuindo com uma cota simbólica de R\$ 36,00 e quando o mesmo é desligado, recebe este valor de volta.

No tocante à participação dos estudantes na gestão da cooperativa, o Entrevistado 3 ressalta novamente o exposto anteriormente, corroborando que a gestão da cooperativa é feita pelo gestor da escola, com acordo da diretoria e do conselho fiscal, e em casos de maior demanda, as questões são discutidas em assembleia. O mesmo também destaca que assembleias gerais são difíceis de ocorrer, “por que os recursos são mais para manutenção da escola”. Neste caso, percebe-se uma menor força dos associados na gestão da cooperativa, já que, o responsável por decidir as demandas da cooperativa é o próprio gestor da escola.

Quanto ao processo de prestação de contas, o Entrevistado 3 destaca que a cooperativa paga um contador para fazer a parte contábil, e o mesmo faz a prestação de contas em Assembleia Geral Ordinária, como em qualquer outra cooperativa. Neste sentido, as sobras da cooperativa sempre são capitalizadas para a própria cooperativa em assembleia.

4.1.4. Entrevista com a Cooperativa 4

A Cooperativa dos Estudantes do Colégio Politécnico de Santa Maria, foi fundada em 15 de abril de 1987, por uma iniciativa de alunos independentes, quando o Colégio Agrícola na época, possuía apenas um curso sendo o de Técnico Agrícola. Conforme destacado pelo Entrevistado 4, “a cooperativa permitia a comercialização dos produtos de origem didática, dos setores produtivos, a educação para o cooperativismo e a aquisição de produtos e insumos necessários ao desenvolvimento das aulas, principalmente as práticas”. A cooperativa foi criada ainda sob a resolução CNC Nº 23 – de 09 de fevereiro de 1982, que dispõe sobre as cooperativas-escola em colégios agrícolas.

Com relação as dificuldades em constituir a cooperativa, o Entrevistado 4 relata que

Não houve dificuldade, como o Colégio Agrícola, na época com essa nomenclatura já, era uma unidade da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) o processo passou por todas as instâncias para ser aprovado e efetivado. A Cooperativa foi cadastrada na OCERGS, como é até hoje, e na atualidade, é registrada como projeto da UFSM, e de 5 em 5 anos recebe uma renovação de funcionamento em órgão

federal, com todos os respaldos de instâncias da UFSM, onde se realiza um plano de trabalho e após um relatório.

O entrevistado destaca que o processo de mudança de diretoria é anual, sendo renovados o Conselho de Administração e o Conselho Fiscal. Levando em conta que os alunos do Colégio Politécnico de Santa Maria têm uma permanência média entre dois anos a dois anos e meio, não podendo estender o período do pleito de cada diretoria. O Entrevistado 4 revela ainda que o politécnico engloba alunos do ensino médio, de cursos técnicos e também de pós-graduação.

O processo de autogestão da cooperativa, conforme destaca o Entrevistado 4, é feito exclusivamente por alunos do Colégio Politécnico, compondo assim, a diretoria, o conselho fiscal e todo o quadro social da cooperativa. Contudo, a Cooperativa 4 conta com a presença de um professor coordenador que cuida das finanças e dá apoio pedagógico extracurricular aos alunos envolvidos.

Para compreender o processo de sustentabilidade da cooperativa no tempo, a Cooperativa 4 faz um trabalho de educação cooperativa, na qual os membros do conselho administrativo passam nas turmas, participam de seminários e simpósios explicando o que vem a ser uma cooperativa-escola e o seu funcionamento, buscando deixar claro as vantagens do aluno em ser associado. A cooperativa possui como principal fonte de subsistência, a gestão dos recursos produzidos na área agrícola do Colégio Politécnico.

O Entrevistado 4 ressalta que para se associar, é necessário a compra de cota capital no valor de R\$ 21,00 em troca de seis cotas. O cooperado pode se manter associado por até no máximo um ano após a fim do seu vínculo com o colégio, sendo desligado logo após esse período.

Com relação à prestação de contas, a mesma é feita via Assembleia Geral Ordinária, realizada no final de março, em um anfiteatro do colégio. Os participantes da assembleia são cooperados, conselheiros, professores, público em geral, incluindo os alunos não cooperados. E no tocante a participação dos estudantes hoje, os mesmos possuem forte participação, conforme destaca o Entrevistado 4, “tanto nas tomadas de decisão, com planejamentos futuros, adequação do estatuto, atas e demais documentos as exigências do PAGC (programa de acompanhamento da gestão de cooperativas) acompanhado pelo SESCOOP”, quanto também na divulgação da cooperativa nos eventos locais, estaduais e nacionais, com um trabalho voltado à educação cooperativa.

No que diz respeito a divisão das sobras, o Entrevistado 4 destaca, por intermédio de seu estatuto, que conforme o

Art. 59 - As Sobras Líquidas apuradas no Balanço serão distribuídas a fundos indivisíveis entre os sócios, sendo: I - 10% (dez por cento) para o Fundo de Reserva destinado a reparar as perdas e prejuízos da Cooperativa e atender ao desenvolvimento de suas atividades; II - 10% (dez por cento) para o Fundo de Assistência Técnica Educacional e Social (FATES) destinado ao desenvolvimento de atividades sociais, educacionais, desportivas, culturais e recreativas; III - 10% (dez por cento) colocados à disposição da Assembleia Geral; IV - 70% (setenta por cento) para o Fundo rotativo da Cooperativa destinado a promover o desenvolvimento da sociedade.

O Entrevistado 4 ressalta ainda que geralmente a diretoria sugere que os 10% disponíveis aos associados em assembleia, sejam destinados a fundos de reserva, e que esta aplicação está sendo feita desde sua criação.

4.1.5. Entrevista com a Cooperativa 5

A Cooperativa 5 foi fundada no dia 18 de novembro de 2010 e possui como base um modelo de cooperativa encontrada na Argentina. Conforme o Entrevistado 5, a criação da cooperativa partiu de um projeto proposto por um professor do Colégio Bom Pastor. O projeto se constituiu em fazer uma viagem para Sunchales, a Capital Nacional do Cooperativismo na Argentina, da qual, a partir da viagem realizada, decidiu-se pela constituição da cooperativa, sendo que toda a comunidade escolar do colégio, aceitou o projeto de “braços abertos”.

No que se refere às dificuldades da cooperativa, o Entrevistado 5 considera que no seu período de constituição ocorreu um grande engajamento por parte do professor orientador do projeto, para que os alunos aceitassem o desafio de fazer parte da diretoria da cooperativa. O entrevistado destaca também que ainda hoje permanece o desafio de provar aos alunos que a sua participação na diretoria de uma cooperativa irá fazer diferença tanto na vida pessoal, como na vida profissional, e que todo o seu esforço será recompensado no final.

Com relação ao processo de transição de diretoria, o Entrevistado 5 destaca que “todos os anos a diretoria e o conselho fiscal da Cooperativa 5 se renovam através de uma AGO (Assembleia Geral Ordinária), pois segundo o estatuto, a cada ano deverá ser formada uma nova chapa para que mais alunos possam ter a experiência”. O entrevistado destaca ainda que a diretoria se renova por um processo de sucessão, da qual, alguns alunos que fizeram parte de uma gestão, fazem parte da gestão seguinte, e os novos membros da diretoria são alunos recém-chegados no colégio. Este sistema de sucessão, faz com que os alunos recém-chegados aprendam sobre o cooperativismo e a gestão da cooperativa, podendo, no ano seguinte dar

continuidade ao projeto, formando novos líderes e não sofrendo pela falta de candidatos a ocuparem cargos de direção.

O Entrevistado 5 destaca que a cooperativa possui um professor orientador, mas são os alunos quem gerenciam toda a cooperativa, “desde caixa, atas, documentos, objetos de aprendizagem, decisões, pautas, redes sociais, entre outras coisas”. Neste modelo, a cooperativa demonstra que o princípio da autogestão está bastante presente, expondo a dedicação de seus associados em manter a cooperativa.

Para compreender o processo de atração de novos cooperados e dirigentes, o Entrevistado 5 destaca que

“...sempre que novos alunos ingressam na instituição, a Cooperativa 5 planeja uma campanha de novos sócios, mostramos os benefícios que o cooperativismo escolar pode trazer, e os benefícios que a Cooperativa 5 auxilia para os associados, como 15 xerox (preto e branco) e 15 impressões (preto e branco), uma ajuda de valores em viagens de estudo, eventos que temos a oportunidade de participar, e com certeza o grande aprendizado que poderemos absorver”.

Quanto ao tempo de associação, o Entrevistado 5 destaca que o associado permanece associado durante os três anos do ensino médio, e ao concluir o mesmo, o aluno deixará de ser associado, podendo doar a sua cota parte, que se trata de uma taxa única no valor de R\$ 4,00, como forma de doação a cooperativa ou receber a sua cota parte de volta. Neste sentido, podem ser cooperados, apenas estudantes da Escola Técnica Bom Pastor, que pertencem ao 9º ano do Ensino Fundamental até o terceiro ano do ensino médio. O entrevistado ainda destaca que o motivo dos alunos do 9º ano fazerem parte da cooperativa é uma forma desses alunos continuarem no colégio durante o ensino médio.

A prestação de contas é realizada anualmente na Assembleia Geral Ordinária, para todos os associados, alunos do Ensino Médio, 9º ano do Ensino Fundamental, corpo docente da Escola Bom Pastor e convidados. Ainda, o entrevistado destaca que o envolvimento dos alunos na cooperativa é de forma direta e bastante forte, na qual a maioria dos alunos se envolve de uma forma responsável, visando a inovação e o desenvolvimento da cooperativa.

As sobras da Cooperativa 5 são distribuídas em seus fundos, conforme previsto no estatuto da entidade. Os associados são beneficiados com diversas vantagens como cópias e impressões, auxílio em viagens, compra de materiais de Educação Física, e o mais recente projeto, uma máquina de café no ambiente escolar.

4.1.6. Entrevista com a Cooperativa 6

No caso da constituição de uma cooperativa de estudantes na UFFS, o modelo de cooperativa que possivelmente se enquadraria, seria próximo ao modelo da Cooperativa 6, o Entrevistado 6 foi fundador da cooperativa e relata o processo de constituição e as suas dificuldades.

“Na verdade assim, na época em que foi fundada, tinha o curso de Cooperativismo que estava recém começando, então tinha professor ligado ao cooperativismo de Porto Alegre, tinha outros de Brasília, e quando assim ela foi fundada, ela já tava no segundo ano, esses estudantes de certa forma também colocaram pilha em outros estudantes e não só no pessoal da Agronomia, da Medicina, tinha um grupo da Agronomia que era ligado aí a Cooperijuí, Cootriza, que eram filhos assim, de conselheiros de cooperativas de produtores, então como os pais deles já militavam cooperativas, influenciou também os filhos a estudar aqui e criar uma alternativa que pudesse resolver problema de imediato, por que assim, livro tinha, tinha livreria na cidade, só que assim, é o que eles queriam colocar, se precisasse um livro de política, de sociologia, se você quisesse encomendar, nem encomendar encomendaria, então ficava a mercê do que eles ofereciam, sem contar a questão do preço também, claro, por que isso era um preço de tabela, sem desconto, sem nada né. Então isso aí acabou motivando, esse grupo de Agronomia e de Cooperativismo a se juntar, bem vamo arrumar uma saída né, claro o DCE também acabou ajudando, mas não foi tanto, se fosse pelo DCE em sí, não teria saído. E então assim, o que ajudou também foram os professores que tinha um que era ligado ao INCRA, pra ser registrado hoje é em cada organização, cada estado tem uma Organização das Cooperativas, onde são registradas as novas né, na época era o INCRA que credenciava as cooperativas novas, e o INCRA foi um Terror assim, foi mais de seis meses, sete meses, com estatuto pra frente pra trás, vai e volta, por quê eles não queriam registrar uma cooperativa de estudantes, na verdade era isso, estava na ditadura ainda, então estavam exigindo um monte de coisa que era infundada, não tinha nada a ver com o movimento, mas era tudo pra dificultar pra que, quem sabe desistissem, pro azar deles não foi desistido. Que agente contou também, de certa forma com a influência desse funcionário que era professor no curso e alguma coisa ele deve ter ajudado, o próprio reitor da universidade que na época ele mandou um ofício dizendo, não vocês podem confiar na gurizada aí que não tem problema” (ENTREVISTADO 6).

Questionou-se a participação de professores ou a assessoria de alguma pessoa para a constituição da cooperativa, o Entrevistado 6 destaca que na pré-fundação não houve a participação de professores, mas sim na sequência, o que houve no começo foi a ajuda de um economista que auxiliou os alunos na constituição de um plano de viabilidade exigido pelo INCRA para a fundação da cooperativa. Segundo o entrevistado, os professores auxiliaram logo na sequência com a divulgação do trabalho da cooperativa.

Quanto a necessidade de recursos financeiros para a constituição da cooperativa, o Entrevistado 6 destaca que no início se juntou um dinheiro, na qual cada um contribuiu com uma pequena quantia, apenas para viabilizar a tramitação. No começo o DCE e a universidade

cederam uma mesa e mais tarde uma sala junto a casa dos guardas da UFSM, logo ao lado da universidade.

As dificuldades enfrentadas pela Cooperativa 6 para a sua manutenção não foram poucas, o Entrevistado 6 relata as iniciativas que levaram a Cooperativa 6 a conseguir recursos para a constituição de seu patrimônio.

“E recurso pra primeira compra, o quê que a gente fazia, sabia qual era o livro principal da Agronomia, e também o do cooperativismo, então se fazia uma lista dentro dos associados de quem queria o livro, quantos iam comprar, dava uma lista, cobrava, pesquisava o preço, e depois ia atrás ligava pra editora já sabe que tava com o dinheiro na mão né, por que não tinha risco, não tinha capital, não tinha nada, então era muito pouco pra poder bancar alguma coisa. Então se fazia essa compra à vista, pagava a editora, cobrava 10% de cada operação e depois com os 10% mais as cotas, aos pouquinhos, pra depois de um bom tempo começar a fazer alguma coisa a prazo. Então trazia alguma coisa a mais do que tinha sido encomendado, mas isso foi assim 2 anos nessa ladainha, de fazer as compras à vista, até por que editora nenhuma confiava na cooperativa, então alguém que dissesse assim, não vocês podem vender pra cooperativa a prazo que não tem problema, foi muito longe né, teve um grupo, um grupo estrangeiro aqui no Brasil, da área da saúde que levou 10 anos pra vender pra cooperativa a prazo, 10 anos, isso com tudo que já tinha conhecido, em tudo que era parte, São Paulo, Porto Alegre, ia naquelas bienais do livro que acontecem de 2 em 2 anos, uma vez no Rio outra vez em São Paulo, conversando pessoalmente com eles e mesmo assim, e alguém endossando diz, ‘não vai, agente já vende pra eles a tanto tempo’, diretamente com diretores, e mesmo assim, 10 anos pra creditar, um grande grupo, um grupo que atingia toda a área da saúde, área das ciências exatas e área da engenharia né. Então foi muito sofrido né, então imagina ter que comprar à vista né numa época que se passou por uma crise econômica também muito difícil”.

O segundo grande entrave do ponto de vista do processo de consolidação da cooperativa no tempo foi a questão de credibilidade, como destaca o Entrevistado 6, “ninguém nasce com crédito, então o crédito tem que ir forjando ele, e essa credibilidade quem conquistou foi os próprios associados que foram acreditando”. O problema do crédito, conforme destacado pelo entrevistado, foi sendo contornado através dos mais éticos parâmetros junto aos primeiros distribuidores, vendedores, primeiras editoras, na qual cumpriu-se rigorosamente os prazos de pagamento, construindo ao longo do tempo, uma relação de confiança e como consequência, a liberação de crédito. Conforme destacado ainda pelo Entrevistado 6, a Cooperativa 6 seguiu um conselho dado por um dirigente de uma cooperativa agrícola, que dizia que “venceu tem que pagar, inclusive se puder pagar antecipado, então isso vai dando moral, vai dando crédito”.

Outro grande desafio encontrado para a manutenção da cooperativa, foi a questão política, na qual o país passava por uma ditadura, fazendo com que,

muitos estudantes e professores de Santa Maria, levaram muito tempo pra se associar á cooperativa, só se associavam praticamente os de fora, os daqui não confiavam tanto, achavam que era um bando de bagunceiro, um bando de baderneiro, então assim, agente sofreu isso, por influência política, claro, a cooperativa começou a trazer livros que não circulavam na cidade, fundou o Cineclube, trazendo filme que ninguém já mais teria assistido se não fosse o Cineclube. Então tinha gente assim que politicamente, não via com bons olhos a cooperativa. Era tudo uma soma de fatores que jogavam contra e a gente tinha que fazer tudo pra que isso passasse batido.

Na busca por compreender a participação efetiva dos estudantes no processo de constituição da cooperativa e a consolidação da mesma no tempo, o Entrevistado 6 destaca que havia uma grande vontade em fazer uma cooperativa funcionar, pois haviam crenças na época na qual se dizia que as cooperativas não funcionavam e eram cheias de problemas mundo a fora, então a imagem do cooperativismo estava muito deteriorado, havendo assim, uma grande vontade por parte dos alunos de cooperativismo em concretizar uma cooperativa e faze-la funcionar. O entrevistado destaca ainda que, uma cooperativa só funciona devido a um fator fundamental, independente do seu ramo de atuação.

a cooperativa depende das pessoas, não depende de mais ninguém, as pessoas, depois de formalizada, quem toca, quem faz , quem anda, se ela funciona ou se não funciona, tem que ter um grupo que toca e o associado tem que confiar, se o associado não confiar, também não adianta, os dois tem que andar junto, o associado, direção, e grupo que acredite na cooperativa, se não nada é resolvido.

O esforço do grupo, a energia desprendida, foi fundamental para a sobrevivência da cooperativa. Os alunos fundadores trabalhavam como voluntários nos primeiros anos, revezando horários para poder atender os associados. O Entrevistado 6 destaca que “duas vezes por semana tinha que ajudar na cooperativa, ajudava a atender, ajudava na associação, ajudava a receber mercadoria, a colocar preço, enfim, fazia de tudo um pouco, tinha alguém com mais conhecimento que emprestou seus serviços”.

Frente ao exposto, o entrevistado ressalta que a cooperativa sempre teve gente disposta a “fazer a coisa andar”, em um primeiro momento, apenas estudantes de Agronomia e Cooperativismo dedicavam-se à cooperativa, com o passar do tempo, foram se integrando a equipe, alunos de outros cursos, “depois mais tarde, gente da própria comunidade, a cooperativa não abriu só pra estudante universitário, abriu pra secundarista, abriu pra profissionais, funcionários públicos, esse processo foi aberto gradativamente”. O entrevistado destaca ainda que a participação dos associados no dia a dia foi fundamental, e que se dependesse apenas das assembleias, as coisas não funcionariam tão bem.

Quanto ao processo de mudança de diretoria ao longo do tempo, o Entrevistado 6 destaca o funcionamento do processo que levou a cooperativa aos padrões atuais.

“ao colocar no novo conselho, sempre se procurava colocar alguém que ainda não tivesse participado, esse era o cuidado que se tinha, agora, gente que estava no meio do curso, ou iniciando, pra evitar que a pessoa estivesse saindo e deixasse a cooperativa morta, principalmente nos cargos de direção né, secretário e tesoureiro, isso aí foi fundamental, depois mais tarde, a partir de uns 8 a 10 anos, começou a aparecer mais gente da cidade de Santa Maria, então aí facilitou isso né”.

A administração da Cooperativa 6, em seus primeiros anos de atuação, foi feita exclusivamente por seus associados, trabalhando na gestão da cooperativa de forma voluntária, com o aumento no quadro social da cooperativa, resolveu-se contratar profissionais para fazer o seu gerenciamento, sempre com o cuidado de contratar algum colaborador dentro do quadro da cooperativa. Segundo o entrevistado esse processo foi fundamental para que o colaborador já tivesse uma compreensão diferenciada da cooperativa, em comparação com algum profissional sem ligação alguma com a Cooperativa 6.

Questionou-se ao Entrevistado 6, como a cooperativa atrai novos cooperados, o mesmo destacou que, “durante os primeiros 35 anos, era um processo automático, uma cidade muito cosmopolita, que vinha muita gente de fora todos os anos, quem já era associado acabava divulgando, os professores divulgando”. Mas os tempos mudaram, o mercado do livro está muito mais difícil, por conta dos acervos digitais, além da população estar lendo menos e a informação ser muito mais fragmentada. Neste sentido, a cooperativa busca manter suas atividades por meio de atualizações e novas atividades que venham a agregar o seu faturamento.

Atualmente a Cooperativa 6 não possui limite de tempo para que um associado permaneça na cooperativa, uma vez sócio para sempre sócio. Mas as coisas nem sempre foram assim, existia na cooperativa uma regra que dizia que se o associado não movimentasse nada durante dois anos o mesmo era eliminado do quadro social da cooperativa, então os primeiros dez mil associados ajudaram a constituir a cooperativa, sendo como dando força a ideia como também capital. Nesses primeiros anos, os associados, “praticamente não usaram a cooperativa, por que ela tava muito engatinhando, tentando sobreviver, fazendo muita pouca coisa, nos primeiros 4 ou 5 anos, tinha que espichar os livros pra poder tapar a prateleira”.

Então quando o associado voltava a cooperativa alguns anos depois quando ela “tinha o que oferecer”, o mesmo já não se encontrava mais no quadro social da cooperativa, gerando

um certo desconforto e constrangimento, justamente pela participação relevante desses associados na consolidação da cooperativa.

Quando a Cooperativa 6 se constituiu, apenas estudantes da UFSM poderiam ser associados, mas como a cooperativa cresceu significativamente e iniciou o processo de comercialização de diversos tipos de materiais, abrangendo não apenas estudantes, mas também diversos públicos consumidores. Como expandiu-se o público consumidor, sentiu-se a necessidade de não restringir o atendimento apenas a seus associados, mas sim, para toda a comunidade interessada em fazer parte do quadro social da cooperativa ou como consumidor.

Uma das características do cooperativismo, é a cota capital, trata-se da cobrança de uma taxa para que o associado se matricule na cooperativa, usada para a formação do capital da instituição, bem como para reservas contingenciais. Na Cooperativa 6 não é diferente, conforme destaca o Entrevistado 6,

desde a fundação, no início, nos primeiros 15 a 20 anos era um salário mínimo, [...] a cota e joia, a joia usa na papelama, na formalização da associação, e a cota sempre foi baseada no salário mínimo, até os anos 90, depois aí se estabeleceu uma correção via IGPM, então hoje a cota-capital tá em á em R\$ 70,00, mais R\$ 30,00 de joia, então, são R\$ 100,00 pra se associar que não é muito diferente do que era a 40 anos atrás, quando era um salário mínimo.

Como pôde-se perceber, a cooperativa possui uma movimentação financeira importante, sendo assim, a mesma deve se preocupar com a transparência das ações tomadas e também das ações a serem tomadas a partir de alguma situação. Para isso, as cooperativas contam com as assembleias de prestação de contas, que no início da história da Cooperativa 6 era elaborada e apresentada por um contador contratado pela cooperativa, posteriormente a própria Cooperativa 6 passou a fazer as suas prestações de conta por meio de um contador interno, mais tarde, a cooperativa contratou um escritório de assessoria, que além da contabilidade presta assessoria administrativa, tramitações burocráticas envolvendo órgão públicos, balanços e relatórios a serem apresentados na prestação de contas. As assembleias da Cooperativa 6 são realizadas anualmente, por meio de uma Assembleia Geral Ordinária, nas dependências do próprio prédio da cooperativa, comportando até 200 pessoas, que, conforme o entrevistado, é suficiente para o público que frequenta as assembleias.

A participação dos associados na gestão da cooperativa hoje, conforme assinalo pelo Entrevistado 6 se dá de uma maneira bastante parecida com o que era a alguns anos atrás. A participação do associado está mais presente no dia a dia, na qual, o associado “vem ver o que

está acontecendo”, havendo grupos mais participativos, que compreendem a importância sociocultural da cooperativa, e existem, também, aqueles grupos de associados que não participam.

Consoante a destinação das sobras da cooperativa, o Entrevistado 6 evidencia que nos primeiros vinte anos de atuação, a cooperativa buscava juntar algo em torno de quinze mil reais por ano para a construção da sede da cooperativa. Além do valor destinado a sede, a cooperativa também manteve um fundo de assistência técnica e social, também utilizado para a confecção de um jornal para a divulgação da cooperativa, fazer algumas visitas, participar de feiras do livro divulgando a Cooperativa 6, além também, de um fundo de reserva para ser utilizado em caso de emergências. A cooperativa também utiliza fundos de reserva para fazer investimentos, como nos últimos anos usou e usa, para investir em equipamentos de informática e e-commerce, sempre buscado alguma inovação para complementar a receita da cooperativa.

A ação social desenvolvida pela Cooperativa 6 é de grande importância para a sociedade na qual ela está inserida. Através de seu trabalho, a cooperativa demonstra a sua importância independentemente da atividade que está desenvolvendo.

“Embora, independente da questão do livro, a função social da cooperativa não deixa de existir, não desaparece por outras atividades que ela faz, por exemplo, organiza a maior feira que acontece no centro do estado, a cooperativa está diretamente ligada, mas o livro é apenas um motivo, na feira do livro, acontecem centenas de manifestações culturais, oficinas, a festa das crianças, formando uma nova base de leitores, estar interagindo com o pessoal da produção de teatro, de música, de escritores que vem e interagem com os daqui, comentando que a 20 anos atrás tinha 3 ou 4 escritores na cidade, hoje já tem mais de 100, que lançam livros, então, ela tá ajudando a acontecer o maior evento cultural do centro do estado, e ajudando mesmo, ajudando com gente, com capacidade de interagir, então esse papel a cooperativa cumpre independentemente do livro existir ou não né. O Cineclube Lanterninha Aurélio está a 40 anos passando filme gratuito, não só pra associado, pra comunidade, um projeto fantástico isso, teve gente que jamais viu cinema que pôde ver de graça na cooperativa, e também além de assistir de graça ele pode também se quiser aprender sobre o cinema, no final das seções, tem uma pessoa que comenta o filme, que analisa criticamente o filme, então isso aí acaba formando pessoas mais conscientes, no sentido de entender o que está assistindo” (ENTREVISTADO 6).

A questão da importância da cooperativa na sociedade acendeu uma discussão a respeito dos fatores necessários para que uma cooperativa de estudantes tenha sucesso hoje e se firmasse no tempo como ocorreu com a Cooperativa 6. O Entrevistado 6 enfatiza que hoje está mais difícil de constituir uma cooperativa, sendo que há uma influência negativa dos meios de comunicação, que estão fomentando o individualismo, fazendo com que as pessoas se conversem menos, interagem pela internet, e esse distanciamento entre as pessoas dificulta

alguns processos que necessitam da presença de alguns responsáveis. O Entrevistado ainda salienta que “hoje está muito difícil de querer fundar e manter uma cooperativa, em função desse individualismo que a gente percebe na sociedade, as pessoas estão querendo resolver o seu problema, e tão muito pouco preocupadas com o que tem ao lado”.

Como considerações ao cooperativismo, o Entrevistado 6 corrobora ao exposto anteriormente, mas ressalva que a dificuldade em encontrar pessoas propensas a cooperação é muito maior, e pessoas que “abram mão do seu individualismo pra que alguma coisa aconteça dali em diante, nada vem de cima, tudo vai depender da dedicação das pessoas, se as pessoas não disponibilizar tempo pensando no amanhã, vão encontrar dificuldade”.

Como se pôde perceber, a Cooperativa 6 foi uma cooperativa fundada por estudantes, contudo, a mesma teve um crescimento acelerado, percebendo-se a necessidade da ampliação do seu quadro social, na qual permitiu-se que outros públicos, e não apenas os estudantes pudessem se tornar associados. Atualmente a cooperativa possui em seu quadro diretivo professores, estudantes e populares, não se caracterizando apenas como uma cooperativa de estudantes. O fato da cooperativa não ser composta exclusivamente por estudantes, não a afasta de ser uma cooperativa do ramo educacional.

Com vistas a resgatar algumas questões abordadas anteriormente e a traçar uma visão geral das cooperativas estudantis, elaborou-se o Quadro 5. Dessa forma, torna-se possível tecer alguns comparativos entre as cooperativas estudadas, possibilitando que o caso prático dessas cooperativas sirva de exemplo para a constituição de demais cooperativas estudantis.

Ao se tratar do quadro social, as cooperativas apresentadas mantêm até hoje apenas estudantes como cooperados, com a exceção da Cooperativa 6, que devido ao seu porte e ramo de atuação, permite hoje que qualquer pessoa seja associada. Com relação aos aspectos de autogestão, percebe-se que existe o problema da baixa participação e interação dos associados na gestão das cooperativas, mas os associados buscam auxiliar com ideias ou sugestões pontuais.

No que concerne ao período de cada gestão, as cooperativas não possuem uma unanimidade, sendo que 50% delas adotou em assembleia como tendo pleitos de um ano e os outros 50% como sendo de dois anos. Os custos de associação são variados, podendo ser uma contribuição única em forma de cota capital, como é o caso das cooperativas rio-grandenses ou com o pagamento de ajudas de custos mensais como é o caso das catarinenses que visam manter uma estrutura de internato e colégio agrícola. O tempo na qual o associado pode permanecer no quadro social é indeterminado apenas no caso da Cooperativa 6, nas demais cooperativas, o associado é desligado após a conclusão do seu curso, medida que se deve ao fato de que, quando

o associado não tem mais vínculo com a instituição de ensino, a finalidade da cooperativa deixa de existir para aquele cooperado.

Como se pôde perceber, a prestação de contas das cooperativas segue o padrão de Assembleias Gerais Ordinárias e o investimento das sobras é na capitalização da própria cooperativa, principalmente em fundos de reserva, com vistas a expansão e consolidação da cooperativa ao longo do tempo.

Quadro 5 - Resumo das principais características das cooperativas

Características	Cooperativa 1	Cooperativa 2	Cooperativa 3	Cooperativa 4	Cooperativa 5	Cooperativa 6
Fundação	1984	2001	2001	1987	2010	1979
Entrevistado	Vice-Presidente	Professor Orientador	Professor Orientador	Presidente	Presidente	Gerente
Motivo da constituição	Insustentabilidade do colégio agrícola por parte do estado.	Insustentabilidade do colégio agrícola por parte do estado.	Insustentabilidade do colégio agrícola por parte do estado.	Comercialização de produtos de origem didática	Incentivo de um professor após uma visita na Argentina	Provar que o cooperativismo funciona
Iniciativa	CEDUP	CEDUP	CEDUP	Alunos	Professor	Alunos
Dificuldades	Gestão de custos; Ilegalidade perante o CEDUP;	Ilegalidade perante o CEDUP; Custos elevados;	Formalização junto a OCESEC;	Não destacadas	Provar aos alunos que uma cooperativa faz a diferença	Liberação de crédito; Imagem perante a sociedade; Ditadura militar; Registro junto ao INCRA
Quadro social	Estudantes	Estudantes	Estudantes	Estudantes	Estudantes	Qualquer interessado
Autogestão	Alunos participam de decisões; Trazem sugestões; Poderia haver maior engajamento dos alunos	Os alunos aprendem a parte burocrática; As demandas são repassadas aos alunos;	Cooperativa é gerida pelos estudantes, mas massa decisão final é da gestão da escola. Baixa participação dos estudantes na gestão	Estudantes gerenciam a cooperativa	A cooperativa possui um orientador, mas ao alunos que gerenciam tudo, desde o caixa às reuniões	Participação doa associados no dia a dia; Associados trabalhavam na cooperativa voluntariamente

Características	Cooperativa 1	Cooperativa 2	Cooperativa 3	Cooperativa 4	Cooperativa 5	Cooperativa 6
Duração da gestão	Um ano; Renovação 1/3,	Dois anos; Renovação 100%.	Dois anos	Um ano	Um ano, por processo de sucessão	Dois anos
Custos de associação	Internos: R\$ 350,00; Semi-internos: R\$ 20,00; Externos: R\$ 80,00.	Cota capital de R\$ 10,00 mais ajuda de custos mensais de: Internos R\$ 300,00 Semi-internos R\$ 125,00	Cota capital de R\$ 36 mais ajuda de custos não divulgada	Cota capital de R\$ 21,00	Cota capital de R\$ 4,00	Cota capital de R\$ 70,00 mais R\$ 30,00 de joia
Tempo de associação	Permanência do aluno no colégio	Permanência do aluno no colégio	Permanência do aluno no colégio	Permanência do aluno no colégio mais um ano	Permanência do aluno no colégio	Indeterminado
Prestação de contas	Pré assembleia/ assembleia geral	Prestação de contas mensais e assembleia geral	Em assembleia geral ordinária	Assembleia geral ordinária	Assembleia geral ordinária	Assembleia geral ordinária
Destino de sobras	Fundos de reserva	Investimentos no colégio	São capitalizadas na própria cooperativa	Fundos de reserva	Fundos de reserva	Assistência técnica e social e fundos de reserva

Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

O caso das cooperativas estudantis, apresentadas, reforçam a ideia de que todas as cooperativas possuem algum aspecto a melhorar, como é o caso da adesão livre e voluntária, da autonomia e independência, da autogestão e aspectos voltados a gestão da cooperativa. O fato indiscutivelmente, é que essas cooperativas possuem um papel muito mais importante do que apenas comercializar algo, ou sustentar alguma estrutura, os casos apresentados nos mostram o quanto uma cooperativa impacta na vida de milhares de pessoas.

Por meio da sua colaboração, milhares de estudantes dos CEDUPS, no caso catarinense, possuem uma estrutura privilegiada para a realização das suas atividades pedagógicas, assim como, no Rio Grande do Sul possibilitou-se a comercialização da produção dos alunos e o reconhecimento nacional de uma cooperativa estudantil bem estruturada.

As cooperativas apresentam alguns pontos em comum, mas as suas particularidades as tornam únicas. Como se pode perceber, os motivos e iniciativas para a constituição, são semelhantes apenas entre os CEDUPS de Santa Catarina, e que são completamente diferentes dos motivos e iniciativas que geraram a constituição das cooperativas do Rio Grande do Sul. Quanto às suas dificuldades para constituição e manutenção, percebe-se que aspectos jurídicos e de gestão são mais aparentes.

4.2. RESULTADOS DA PESQUISA COM ESTUDANTES DA UFFS

Conforme já destacado nos procedimentos metodológicos, a pesquisa realizada com os estudantes da UFFS foi veiculada de forma anônima, por meio de um formulário on-line, difundido através de e-mail enviado a todos os estudantes da UFFS Campus Chapecó, e também através de redes sociais, em grupos de universitários da instituição. O formulário encontra-se no Apêndice B, na qual, obteve-se 269 respondentes em um período de 30 dias. Nas seções seguintes, discute-se os resultados encontrados nos três blocos de pesquisa, sendo relacionado ao perfil do estudante, a sua percepção e conhecimento sobre cooperativismo, a sua predisposição para a cooperação e discussões referentes a uma questão aberta do questionário e também experiências vivenciadas durante o período.

4.2.1. Perfil do estudante da UFFS

Ao consultar os acadêmicos da UFFS campus Chapecó, pode-se ter uma visão geral sobre o perfil dos estudantes. Neste sentido, a pesquisa realizada buscou mapear as características dos estudantes e suas percepções e predisposição ao cooperativismo, que

possibilitassem propor ações que contribuam com a formação de uma cooperativa de estudantes. Obteve-se o retorno de aproximadamente 10% dos estudantes do câmpus.

No que tange a idade dos respondentes, 66,9% possuem entre 18 a 24 anos, configurando um público bastante jovem, característica do perfil universitário, 24,2% possuem entre 25 e 31 anos e apenas 8,9% dos estudantes possuem 32 anos ou mais. Dos 269 respondentes, 65,8% foram do gênero Feminino, contra 34,2% masculino, indicando um maior interesse do público feminino sobre o tema cooperativismo e maior pré-disposição para participar da pesquisa. Quanto ao estado civil, 73,6% se declararam solteiros, 16% em união estável e 9,7% são casados, o que, se comparado com os dados de faixa etária.

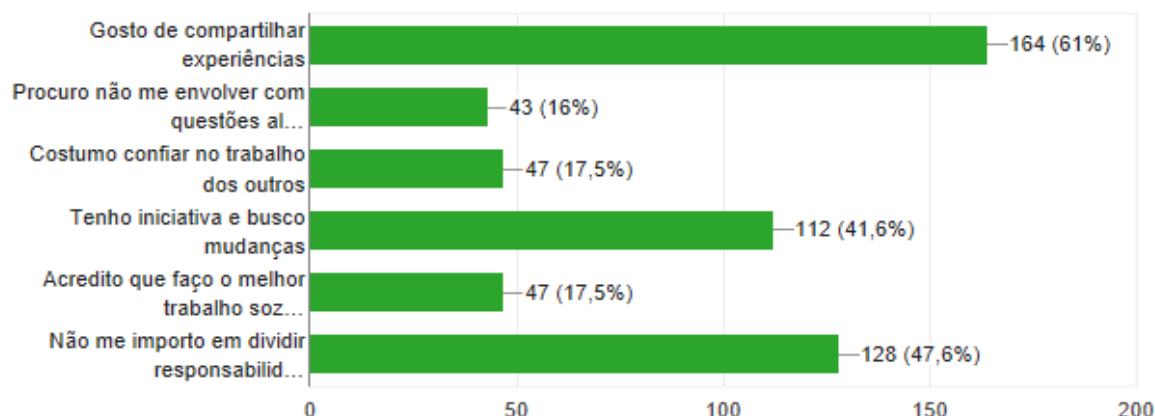
No que se refere a ocupação dos respondentes, 49,07% declaram-se apenas estudantes, 34,57% alegam ser, além de estudantes, funcionários de empresas privadas, apenas 4,46% são funcionários públicos, os 11,9% restantes exercem as mais diversas atividades além do estudo. Os respondentes consideram que sua renda é proveniente de atividade econômica remunerada em, 54,6% dos casos 22,3% possui renda a sua renda em regime de economia familiar e 14,1% possui renda oriunda de auxílio estudantil.

Os estudantes de Administração, um dos cursos com o maior número de alunos do campus, corresponderam a 44,6% dos respondentes, seguido pelo curso de Pedagogia com 7,4%, História com 7,1%, Geografia com 6,7%, Enfermagem com 6,3%, Letras com 5,2%, Matemática com 4,5%, Ciências Sociais e Ciência da Computação com 4,1% cada, Agronomia com 3,7%, os demais cursos somam juntos, 6,3% dos respondentes.

4.2.2. Percepção e conhecimento dos estudantes sobre o cooperativismo

Nesta seção, discute-se os resultados encontrados ao que tange o conhecimento dos estudantes a respeito de questões inerentes ao cooperativismo. Dessa maneira, extraiu-se da ferramenta Google Formulário, os resultados já tabulados e representados graficamente. O Gráfico 1 exhibe alguns fatores inerentes a pré-disposição a cooperação.

Gráfico 1 - Características do perfil do estudante



Fonte: Dados primários, 2018.

Ao questionar os estudantes da UFFS a respeito de algumas características que se enquadram ao seu perfil. Quanto ao gosto por compartilhamento, iniciativa e desejo de mudança e divisão de tarefas, percebe-se que a grande maioria do público estudado se identifica com as afirmativas, tendo menor aderência às características de baixo envolvimento com causas sociais, confiança no próximo e individualismo. A pergunta envolvia 6 afirmativas, da qual, quatro referiam-se a questões importantes para o bom funcionamento de uma cooperativa, e duas questões que prejudicam o cooperativismo.

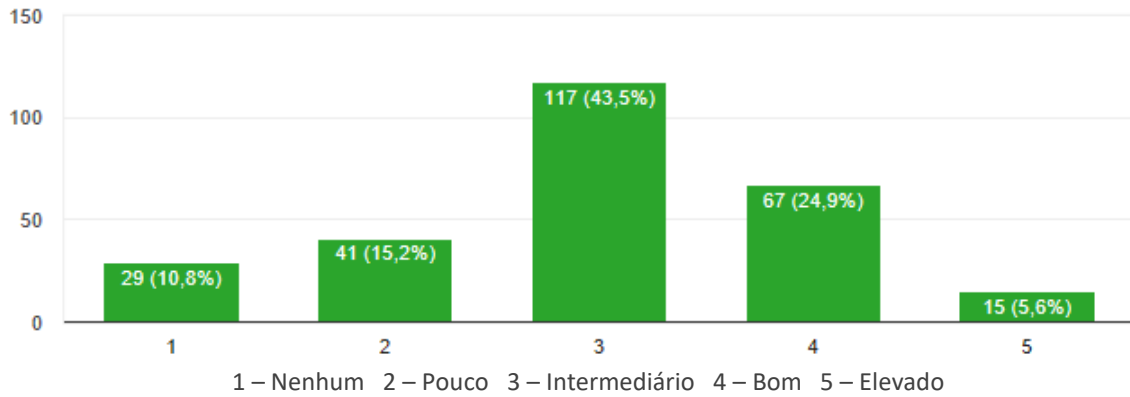
Apenas o compartilhamento de experiências teve a adesão de mais de 50% dos respondentes, chegando a 61%. Todas as afirmativas posteriores não tiveram adesão mínima de 50% dos respondentes, mesmo assim, a iniciativa e busca por mudanças e a divisão de tarefas se apresentam como fatores importantes, já que foram identificados em mais de 40% dos respondentes. A afirmativa que diz respeito ao baixo envolvimento com causas sociais teve a menor adesão sendo de 16% dos respondentes, um indicador importante para saber o real engajamento dos estudantes com a sociedade. As afirmativas que trazem à tona a confiança e a individualidade aparecem empatadas com 17,5% das respostas.

Atenta-se ao indicador de confiança no próximo, na qual, a afirmativa diz respeito a confiança que o estudante tem com relação ao trabalho de outras pessoas. Encontra-se que o perfil dos respondentes deixa claro um certo nível de desconfiança quanto às relações de trabalho, fator este, que pode dificultar um processo de cooperação.

O Gráfico 2 apresenta, uma autoavaliação do estudante sobre o seu nível de conhecimento relativo ao cooperativismo. Através da utilização de uma escala Likert, sugeriu-

se ao respondente que avaliasse o seu conhecimento de 1 a 5, em que, 1 significa pouco e 5 expressa muito.

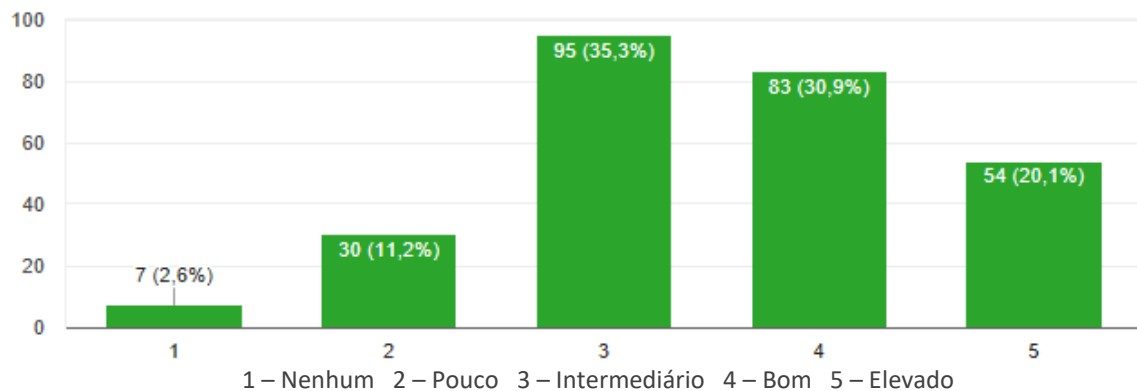
Gráfico 2 - Nível de conhecimento sobre o cooperativismo



Fonte: Dados primários, 2018.

Verifica-se que os extremos, sendo as opções 1 e 5, tiveram os menores índices de resposta, dos quais apenas 5,6% consideram que tem um conhecimento amplo sobre o cooperativismo e 10,8%, avaliam conhecer pouco sobre o cooperativismo. Em números favoráveis, 24,9% dos estudantes avaliam ter um bom conhecimento, 43,5% julgam ter um conhecimento intermediário, em que o estudante possui uma visão mais generalista do tema, não sendo um conhecimento fundamentado.

Gráfico 3 - Percepção sobreo cooperativismo na sociedade atual

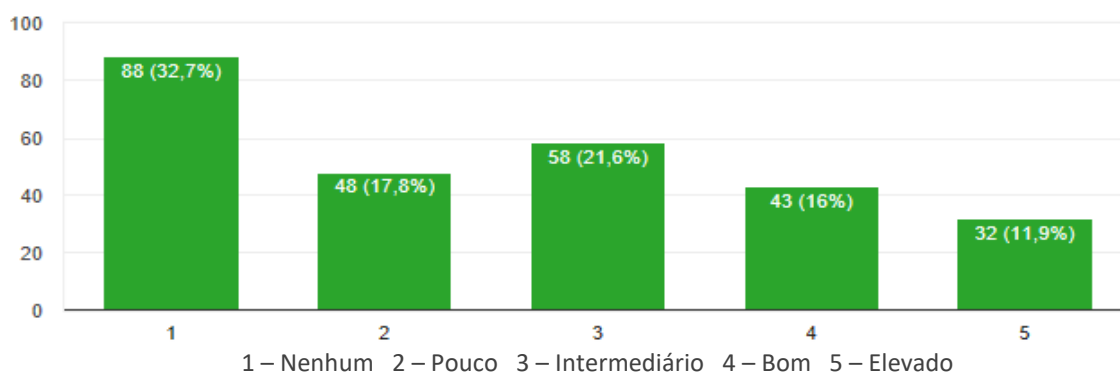


Fonte: Dados primários, 2018.

Buscou-se compreender a concepção sobre a participação das cooperativas na sociedade, levando em conta o princípio da preocupação com a sociedade. Nesta indagação, o gráfico 3 demonstra que 20,1% dos respondentes consideram o cooperativismo algo bastante positivo, 30,9% dos respondentes analisam como sendo bom e 35,3% percebem o cooperativismo com algo neutro. Apesar da maioria considerável de respondentes considerar o cooperativismo como algo positivo, existe um grupo de 11,2% dos estudantes que consideram o movimento como algo ruim e 2,6% muito ruim.

O entendimento dos princípios cooperativistas é fundamental para a compreensão do cooperativismo em sua essência. Desse modo, buscou-se apurar o conhecimento dos estudantes quanto aos sete princípios cooperativistas. O gráfico 4 apresenta o grau de ciência dos respondentes quanto aos princípios, de modo que, 32,7% dos entrevistados relatam não conhecer os princípios cooperativistas, 17,8% consideram ter pouco conhecimento, 21,6% acreditam conhecer alguma coisa, 16% alegam possuir um bom conhecimento sobre os princípios e 11,9% consideram conhecer os sete princípios de maneira mais aprofundada.

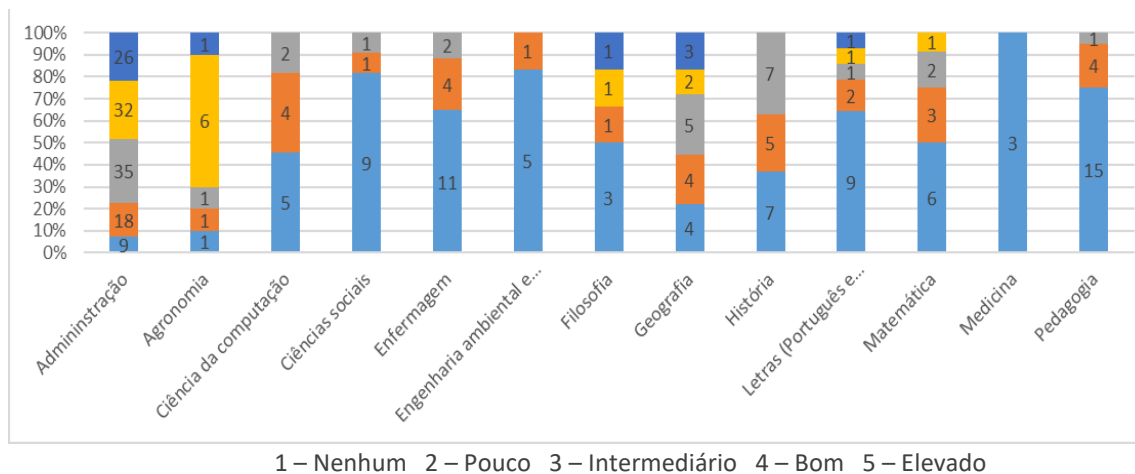
Gráfico 4 - Conhecimento sobre os princípios cooperativistas



Fonte: Dados primários, 2018.

O Gráfico 5 busca apresentar outra visão sobre o conhecimento dos princípios cooperativistas, através da apresentação do conhecimento sobre os princípios cooperativistas por curso do respondente.

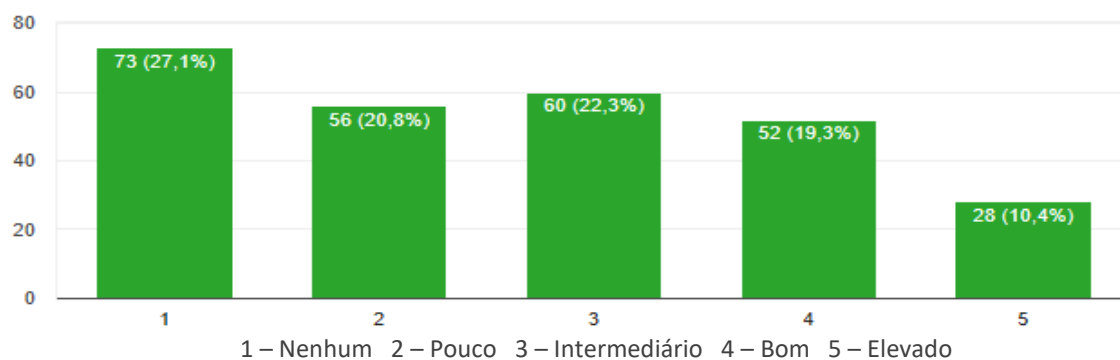
Gráfico 5 - Conhecimento sobre princípios por curso



Fonte: Dados primários, 2018.

Os cursos de Administração e Agronomia da UFFS possuem em sua grade curricular disciplinas voltadas a educação cooperativista. Neste sentido, como se pode observar no gráfico 5, os cursos que ofertam disciplinas voltadas ao cooperativismo apresentaram maiores índices de conhecimento sobre os sete princípios do cooperativismo, como também sobre outras particularidades do cooperativismo.

Gráfico 6 - Conhecimento sobre a estrutura societária

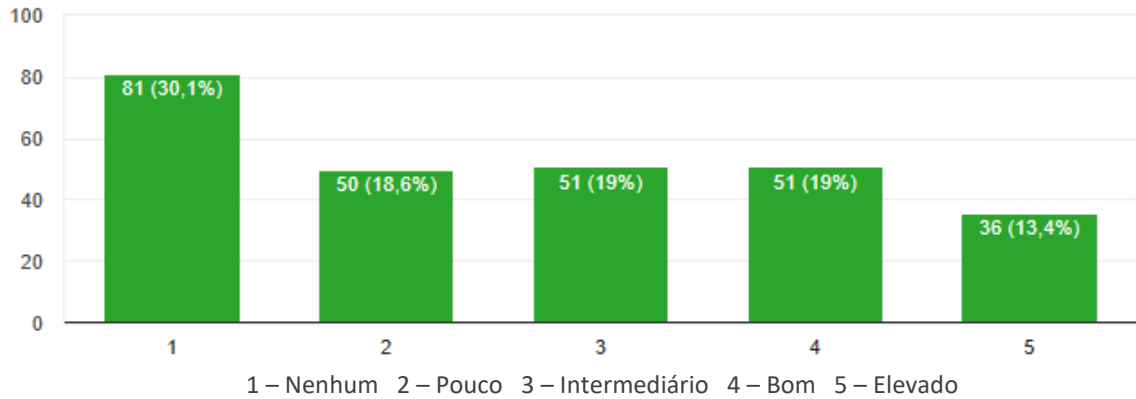


Fonte: Dados primários, 2018.

Como é possível perceber, o gráfico 6, apresenta resultados bastante aproximados aos encontrados no Gráfico 4, a estrutura societária de uma cooperativa é desconhecida por 27,1% dos estudantes, 20,8% consideram conhecer pouco, 22,3% classificam como neutro, havendo um conhecimento superficial do assunto. Obteve-se 19,3% dos estudantes alegando terem um

bom conhecimento e 10,4% acreditam ter um conhecimento aprofundado. De maneira geral, o conhecimento sobre a estrutura societária das cooperativas ainda precisa ser discutido e estudado por parte dos estudantes.

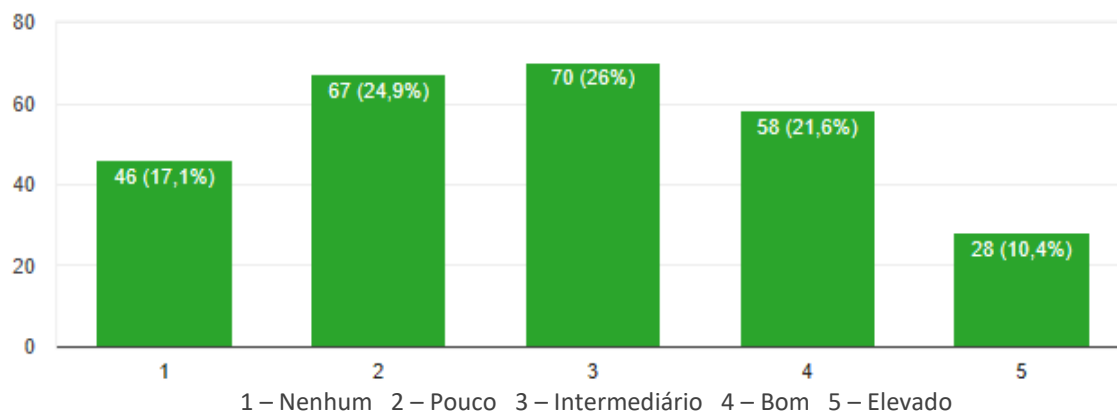
Gráfico 7 - Conhecimento sobre sobras da cooperativa



Fonte: Dados primários, 2018.

As sobras de uma cooperativa referem-se basicamente ao lucro da cooperativa, a diferença é que o lucro se refere a remuneração do capital investido, e as sobras se apresentam como o excedente da prestação de serviços da organização, dividido entre seus associados através da ajuda mútua. Neste sentido, o Gráfico 7 visa apresentar o conhecimento dos estudantes a respeito das sobras, na qual, 30,1% dos estudantes relatam não saber ao que se referem sobras, 18,6% apresentam conhecer pouco, 19% consideram conhecer razoavelmente, outros 19% dizem ter um bom conhecimento sobre o assunto e apenas 13,4% realmente conhecem o que são sobras e qual a sua finalidade.

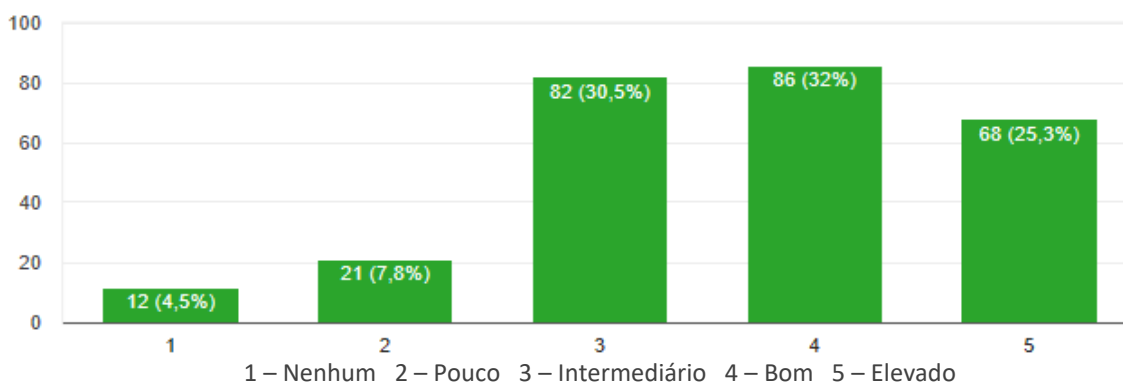
Gráfico 8 - Nível de conhecimento sobre autogestão



Fonte: Dados primários, 2018.

Como se pode perceber no Gráfico 8, a autogestão é um tema conhecido por 10,4% dos respondentes, 21,6% consideram ter um bom conhecimento sobre o assunto, 26% consideram ter uma breve noção, 24,9% sabem pouco e 17,1% não possuem conhecimento sobre a autogestão. Em linhas gerais, 68% dos estudantes possuem baixo conhecimento sobre autogestão, sendo um dos princípios cooperativistas mais importantes para uma estrutura cooperativa.

Gráfico 9 - Percepção da rede de relacionamentos sobre o cooperativismo



Fonte: Dados primários, 2018.

O cooperativismo é um movimento que se destaca pelo envolvimento mútuo dos seus associados. Foi perguntado aos estudantes o nível de percepção da sua rede de relacionamento sobre o cooperativismo, demonstrada no gráfico 9, a questão buscou ser objetiva. Neste sentido, o cooperativismo se apresenta como algo muito bom, em 25,3% das respostas, bom para 32%

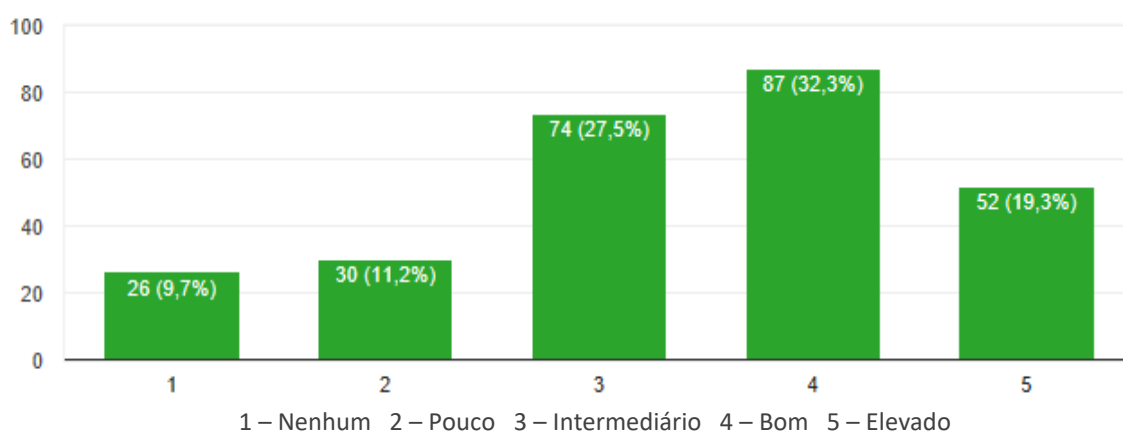
e algo mediano para 30,5% dos respondentes. Para 7,8% dos respondentes, o cooperativismo significa algo ruim e para 4,5% dos casos se apresenta como algo muito ruim.

Na seção seguinte, discute-se a pré-disposição e a aceitação dos estudantes da UFFS quanto a criação de uma cooperativa.

4.2.3. Pré-disposição a cooperação na UFFS

Através do questionário aplicado aos estudantes da UFFS Campus Chapecó, pode-se perceber alguns aspectos importantes para a definição da viabilidade de uma cooperativa de estudantes no campus. Os fatores relacionados, buscam traçar alguns direcionadores para a criação e a manutenção de uma cooperativa de estudantes na UFFS.

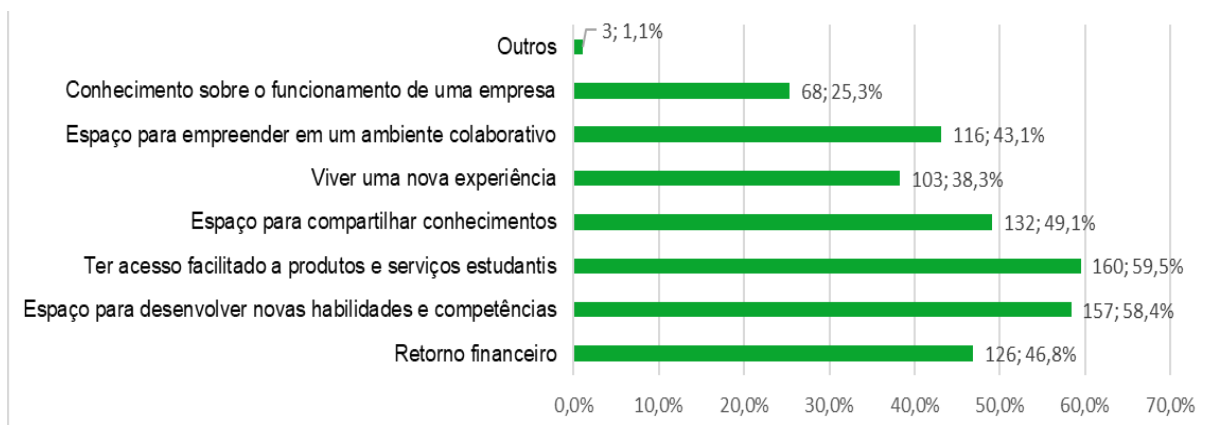
Gráfico 10 - Interesse dos estudantes em se associar a uma cooperativa



Fonte: Dados primários, 2018.

O nível de interesse dos estudantes em se tornar associados de uma possível cooperativa de estudantes, representado no Gráfico 10, se apresenta como favorável considerando que, 19,3% dos respondentes possuem grande interesse em se associar, 32,3% apresentam um bom nível de interesse em associação, 27,5% possuem algum tipo de interesse, no grupo intermediário, fazem parte as pessoas que se tornariam associadas a médio ou longo prazos, percebendo a atuação da cooperativa e seus resultados. Por fim, 11,2% dos respondentes, apresentam pouco interesse em ser cooperado e 9,7% não estariam dispostos a se associar.

Gráfico 11 - Expectativa de retribuição da cooperativa aos associados



Fonte: Dados primários, 2018.

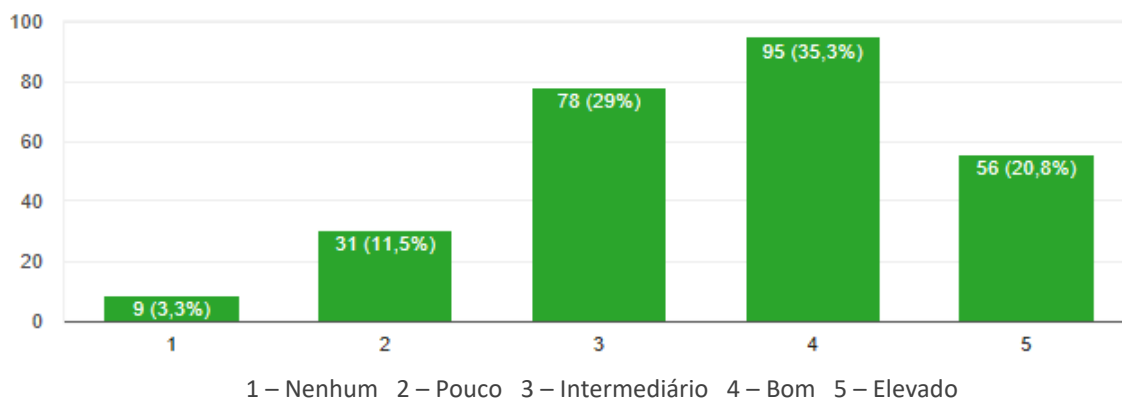
O questionamento feito aos estudantes quanto ao retorno esperado ao associar-se a uma cooperativa, foi realizado por meio de uma pergunta com várias opções de respostas. A perspectiva dos estudantes quanto a sua retribuição, está galgado no interesse direto dos estudantes quanto ao acesso facilitado a produtos e serviços de cunho estudantil, conforme o gráfico 11 apresenta, 59,5% dos estudantes preferem esse tipo de retorno. Outra expectativa para 58,4% dos respondentes se deve ao fato de desenvolver novas habilidades e competências, fatores essenciais hoje, para o mundo do trabalho. Neste sentido, além de aprender com o próximo, os estudantes também pontuam, em 49,1% dos casos, o compartilhamento de seu conhecimento.

Como se pode observar, para 46,8% dos respondentes, o retorno financeiro é uma possibilidade, vale destacar que, caso concretizem-se as expectativas anteriormente citadas, o retorno financeiro torna-se o resultado do esforço conjunto. Torna-se possível considerar ainda, que os respondentes que afirmam buscar retorno financeiro, podem estar partindo de uma ideia de que a cooperativa vá distribuir valores em moeda para seus associados, contudo, vale destacar que o retorno financeiro pode se apresentar como descontos, no consumo de produtos e/ou serviços da cooperativa, retorno da cota capital em forma de benefícios, entre outras diversas possibilidades, além da distribuição de sobras em espécie. Considera-se ainda que um grupo formado por 5% dos estudantes busca apenas retorno financeiro, dessa forma, deixando transparecer que a cooperativa serviria apenas como uma “renda extra”, configurando-se como uma atitude egoísta, contrariando os princípios cooperativistas.

A questão abria a possibilidade de o estudante destacar outras expectativas, uma delas foi “Construir coletivamente reprodução de culturas” e a outra foi “Busca pela sustentabilidade e qualidade de vida em comunidade”. Como se pode perceber, existem expectativas elevadas

com relação ao cooperativismo estudantil, podendo-se destacar a relevância do mesmo para os estudantes.

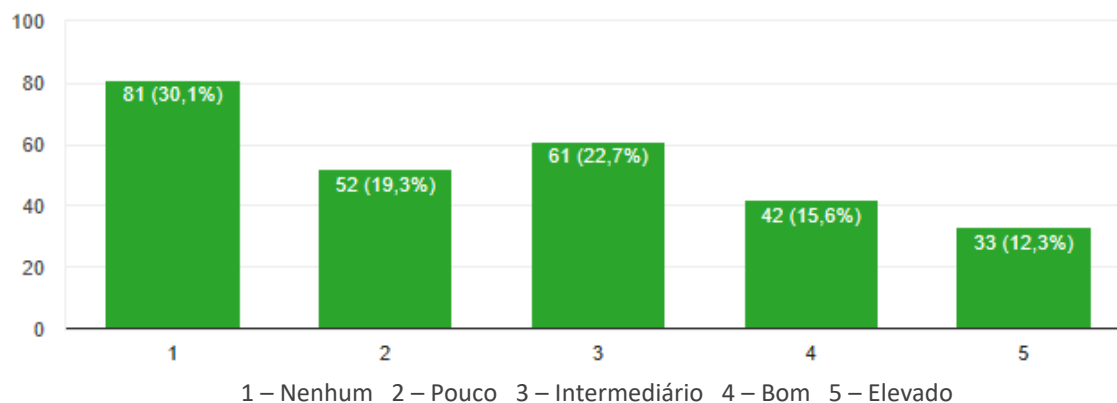
Gráfico 12 - Interesse em participar de eventos da cooperativa



Fonte: Dados primários, 2018.

Uma provável cooperativa estudantil na UFFS campus Chapecó, deverá desenvolver eventos com cerne na educação cooperativista, podendo também, caso necessário, fazê-los como forma de angariar fundos para a sua estruturação. Conforme apresenta o gráfico 12, entre os estudantes que responderam à pesquisa, somados os percentuais, 56,1% teriam grande interesse em estar participando de algum evento promovido por uma cooperativa de estudantes, 29% se apresentam como indiferentes, público este que participaria, dependendo dos eventos disponibilizados. Por fim, 14,8% dos respondentes teriam baixo ou nenhum interesse em participar de eventos promovidos pela cooperativa.

Gráfico 13 - Interesse em fazer parte da diretoria

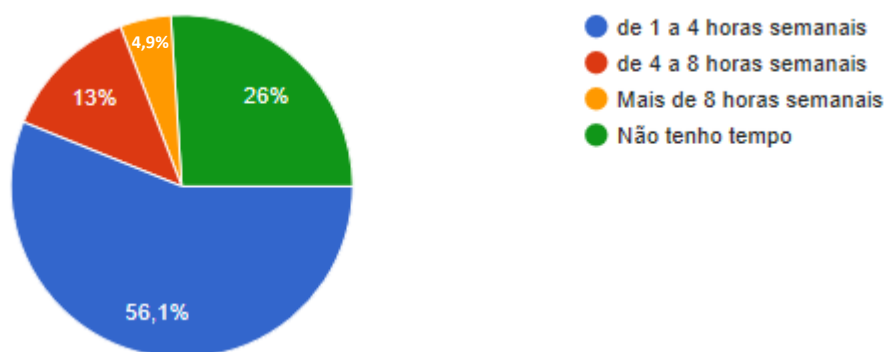


Fonte: Dados primários, 2018.

O cooperativismo encontra na participação efetiva de seus associados um desafio a ser contornado. Como é possível visualizar no gráfico 13, 30,1% dos respondentes não possuem interesse em fazer parte da diretoria da cooperativa, 19,3% possuem pouco interesse, 22,7% são indiferentes. Novamente, o público intermediário está demonstrando que poderá ou não fazer parte da diretoria da cooperativa, os mesmos, dificilmente fariam parte das primeiras gestões, mas sim, caso fossem perceber uma boa atuação da cooperativa com o tempo.

O gráfico 13 ainda nos traz a informação de que, 15,6% dos respondentes teriam um bom interesse em participar da diretoria e 12,3% teriam grande interesse em participar. Conclui-se que, poucas pessoas estão realmente engajadas com a melhoria das condições de um grupo de pessoas, seja talvez, pelo receio em dirigir uma instituição burocrática, seja talvez pela falta de conhecimento e experiências na área do cooperativismo.

Gráfico 14 - Tempo disponível para participar da cooperativa



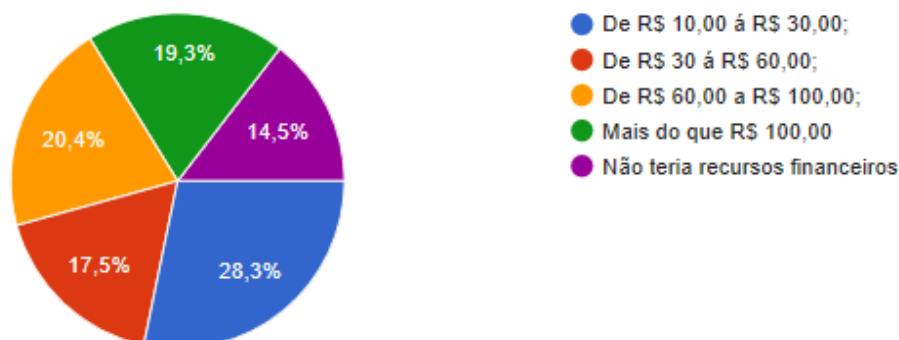
Fonte: Dados primários, 2018.

O gráfico 13 revelou que 30,1% dos respondentes não teria interesse de fazer parte da diretoria de uma cooperativa, pode-se perceber no gráfico que 26% dos estudantes revelam não ter tempo para participar das atividades de uma cooperativa. Ao fazer o cruzamento da resposta 13 com a 14, 56% dos respondentes que afirmam não ter interesse em fazer parte da diretoria de uma cooperativa, não possuem tempo para exercer alguma atividade diretiva. Em contrapartida, 13% afirmam ter de 1 a 4 horas disponíveis, mas não possuem interesse em gerir uma cooperativa.

Contudo, o gráfico 14 apresenta que 4,9% dos estudantes teriam mais de 8 horas semanais para fazer parte da diretoria da cooperativa, 13% teriam de 4 a 8 horas, 56,1% teriam entre 1 a 4 horas semanais de tempo para contribuir com alguma atividade de gestão na

cooperativa. Em linhas gerais, 74% dos estudantes teriam alguma disposição de horário para colaborar com a gestão da cooperativa, sendo assim, não se teria o problema de constituir uma cooperativa e a mesma não se manter por falta de disponibilidade de tempo por parte de seus associados.

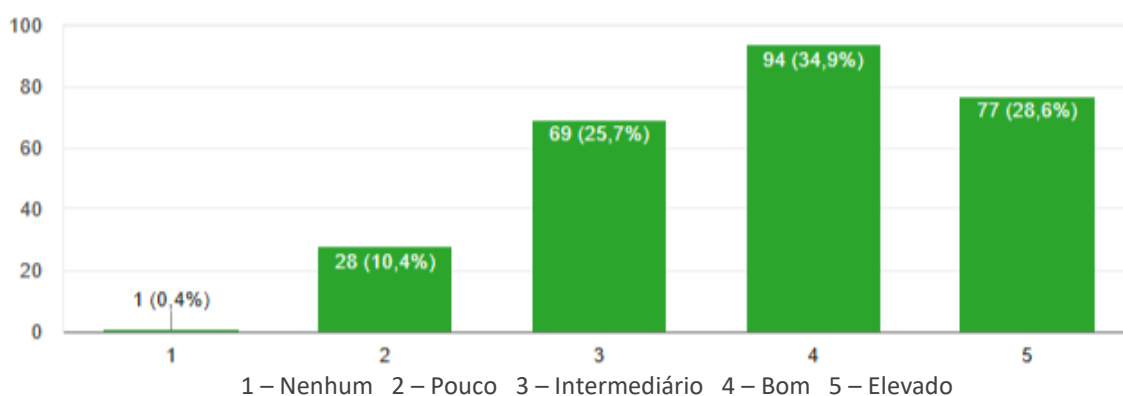
Gráfico 15 - Recurso financeiro disponível para integralizar na cooperativa



Fonte: Dados primários, 2018.

Como questão estratégica para a constituição de uma cooperativa, buscou-se saber qual era a sua disposição financeira para comprar cotas-capitais da cooperativa e assim integralizar o seu capital e poder atuar no âmbito do seu objetivo de constituição. De acordo com o gráfico 15, a menor parcela dos estudantes, 14,5% não dispõem de recursos financeiros para constituir o capital da cooperativa. A maior parcela, 28,3% teriam de R\$ 10,00 a R\$ 30,00, 17,5% disponibilizariam de R\$ 30,00 a R\$ 60,00, 20,4% teriam de R\$ 60,00 a R\$ 100,00 e 19,3% teriam mais de R\$ 100,00 para contribuir com o capital da cooperativa.

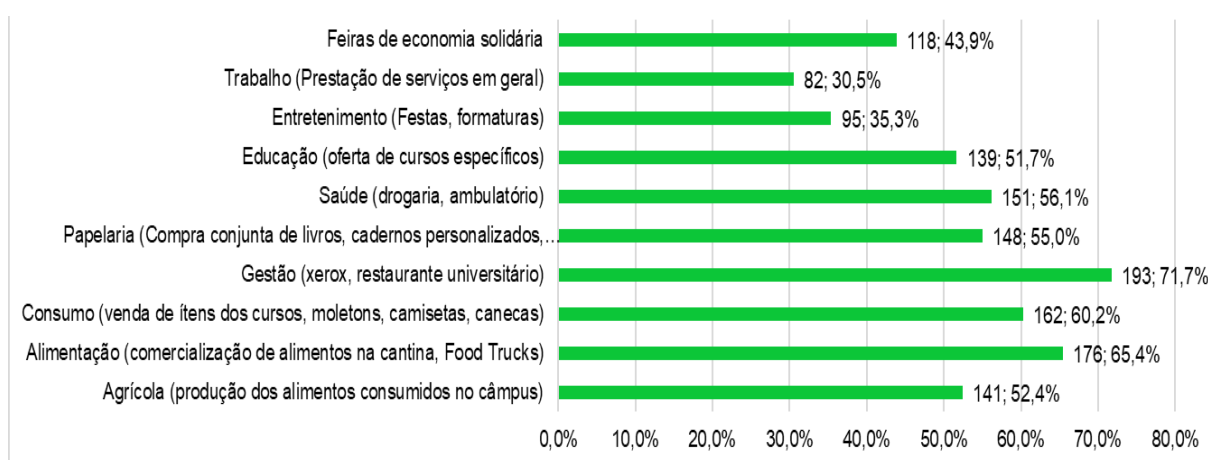
Gráfico 16 – Propensão ou consumo de produtos e serviços de uma cooperativa



Fonte: Dados primários, 2018.

O gráfico 16 aponta um dos principais indicadores da viabilidade de uma cooperativa de estudantes na UFFS, a propensão ao consumo de produtos e/ou serviços oferecidos. O resultado foi extremamente significativo, uma vez que 28,6% dos estudantes afirmam que consumiriam. Observa-se que 34,9% possuem grande interesse em consumir, e 25,7% consumiriam indiferentemente de ser cooperativa ou não. Apenas 10,4% possivelmente não consumiriam e apenas 0,4% afirmam que não consumiriam.

Gráfico 17 - Possíveis atividades de atuação de uma cooperativa estudantil



Fonte: Dados primários, 2018.

A pesquisa teve como objetivo ainda, conhecer as principais necessidades de consumo dos estudantes da UFFS. A atividade apontada por 71,7% dos respondentes, é a Gestão, principalmente do Xerox e do Restaurante Universitário. Outra área bastante expressiva é a da Alimentação, da qual 65,4% consideram que a Cantina e/ou Food Trucks poderiam ser de uma cooperativa de estudantes. Os estudantes consideram a área de Consumo interessante em 60,2% das respostas, podendo comercializar itens dos cursos, como moletons, camisetas, canecas, entre uma linha de diversos itens. Pode-se destacar ainda áreas como a Saúde com 56,1% e Papelaria 55% que também tiveram um interesse bastante significativo por parte dos estudantes.

Até o momento, discutiram-se questões fechadas e com alternativas restritas. Com vistas a obter um maior entendimento da opinião dos estudantes quanto a criação e atuação de uma cooperativa, disponibilizou-se no final do formulário, uma questão aberta, na qual, o respondente teria liberdade para expressar o seu sentimento ou opinião quanto a criação de uma cooperativa estudantil no campus Chapecó da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Obteve-se 10 colaborações, na qual expressam diferentes opiniões. Trata-se os respondentes, como Estudante e X o número da ordem de sua resposta. Ressalta-se que todas as respostas são anônimas e que todas as contribuições foram importantes para as conclusões do trabalho.

O Estudante 1 destaca “Muito legal a ideia, difícil achar serviços que eu não consumiria nesta lista”, percebe-se a propensão do mesmo ao consumo. O Estudante 2 possui a ideia de que “Uma cooperativa só é considerada boa quando tudo está correndo bem, mas lembrem-se você é associado na alegria e na tristeza”. O Estudante 2 salienta o fato de que, em caso de sobras, a cooperativa pode dividir entre os associados, ou aplicar em seu crescimento, e, em caso de prejuízos, os mesmos também são arcados pelos seus associados. De fato, a mesma questão ocorre em qualquer organização, em qualquer tipo de sociedade, mas, da mesma forma como se divide o capital para a constituição da cooperativa, se dividem também os prejuízos que possa por vir a acontecer.

O Estudante 3 destaca sua preocupação quanto a criação de uma cooperativa no campus.

“Acho interessante salientar a necessidade ou não, da criação burocrática de uma estrutura cooperativa. Diversos estudantes necessitam realizar manobras para a permanência estudantil, pois sabemos das dificuldades de alcançar o custo necessário para viver na cidade de Chapecó, e a dificuldade de trabalhar em espaços externos no período de graduação. Acredito que deve-se pensar mais a fundo: estamos em um ambiente público, federativo, criado para ser um espaço de integração de conhecimentos e práticas. A criação da cooperativa que está sendo salientada pela gestão do campus (isso me refiro pois sei e participo dos debates) se refere ao impedimento dos estudantes de livre comércio ou trocas, quando esse tem por fim a sobrevivência e principalmente permanência universitária, que tanto é citada em discursos pela mesma gestão. Compreendo o seu ponto de vista e pesquisa, interessante. Mas se possível, problematize essa burocratização, pensando mais a fundo quais são os reais interesses que trazem. Até que ponto é necessário um estudante fazer parte de uma cooperativa (que demanda tempo e informação que muitos não possuem), para poder vender alguns livros para pagar o R.U e o ônibus?”.

A preocupação do Estudante 3 está pautado, principalmente na burocracia para a constituição de uma cooperativa, e também na problematização da necessidade de alguns alunos em ter que realizar “manobras” para a sua permanência na universidade. Outro ponto abordado pelo estudante é a sua preocupação com o impedimento do livre comércio e de trocas entre os estudantes. Parte-se do pressuposto que uma cooperativa de estudantes não deveria ser criada para satisfazer a necessidade de um grupo restrito de alunos, como destacado pelo Estudante 3 quando questiona a necessidade da criação de uma cooperativa para que um estudante possa “vender alguns livros para pagar o Restaurante Universitário o ônibus”. O fato é que, uma

cooperativa estudantil deve se consolidar para satisfazer o anseio da maioria dos estudantes, não para facilitar trocas ou venda de livros, como insinuado pelo estudante. A pesquisa realizada comprova que os anseios dos estudantes da UFFS não estão neste tipo de atividade, mas sim, na prestação de serviços que possam melhorar as condições de todo e qualquer estudante, associado ou não.

O Estudante 3 ainda salienta a necessidade de tempo e informação para o funcionamento da cooperativa. Percebeu-se nas explanações do Entrevistado 6 que o tempo como fator também escasso para os fundadores da Cooperativa 6, foi revertido com escalas de trabalho e a colaboração de voluntários, e que as informações e conhecimento necessários para constituir uma cooperativa, podem ser adquiridos por meio da colaboração de pessoas que atuam na área.

Retomando a discussão inicial, o estudante possui a preocupação quanto a burocracia para a criação de uma cooperativa. De fato, essa preocupação não é em vão, uma vez que se faz necessário, vários trâmites até a consolidação da mesma. Recomenda-se a leitura do Manual de Registro de Cooperativas⁶ elaborado pelo Departamento de Registro Empresarial e Integração brasileiro, com vistas a compreender todo o processo para o registro de uma cooperativa em uma Junta Comercial.

O Estudante 4 destaca a necessidade de, em caso da criação de uma cooperativa que preste serviços na área da alimentação, de que a mesma ofereça “Produtos livre de glúten e lactose nas cantinas”. A preocupação do estudante provém da necessidade de boa parcela da população estar consumindo produtos livres de glúten e lactose, necessidade esta, em parte, não atendida pelas empresas que atuam com a comercialização de alimentos na cantina e nos Food Trucks atuantes na universidade.

O Estudante 5 possui o seguinte posicionamento perante a criação de uma cooperativa na UFFS.

“Acredito que a ideia da cooperativa é inviável pela realidade dos estudantes e por suas reivindicações. Percebo que a ideia da cooperativa vem no sentido de tornar viável que alguns estudantes façam vendas no espaço universitário, uma vez que são proibidos pelas normas da UFFS, no entanto, a reivindicação estudantil é por autonomia, não para esbarar em mais um processo burocrático dentro da universidade. A maioria dos estudantes que fazem vendas não tem produção regular e fazem apenas para obter uma pequena quantia para ajudar em moradia e alimentação (não faria sentido registrar e pagar um CNPJ para tal atividade), outros fazem vendas para arrecadar dinheiro para os Centros Acadêmicos e para o movimento estudantil, que não possuem CNPJ e também não faria sentido o estudante se registrar para esse fim, pois a gestão muda a cada ano. A mobilização dos estudantes é para desburocratização dos espaços, e não o contrário. Tenho diálogo e contato com alguns estudantes que vendem produtos na universidade e não vejo interesse na cooperativa e em registrar e

⁶ Disponível em: <http://www.normaslegais.com.br/legislacao/Manual-Registro-Cooperativa.pdf>

pagar um CNPJ para isso. Não faz sentido impedir que esses estudantes façam vendas sem estarem registrados em uma cooperativa, conheço a realidade de diversas universidades federais do país e esse impedimento não ocorre em nenhuma delas. A UFFS não é um colégio ou uma universidade comunitária (parece, mas não é para ser assim), e devemos avançar nesse debate, né?”.

O Estudante 5 possui um posicionamento muito semelhante ao do Estudante 3, a problemática quanto a criação de uma cooperativa apenas para um grupo seletivo de alunos ou entidades de representação estudantil estarem realizando operações comerciais, como a venda de livros. O fato é que uma cooperativa não se restringe apenas a essa possibilidade, o universo do empreendedorismo possibilita a criação de uma cooperativa que abrangesse os mais diversos produtos e serviços, com vistas a defesa econômica de seus associados.

Existem discussões quanto a criação de uma cooperativa de estudantes na UFFS, e parte dessas discussões partem de instâncias diretivas da universidade, fazendo com que, a mensagem da criação de uma cooperativa, não esteja sendo compreendida ou repassada de uma forma eficiente. Primeiro que, ao que se pode compreender, os estudantes se preocupam com a viabilidade da criação de uma estrutura burocrática para atender aos anseios de alguns (poucos) alunos que viessem a vender livros na instituição, segundo que, uma cooperativa de estudantes se trata de uma instituição de natureza privada, a mesma, para atuar legalmente na universidade, como gerir a central de cópias ou a cantina por exemplo, deveria passar por todo o processo licitatório definido a qualquer outra organização que venha disputar um processo de licitação. Neste sentido, a constituição de uma cooperativa na UFFS não se pauta apenas na venda de alguns itens de um certo grupo, mas sim, uma estrutura burocrática criada para satisfazer os anseios da comunidade estudantil da UFFS.

O Estudante 6 relata a seguinte preocupação, “Concluo o curso neste ano, os ex-alunos teriam a opção de participar da cooperativa? ”. O público que uma possível cooperativa pudesse atender, deve ser delimitado na criação de seu Estatuto Social, de fato, quanto maior o quadro social da cooperativa, maior é o capital integralizado pela mesma, e maiores serão as possibilidades e abrangência, podendo não se restringir apenas a estudantes.

O Estudante 7 destaca que “Cooperativas devem ser feitas por um interesse comum”. Como se pode perceber, os interesses dos estudantes estão postos na pesquisa anteriormente apresentada, em que se percebe que os estudantes buscam, acima de defesa econômica, a sua defesa cultural e social, através de serviços variados que possibilitem a viabilidade de uma organização cooperativista.

Como destaca o Estudante 8, “Julgo interessante e possível a idéia”, neste sentido também, o Estudante 9 corrobora com a consideração de que “caso venha ser implementada a cooperativa serei grande apoiadora e consumidora”.

Por fim o Estudante 10 salienta a importância da formação do capital para a consolidação da cooperativa e evitar a sua liquidação.

“Faz se necessário quando se pensa em criar uma cooperativa que ela já comece com um certo valor aquisitivo considerável pois gera um custo elevado no início. Porém é importante enfatizar também que quando se é um associado o cargo se mantém 'nas horas boas e ruins' caso a cooperativa não der certo e fechar em prejuízo, seus sócios serão responsáveis para sanar suas dívidas. Porém se há lucro será dividido os mesmo de acordo com o capital de cada cliente”.

Conforme já enfatizado pelo Estudante 2, a questão da responsabilidade do associado com relação a sobras ou prejuízos é um risco corrido por qualquer instituição, o fator que diferencia uma cooperativa de uma instituição privada comum é o fato de que suas sobras ou prejuízos são divididos entre os seus associados. Com a principal diferença de que as sobras divididas, quando divididas, são de acordo com a sua movimentação financeira do cooperado.

A presente pesquisa também revelou uma série de apoiadores, que buscaram auxílio por meio da iniciativa gerada pela presente pesquisa. As iniciativas apresentadas a seguir dizem respeito a estudantes que buscaram o autor do presente trabalho em particular, não tendo vínculo com o questionário.

Em uma das situações, um estudante relata o desejo de um grupo em comercializar livros na universidade, destacando também a comercialização de qualquer produto, e que no momento, sem a permissão da instituição, há a necessidade de abandonar a sua atividade comercial, e também uma parcela importante da sua renda.

Em uma segunda abordagem, uma estudante expôs a sua total colaboração e interesse em participar de uma cooperativa na UFFS, e também expõe a sua ideia de integrar o serviço de “moda sustentável”, ou também conhecidos como brechós, incentivando a comercialização de roupas usadas. Em uma última abordagem, pessoalmente, um estudante manifestou o seu apoio para a criação de uma cooperativa e se dispôs a participar no que for preciso.

Como se pode perceber, os interesses são diversos, e de uma forma ou de outra, existe um número considerável de pessoas engajadas a defenderem propósitos comuns. As preocupações quanto a constituição de uma cooperativa são consideráveis e devem sempre ser

discutidas, para que, em caso da constituição de uma cooperativa, os desafios sejam contornados através do conhecimento construído coletivamente.

4.3. ESTRATÉGIAS DE AÇÃO PARA A CONSTITUIÇÃO DE UMA COOPERATIVA NA UFFS

Munido de um arsenal teórico e principalmente prático e experiencial, consideram-se algumas questões relevantes para a constituição de uma cooperativa na UFFS campus Chapecó. Através da pesquisa realizada com os acadêmicos do campus e das experiências apresentadas, podem-se destacar algumas ações que possam vir contribuir com a constituição e consolidação de uma cooperativa de estudantes na universidade.

Inicialmente, destaca-se na pesquisa realizada, pontos caracterizando a desconfiança dos estudantes com relação ao trabalho dos colegas, característica hoje, muito presente na sociedade individualista. Tal fato, só pode ser revertido através da convivência e do conhecimento do grupo e da instituição pautada, caso contrário, uma cooperativa que se constitui com base na desconfiança mútua e no conflito de interesses, se vencer o processo de constituição, não vence o processo de consolidação. É preciso chegar a um grupo de interesses afins, pautados em uma relação de respeito e dedicação de todos.

O processo proposto não parece fácil, mas destacam-se medidas que podem auxiliar. Medidas como a realização de reuniões periódicas entre um possível grupo fundador, e também com a comunidade acadêmica da universidade, na qual se discute a razão de existir da cooperativa, as principais demandas e resultados esperados, além de pensar em soluções e a divisão de tarefas para a realização de cada passo na constituição da cooperativa. Outro importante fator para gerar confiança é a transparência nas ações e atitudes.

Existe uma grande lacuna de conhecimento no que diz respeito ao cooperativismo na universidade. Embora seja uma região cujos traços de desenvolvimento possuem forte contribuição cooperativista, a educação cooperativista parece não estar colaborando com a disseminação de uma cultura cooperativista. Dessa forma, o conhecimento sobre o tema cooperativismo, sobre os princípios cooperativistas, da estrutura societal e do destino das sobras de uma cooperativa, precisam ser amplamente discutidas e, principalmente, disseminadas muito antes de se pensar em formar uma estrutura burocrática. Tendo em vista a viabilidade de uma cooperativa, os fatores mencionados acima, merecem destaque em palestras, seminários, rodas de conversa, em cartazes e materiais de divulgação diversos. Promovendo a conscientização dos estudantes, bem como o engajamento ou não, dos mesmos para constituírem a cooperativa.

Tanto a percepção dos estudantes, quanto a da sua rede de relacionamento, demonstram que o cooperativismo exerce um papel importante na sociedade e um impacto positivo na vida das pessoas da região. Dessa forma, os bons exemplos de cooperativas devem entrar em pauta, e os melhores exemplos merecem ser reconhecidos. Neste sentido estudantes devem expor exemplos de boas práticas cooperativistas e também das práticas ruins evitando que a mesma possa vir a ocorrer na cooperativa, através de rodas de conversa, ou até mesmo, uma urna que possa armazenar opiniões e exemplos de forma prática e anônima, permitindo a colaboração dos estudantes tanto na constituição, quanto na sua manutenção.

O alicerçamento de uma cooperativa de estudantes está na manutenção de seus associados e também na prospecção de novos cooperados, mantendo a viabilidade da cooperativa ao longo do tempo. Neste sentido, recomenda-se que seja realizado um planejamento bem estruturado, visando agregar serviços que possibilitem vantagens reais aos seus associados, como por exemplo, programas de pontuação por consumo, retornando ao associado em forma de benefícios proporcionais ao seu consumo na cooperativa. Outra forma de atrair novos cooperados seria através de eventos educativos e também campanhas de marketing na universidade.

Outra situação observada e que necessitaria de ações para a o seu desenvolvimento, se trata do número reduzido de estudantes interessados em fazer parte da diretoria da cooperativa. Uma das ações mais frequentes e que poderiam ser tomadas nos primeiros anos da cooperativa, até a mesma despertar a participação efetiva dos alunos, se refere a uma renovação parcial da diretoria a cada nova eleição. Assim como se sugere o tempo de gestão de cada pleito de dois anos, como é o caso da maioria das cooperativas estudantis apresentadas.

Com relação às atividades e ramos de atuação, tomando por consideração o desenvolvimento de todo um trabalho de conscientização e de educação cooperativista, uma cooperativa estudantil poderia iniciar as suas atividades gerindo a central de cópias da universidade, ou a cantina da mesma, fazendo com que se construísse conhecimento e capital para projetos maiores. Destaca-se também que, apesar da viabilidade mercadológica de tal atividade, faz-se necessário também um estudo de viabilidade econômica e financeira, para assegurar que o investimento dos associados terá retornos consideráveis⁷.

Outro ponto importante está relacionado com as escalas de trabalho na cooperativa, da qual para que haja um bom funcionamento da mesma, e para que o trabalho não fique apenas nas mãos de alguns associados, deve-se pensar em uma programação semanal da escala de

⁷ Estudantes de Administração possuem disciplinas específicas em que se realizam planos de viabilidade, se possível, consultar alunos do curso.

trabalho, dividindo-se tarefas, de forma a atender os anseios dos cooperados e também dos consumidores. Como foi o praticado pela Cooperativa 6 no depoimento de seu representante. Esta ação, evitaria que o trabalho da cooperativa sobrecarregasse o tempo escasso de alguns dirigentes e associados, fazendo com que desistam por falta de engajamento da equipe.

Outro fator importante atrelado a sobrevivência da cooperativa, está no valor da cota-capital para se tornar associado. A pesquisa apresentou que existe uma disposição significativa de estudantes que contribuiriam com mais de R\$ 100,00 para constituir a sua cota-capital, mas com vistas a atingir um público maior, deve-se considerar nos estudantes em situação de vulnerabilidade econômica, que por ventura não teriam esse valor. Por meio da pesquisa, pode-se definir que um valor bastante significativo para a construção do capital da cooperativa seria algo próximo de R\$ 60,00 em cota-capital, podendo este valor, ser integralizado em até três vezes.

Como se pôde perceber nas respostas dos questionários, existe um grupo expressivo de estudantes que possuem expectativas elevadas sobre o cooperativismo, destaca-se que uma cooperativa de estudantes é possível, desde que ela respeite os ideais cooperativistas e ofereça inovação aos seus cooperados. Resume-se a seguir, em um plano de ação, as medidas anteriormente citadas como forma de definir estratégias para a constituição e consolidação de uma cooperativa de estudantes na UFFS campus Chapecó.

Quadro 6 - Estratégias de ação para constituir e consolidar uma cooperativa estudantil

O que?	Por quê?	Quem?	Quando?	Onde?	Como?	Quanto?
Construir a confiança da equipe	Sem confiança mútua não existe cooperação	Grupo fundador e estudantes da UFFS	Já nos primeiros encontros	Na UFFS	Reuniões periódicas e transparência nas ações e atitudes	Não mensurável
Gerar conhecimento sobre cooperativismo	Para que os estudantes saibam do que realmente se trata uma cooperativa e a sua importância	Grupo fundador, professores, palestrantes e escritores da área	Qualquer momento	Na UFFS	Palestras, seminários, rodas de conversa, cartazes e materiais de divulgação diversos	Não mensurável
Apresentação de exemplos	Ampliar o campo de conhecimento e aprender	Dirigentes ou ex dirigentes de	Antes da constituição da cooperativa	Na UFFS ou em visita a	Debates, rodas de conversas, urnas de opinião	Não mensurável

	com as experiências	cooperativas	ou qualquer momento	cooperativas		
Definir o ramo de atuação	Demonstrar o objetivo da existência da cooperativa e definir o seu planejamento	Grupo fundador e estudantes da UFFS	Antes da constituição da cooperativa	Na UFFS	Por meio de reuniões definindo opções e assembleia geral apresentando-as aos estudantes	Não mensurável
Prospecção e manutenção de associados	Manutenção e expansão do quadro social	Diretoria e cooperados	Diariamente	Na UFFS	Programas que demonstrem vantagens reais, eventos educativos, campanhas de marketing	Não mensurável
Constituição da cooperativa	Garantir a legalidade da instituição	Grupo fundador e estudantes da UFFS	Durante o processo de constituição da cooperativa	Na UFFS ou na cidade de Chapecó	Realizar a assembleia de constituição; Permissões para atuação junto a UFFS; Registro na Junta Comercial; Registro na OCESC;	Passível de pesquisa
Aumento do interesse em ser dirigente	Evitar a dissolução por falta de candidatos a diretoria	Diretoria e cooperados	Diariamente	Na UFFS	Renovação parcial da diretoria da cooperativa	Não mensurável
Definição das atividades da cooperativa	Evitar investimentos que levem a prejuízos consideráveis	Grupo fundador e estudantes da UFFS	Já nos primeiros encontros	Na UFFS	Estudo de viabilidade econômica e financeira	Não mensurável
Realizar escalas de trabalho	Evitar sobrecarga de trabalho e esforço por parte de alguns estudantes	Grupo fundador/diretoria	Já nos primeiros encontros, diariamente	Na UFFS	Programação semanal em escala de trabalho e divisão de tarefas	Não mensurável
Valor acessível para associação	Possibilitar maior número de associações e respeitar as condições econômicas de cada estudante	Grupo fundador/diretoria	Na constituição da cooperativa	Na UFFS	Cota-capital de R\$ 60,00 com possibilidade de parcelamento	Não mensurável

Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

O plano de ação pode ser utilizado como um direcionador estratégico da cooperativa, bem como norteador das ações de um grupo fundador, evitando assim, o desgaste pela repetição de erros cometidos no passado e possibilitando a consolidação de uma cooperativa bem estruturada. Destaca-se ainda, a importância dessas ações no desenvolvimento da educação e da cultura cooperativista, promovendo acima de tudo a integração, a solidariedade e a construção de conhecimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordando o tema do cooperativismo estudantil, identificou-se certa deficiência de estudos, o tema não possui um quantitativo considerável de publicações, mas apresenta alguns estudos interessantes na área.

O referido trabalho teve como objetivo geral propor estratégias para fomentar o comportamento cooperativista para a constituição de uma cooperativa de estudantes na UFFS campus Chapecó/SC. Buscou-se inicialmente, apresentar experiências de cooperativas estudantis, analisando alguns fatores motivadores para a sua constituição, suas dificuldades e aspectos voltados a participação dos associados nos processos de autogestão e de operacionalização das atividades da cooperativa. Neste processo, percebeu-se que as cooperativas escola dos Centros de Educação Profissionalizantes (CEDUPS), foram criados como alternativa a precarização ou inviabilização do modelo de ensino Colégio Agrícola.

Entrevistou-se representantes de seis cooperativas, sendo três cooperativas escola do estado de Santa Catarina e três cooperativas do estado do Rio Grande do Sul, sendo uma delas, a maior cooperativa da América Latina em seu ramo de atuação. Outra vertente do estudo buscou analisar a viabilidade mercadológica para a constituição de uma cooperativa de estudantes na UFFS campus Chapecó, obtendo-se assim, a colaboração espontânea de 269 estudantes.

As cooperativas escola de Santa Catarina foram fundadas pela iniciativa de professores e colaboradores dos CEDUPS com o propósito de manter o colégio operante. A gestão financeira e estratégica dessas cooperativas é, basicamente, realizada por funcionários do estado e não pelos próprios associados. Nesta perspectiva, o modelo de gestão das cooperativas escola infringem o princípio da autogestão, da independência e autonomia. Contudo, a razão de existir dessas cooperativas possui um sentido muito mais profundo, o fato, é que sem as cooperativas escola, os CEDUPS não conseguem manter suas atividades, podendo fechar as portas por sucateamento, devido ao baixo investimento do estado neste modelo de ensino. A contribuição dessas cooperativas à sociedade é imensurável e ultrapassa os limites do cooperativismo, pois propiciam uma educação de excelente qualidade, com a estrutura necessária para um processo de ensino-aprendizado eficiente, resolvendo diversos problemas existentes em colégios públicos.

A gestão das cooperativas escola possuem como característica, instituída por lei, a coordenação de um professor orientador, o mesmo deve acompanhar as ações e auxiliar os estudantes com a gestão da cooperativa e de seus recursos. Contudo, não é possível considerar

que uma cooperativa, sejam gerenciados por estudantes egressos do ensino fundamental. Neste ponto de vista, faz-se necessário a aplicação do que é constituído por lei, não devendo a cooperativa ser gerenciada por funcionários do estado, mas sim, com o seu apoio.

Destaca-se que três das seis entrevistas realizadas com representantes das cooperativas, foram por meio de questionário enviado por e-mail ou por rede social, fazendo com que, se tenha um contato menor com o entrevistado, e conseqüentemente, se obtenha menos informações e aspectos importantes do contexto estudado.

Quanto às cooperativas do Rio Grande do Sul, ambas respeitam o que é instituído por lei, dado algumas peculiaridades. Diferente das cooperativas dos CEDUPS, as cooperativas do Rio Grande do Sul, não foram constituídas para manter um colégio, mas sim, para a melhoria das condições de seus associados, e também como uma espécie de experimento. Essas características diferenciam as cooperativas dos dois estados.

É possível assim, abstrair uma série de elementos de sucesso e insucesso, que poderiam ser usados como exemplo para a constituição de uma cooperativa estudantil nos dias de hoje.

O segundo objetivo específico, buscou traçar o perfil dos estudantes da UFFS campus Chapecó, bem como analisar o conhecimento sobre questões fundamentais sobre o cooperativismo e por fim, verificar a predisposição dos estudantes a cooperação.

Inicialmente percebeu-se que, como é de característica do público universitário, os estudantes e potenciais associados de uma cooperativa, são bastante jovens. Os respondentes em sua grande maioria são do gênero feminino, estudantes e funcionários de empresas privadas, tendo assim, uma atividade econômica remunerada.

Das características de perfil, todos os estudantes questionados são propensos a cooperação, com exceção da confiança no trabalho de outras pessoas, fator este que deve ser trabalhado. O nível geral de conhecimento sobre o cooperativismo e suas principais características é baixo e a percepção dos estudantes e de sua rede de relacionamentos sobre o tema é bastante positiva. Torna-se bastante evidente também, que ao se tornarem associados de uma cooperativa, os estudantes busquem por ter acesso facilitado a produtos e serviços estudantis.

Existe um grande interesse por parte dos estudantes, em fazer parte do quadro social de uma cooperativa, e a predisposição em fazer parte de eventos promovidos por uma cooperativa de estudantes. O interesse reduz consideravelmente quando se trata de fazer parte da diretoria, o motivo pode estar no fato dos estudantes terem pouco tempo disponível para atividades extraclasse e em algumas situações, os mesmos não estão dispostos a assumirem maiores responsabilidades. Pode-se considerar que um valor considerável para cota-capital na

cooperativa seria de R\$ 60,00, possibilitando a mesma, captar fundos para constituir a cooperativa e possibilitar o acesso a um público maior de estudantes. Nesta perspectiva, existe um grande interesse dos estudantes em consumir produtos e serviços de uma cooperativa no campus da UFFS.

O trabalho objetivou ainda apontar estratégias a serem adotadas para a viabilização do processo de constituição de uma cooperativa de estudantes na UFFS. Essas medidas possuem a intenção de resolver uma série de problemas atreladas a questões sociais e operacionais, que por ventura atrapalhariam o processo de construção coletiva de uma cooperativa, como a geração do conhecimento sobre o cooperativismo na universidade, a definição das atividades e benefícios gerados para os associados por meio de estudo de viabilidade econômica e financeira, a prospecção de novos associados e o aumento do interesse por parte dos alunos em ser dirigente da cooperativa.

Considerando as experiências cooperativistas apresentadas e a pesquisa realizada com os estudantes, considera-se viável a constituição de uma cooperativa de estudantes na UFFS campus Chapecó, desde que, a mesma, passe por um processo de construção coletiva, obedecendo os princípios cooperativistas e, principalmente, passe por um estudo de viabilidade econômica e financeira, que comprove a sua consolidação no tempo.

Como indicações para estudos futuros, considera-se tratar um plano de viabilidade econômica e financeira para uma cooperativa de estudantes na UFFS, estudos voltados a relação entre as cooperativas escola e os CEDUPS do estado de Santa Catarina e também, a possibilidade da implantação de uma cooperativa descentralizada na universidade.

As pesquisas em geral apresentam alguns fatores limitantes, neste sentido, discute-se alguns aspectos que limitaram de alguma forma o presente estudo. Um dos fatores limitadores se refere a utilização de alguns termos bastante específicos do cooperativismo no questionário aplicado junto aos estudantes da UFFS, o que pode gerar uma rejeição por parte de alguns alunos leigos no assunto, fazendo com que não respondessem a pesquisa, ou não compreendam o seu objetivo. Outro limitador apresentado pelo questionário, como o mesmo não solicitava a apresentação de nomes ou a realização de um login prévio para a sua resposta, pessoas que não fazem parte da comunidade acadêmica da UFFS campus Chapecó poderiam estar respondendo a pesquisa.

Pôde-se perceber também, que a falta de uma estratificação de amostras por curso, pode ter produzido um viés vindo a distorcer as respostas, pois, 44,6% dos respondentes totais foram do curso de Administração, sendo um curso que apresenta disciplinas voltadas ao cooperativismo e também por se tratar do curso do autor da presente pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, José. **Associativismo e Cooperativismo**: Como a união de pequenos negócios empreendedores pode gerar emprego e renda no Brasil. Rio de Janeiro, Interciência, 2004.
- ANDRIOLI, Antônio Inácio. **Trabalho coletivo e educação**: um estudo das práticas cooperativistas do PCE – Programa de Cooperativismo nas Escolas – Na região Fronteira Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. 2. Ed. – Ijuí: Editora Unijuí, 2007. – 264 p.
- APPOLINÁRIO, Fabio. **Metodologia da ciência**: Filosofia e prática da pesquisa. São Paulo: Cengage Learning, 2011.
- AZAMBUJA, Lucas Rodrigues. Os Valores da Economia Solidária. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 21, n. 11, p.282-317, jul. 2009. Semestral. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/12.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2018.
- BIALOSKORSKI, Neto Sigismundo. **Aspectos Econômicos das Cooperativas**. Belo Horizonte: Mandamentos, 2006.
- CANÇADO, Airton Cardoso. **AUTOGESTÃO EM COOPERATIVAS POPULARES: OS DESAFIOS DA PRÁTICA**. 2004. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Administração, Núcleo de Pós-graduação em Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004. Disponível em: <<http://www.adm.ufba.br/pt-br/publicacao/autogestao-cooperativas-populares-os-desafios-pratica>>. Acesso em: 19 fev. 2018.
- CASA CIVIL. Constituição (1971). Legislação nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971. Define a Política Nacional de Cooperativismo, institui o regime jurídico das sociedades cooperativas, e dá outras providências. **Lei Nº 5.764, de 16 de Dezembro de 1971**.: Da Política Nacional de Cooperativismo. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5764.htm>. Acesso em: 09 nov. 2017.
- CRÚZIO, Helnon de Oliveira. **Como organizar e administrar uma cooperativa**: uma alternativa para o desemprego. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- CRÚZIO, Helnon de Oliveira. POR QUE AS COOPERATIVAS AGROPECUÁRIAS E AGROINDUSTRIAS BRASILEIRAS ESTÃO FALINDO? **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 39, n. 2, p.18-26, jun. 1999. Trimestral.
- EXPRESSÃO DO COOPERATIVISMO GAÚCHO**. Porto Alegre: SESCOOP/RS, v. 6, 2016. Anual. Disponível em: <<http://www.sescoopr.rs.coop.br/app/uploads/2017/07/sescoopr-s-expressao-cooperativismo-gaicho-2017.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2017.
- FONSECA, Jairo Simon da; MARTINS, Gilberto de Andrade. **Curso de estatística**. 6. ed. – São Paulo: Atlas, 2009.
- FRANTZ, Walter. **Associativismo, cooperativismo e economia solidária**. Ijuí: Editora Unijuí, 2012. 162 p. (Coleção educação à distância. Série livro-texto). Disponível em: <[http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/963/Associativismo, cooperativismo e economia solidária.pdf?sequence=1](http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/963/Associativismo,%20cooperativismo%20e%20economia%20solidaria.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 15 nov. 2017.

GAWLACK, Albino; RATZKE, Fabiane. **Cooperativismo: primeiras lições**. 3. ed. Brasília: Sescop, 2007. 112 p. Disponível em: <<http://www.ocbmt.coop.br/TNX/storage/webdisco/2009/12/28/outros/f2acdd6df5f27518fd2c908db92a1275.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2009. (Série Educação a Distância).

INTERNATIONAL CO-OPERATIVE ALLIANCE (Belgica). **Co-operative identity, values & principles**. 2017. Disponível em: <<https://ica.coop/en/whats-co-op/co-operative-identity-values-principles>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

KOTLER, Philip; KELLER, Kevin Lane *Administração de marketing*. 12. ed. – São Paulo: Pearson Prearson Prentice Hall, 2006.

LAGO, Adriano; SILVA, Tania Nunes da. **Fatores condicionantes do desenvolvimento de relacionamentos intercooperativas no cooperativismo agropecuário**. Porto Alegre: Sescop/RS, 2011. 206 p.

LAS CASAS, Alexandre Luzzi. **Administração de Marketing: conceitos, planejamento e aplicações à realidade brasileira**. São Paulo: Atlas, 2012.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2012.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa: Planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças de. **Manual de gestão de cooperativas: uma abordagem prática**. 5. ed. –São Paulo: Atlas, 2011.

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS. **O que é Cooperativismo**. Disponível em: <<http://www.ocb.org.br/o-que-e-cooperativismo>> . Acesso em: 29 de set. 2017.

SCHNEIDER, José Odelso. Cooperativismo e desenvolvimento sustentável. **Otra Economía**, [s.l.], v. 9, n. 16, p.95-104, 16 abr. 2015. UNISINOS - Universidade do Vale do Rio Dos Sinos. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/otraeconomia/article/viewFile/otra.2015.916.07/4674>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

SILVA, Alisson da et al. **Gestão da Qualidade: aplicação da ferramenta 5W2H como plano de ação para projeto de abertura de uma empresa**. In: 3ª SIEF – Semana Internacional das Engenharias da FAHOR e 7º Seminário Estadual de Engenharia Mecânica e Industrial. Congresso. Horizontina: FAHOR, 2013. Disponível em: <http://www.fahor.com.br/publicacoes/sief/2013/gestao_de_qualidade.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2018.

SINDICATO E ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Números**. Disponível em: < <http://www.ocesc.org.br/itens/numeros>>. Acesso em: 01 de out. de 2017.

SINGER, Paul. Economia Solidária. In CATTANI, Antonio David. (Org.). A outra economia. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.

SOUZA, Antônio Carlos de; FIALHO, Francisco; OTANI, Nilo. **TCC: Métodos e Técnicas**. Florianópolis: Visual Books, 2007. 160 p.

TEIXEIRA, Enise Barth; ZAMBERLAN, Luciano; RASIA, Pedro Carlos. **Pesquisa em Administração**. Ijuí: Editora Unijuí, 2009. 232 p. (Coleção educação a distância. Série livro-texto).

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL. Apresentação. Disponível em: <https://www.uffs.edu.br/institucional/a_uffs/a_instituicao/apresentacao>. Acesso em: 01 de outubro de 2017.

URDAN, André Torres; URDAN, Flávio Torres. **Marketing estratégico no Brasil: teoria e aplicações**. São Paulo: Atlas, 2010.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. – 14. Ed. – São Paulo: Atlas, 2013.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1) Como foi o processo de constituição da COOPERATIVA X?
- 2) Quais foram as maiores dificuldades da COOPERATIVA X para se constituir e se consolidar?
- 3) Como se dá o processo de mudança de diretoria da cooperativa ao longo do tempo?
- 4) Como se deu o processo de a autogestão da cooperativa ao longo de sua história?
- 5) Como é o processo de atrair novos cooperados e manter a sustentabilidade da cooperativa no tempo?
- 6) Há um tempo máximo que o estudante pode ser cooperado, ou uma vez se associando, ele permanece associado?
- 7) Quem pode se associar a COOPERATIVA X?
- 8) Há cobrança de taxa de inscrição e/ou mensalidade para se associar à cooperativa? Se sim, de quanto é a taxa para inscrição e/ou anualidades?
- 9) Como se dá o processo de prestação de contas da cooperativa para os estudantes?
- 10) Como se dá a participação dos estudantes na gestão da cooperativa hoje?
- 11) A COOPERATIVA X distribui sobras aos cooperados? O que é feito com o dinheiro arrecadado pela cooperativa?

APÊNDICE B – FORMULÁRIOS ENVIADO AOS ESTUDANTES

Percepção sobre cooperativismo

Prezado (a) estudante da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Campus Chapecó. Meu nome é Franco Ruver, sou acadêmico da 9ª fase do curso de Administração da UFFS. Estou realizando uma pesquisa para meu Trabalho de Conclusão de Curso, e em uma das vertentes do meu estudo, busco analisar quais são as percepções dos estudantes da UFFS, quanto ao tema cooperativismo, e qual é a parcela de alunos que realmente se interessa pelo tema.

A sua colaboração em responder esse questionário é de extrema relevância para minha formação profissional, saliento que as informações obtidas serão sigilosas, não sendo divulgada a identificação de nenhum participante. Comprometo-me a utilizar os dados e o material coletados somente para esta pesquisa.

***Obrigatório**

Idade: *

- 18 a 24
- 25 a 31
- 32 a 38
- 39 a 45
- 46 a 54
- 55 a 61
- Mais de 61 anos

Gênero: *

- Feminino
- Masculino

Estado Civil: *

- Casado
- Divorciado
- União estável
- Solteiro
- Viúvo

Ocupação: *

- Autônomo
- Desempregado
- Dona (o) de casa
- Empresária (o)
- Funcionária (o) de empresa privada
- Estudante
- Funcionária (o) público
- Produtor (a) Rural
- Profissional liberal
- Outro: _____

Renda proveniente de:

- Atividade econômica remunerada
- Atividades de pesquisa/extensão remunerada
- Auxílio estudantil
- Economia familiar
- Outro: _____

Qual o seu curso? *

- Administração
- Agronomia
- Ciência da computação
- Ciências sociais
- Enfermagem
- Engenharia ambiental e sanitária
- Filosofia
- Geografia
- História
- Letras (Português e Espanhol)
- Matemática
- Medicina
- Pedagogia
- Outro: _____

Teste de conhecimento sobre cooperativismo

Avalie em nível de escala, o quanto cada afirmação coincide com seu conhecimento sobre o cooperativismo. De 1 a 5 em que 1 significa BAIXO/POUCO e 5 MUITO/BASTANTE.

Das características a seguir, quais mais se enquadram a seu perfil? *

- Gosto de compartilhar experiências
- Procuro não me envolver com questões alheias
- Costumo confiar no trabalho dos outros
- Tenho iniciativa e busco mudanças
- Acredito que faço o melhor trabalho sozinho
- Não me importo em dividir responsabilidades

Seu nível de conhecimento sobre cooperativismo. *

De 1 a 5 avalie o que você sabe sobre cooperativismo, sendo 1 Pouco e 5 Muito.

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Qual a sua percepção sobre o cooperativismo na sociedade atual. *

O cooperativismo está sendo algo positivo para a sociedade?

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Seu conhecimento sobre os sete princípios cooperativistas. *

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Você conhece o funcionamento da estrutura societária de uma cooperativa? *

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Seu conhecimento sobre o que são sobras em uma cooperativa.

*

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

O seu nível de conhecimento sobre autogestão. *

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Na percepção da sua rede de relacionamentos, uma cooperativa significa algo: *

Muito ou pouco vantajoso para os associados?

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

A cooperativa na UFFS.

Nesta seção, busca-se saber qual a pré disposição dos estudantes da UFFS para a cooperação e

Caso fosse criada uma cooperativa de estudantes na UFFS Campus Chapecó, avalie seu nível de interesse em ser associado. *

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Caso você fosse associado de uma cooperativa, o que você esperaria da mesma? *

- Retorno financeiro
- Espaço para desenvolver novas habilidades e competências
- Ter acesso facilitado a produtos e serviços estudantis
- Espaço para compartilhar conhecimentos
- Viver uma nova experiência
- Espaço para empreender em um ambiente colaborativo
- Conhecimento sobre o funcionamento de uma empresa
- Outro: _____

Seu interesse em participar de eventos promovidos por uma provável cooperativa de estudantes na UFFS. *

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Seu interesse em fazer parte da Diretoria da cooperativa. *

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Qual o seu tempo disponível para participar de uma cooperativa? *

- de 1 a 4 horas semanais
- de 4 a 8 horas semanais
- Mais de 8 horas semanais
- Não tenho tempo

Caso tivesse interesse em ser associado de uma cooperativa, quanto recurso financeiro teria disponível para constituir o seu capital? *

- De R\$ 10,00 á R\$ 30,00;
- De R\$ 30 á R\$ 60,00;
- De R\$ 60,00 a R\$ 100,00;
- Mais do que R\$ 100,00
- Não teria recursos financeiros

Se uma cooperativa de estudantes se instalasse na UFFS, avalie seu interesse em consumir produtos/serviços da mesma. *

1	2	3	4	5
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Dentre as atividades a seguir mencionadas, assinale quais tipos de produtos/serviços consumiria: *

- Agrícola (produção dos alimentos consumidos no câmpus)
- Alimentação (comercialização de alimentos na cantina, Food Trucks)
- Consumo (venda de itens dos cursos, moletons, camisetas, canecas)
- Gestão (xerox, restaurante universitário)
- Papelaria (Compra conjunta de livros, cadernos personalizados, materiais escolares em geral)
- Saúde (drogaria, ambulatório)
- Educação (oferta de cursos específicos)
- Entretenimento (Festas, formaturas)
- Trabalho (Prestação de serviços em geral)
- Feiras de economia solidária

Demais considerações que julgue importantes:

Sua resposta
